

# A alma dorme no mineral?



*Paulo Neto*

# A alma dorme no mineral?

“A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica.”

(Espíritos Superiores, *LE*, q. 136a).

*Copyright 2014 by*

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

[http://reconnectingwithyoursoul.com/storage/Title%20rwys.jpg?  
\\_SQUARESPACE\\_CACHEVERSION=1319850514530](http://reconnectingwithyoursoul.com/storage/Title%20rwys.jpg?_SQUARESPACE_CACHEVERSION=1319850514530)

Revisão:

João Frazão de Medeiros Lima

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: [www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net)

e-mail: [paulosnetos@gmail.com](mailto:paulosnetos@gmail.com)

Belo Horizonte, agosto/2014.

# Índice

Prefácio.....	5
1. Introdução.....	9
2. Na Codificação.....	13
3. Estudiosos dos primórdios da Codificação.....	107
3.1 – Léon Denis.....	107
3.2 – Camille Flammarion.....	114
3.3 – Gabriel Delanne.....	116
3.4 – Oliver Joseph Lodge.....	127
3.5 – Ernesto Bozzano.....	128
4. Estudiosos ulteriores à Codificação.....	132
4.1 – Cairbar Schutel.....	132
4.2 – Durval Ciamponi.....	133
4.3 – Dr. Ary Lex.....	135
4.4 – José Herculano Pires.....	144
5. De onde teria vindo essa ideia?.....	149
5.1 – Dos Espíritos envolvidos na Codificação?.....	149
5.2 – De culturas que aceitam a transmigração da alma?.....	157
5.3 – Da teoria do pampsiquismo proposta por Geley?.....	160
5.4 – Da escola sufista?.....	164
5.5 – Da “Revelação da Revelação”?.....	165
5.6 – Do Espírito Adelino da Fontoura?.....	175
5.7 – Da coleção “André Luiz” pelo médium Chico Xavier?.....	177
5.8 – De Joanna de Ângelis (Espírito)?.....	191
6. Conclusão.....	195
7. Referências bibliográficas.....	208

## Prefácio

Este importante E-book muito bem construído em cima de preciosos detalhes começa indagando sobre duas frases existentes na literatura espírita: a primeira informada por Léon Denis (tido como sendo o continuador do espiritismo após o desencarne de Allan Kardec): “Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda,...” (*O Problema do Ser, do Destino e da Dor*). A segunda do prof. J. Herculano Pires que além da obra informada por Paulo Neto neste e-book, diz na introdução que escreveu para comemorar o centenário do lançamento de *O Livro dos Espíritos* (1957), em referência a resposta da questão 540. Diz ele: “A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, se agita no animal e desperta no homem”.

Procurando ir a fundo para explicar a diferença nas informações de Denis/Herculano Pires, o primeiro estudo se faz nas obras básicas do Espiritismo, em especial em *O Livro dos Espíritos*, informando que existe matéria em lugares que ainda ignoramos; que há matéria inerte e outras dotadas de inteligências e que os seres orgânicos têm um princípio vital que serve de força motriz para agir nos mundos materiais. Nesse

sentido outras informações importantes vão surgindo naturalmente no texto nos mantendo atentos e concentrados.

Em que ponto a alma (ou espírito elementar) inicia sua evolução? No mineral? Na planta? No animal ou no homem? É a dúvida que muitos de nós podemos ter ou já a tivemos em algum tempo e ainda podemos estar procurando respostas mais racionais. As diversas obras básicas são vasculhadas, pesquisadas e estudadas atentamente pelo autor conduzindo para mais perto destas respostas tão ansiadas pelos estudiosos deste intrigante tema.

Instinto de conservação, lei de conservação e de destruição fazem parte do processo evolutivo e são bem colocadas e citadas nesta pesquisa conforme os Espíritos superiores informaram em *O Livro dos Espíritos*.

Dizem insistentemente os Espíritos que colaboraram com a revelação da Doutrina Espírita: "Tudo é solidário na Natureza, tudo nela se encadeia e tende para a unidade. É nesse meio universal que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida,... É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito

do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito”, ou seja, um ser integral, ou melhor ainda, na mais pura espiritualidade.

Kardec, no que podemos entender das suas palavras na *Revista Espírita*, setembro de 1865 (Alucinação nos Animais), teria muito a nos informar sobre este assunto, mas, talvez pela cultura e as credences da época em que viveu deu a seguinte explicação para este fato: “UM OUTRO MOTIVO HAVIA FEITO ADIAR A SOLUÇÃO RELATIVA AOS ANIMAIS. ESSA QUESTÃO TOCA PRECONCEITOS HÁ MUITO TEMPO ENRAIZADOS E QUE TERIA SIDO IMPRUDENTE CHOCAR DE FRENTE”. Quer dizer, necessitava ele de argumentos mais sólidos para seguir adiante, por isso, nesse mesmo artigo disse que: “QUANDO VIER A SOLUÇÃO DEFINITIVA, EM QUALQUER SENTIDO QUE ELA OCORRA, DEVERÁ SE APOIAR SOBRE OS ARGUMENTOS PEREMPTÓRIOS QUE NÃO DEIXARÃO NENHUM LUGAR À DÚVIDA;...”. Referindo-se a resposta dada pelos Espíritos a questão 540, disse ele ainda nesse artigo que “O ESPIRITISMO VEIO DAR UMA IDEIA-MÃE, E PODE-SE VER O QUANTO ESTA IDEIA É FECUNDA”. Inclusive, na *Revista Espírita* de março de 1864, no artigo Da Perfeição dos Seres Criados, em tratando do alto alcance dos ensinamentos, da lógica da

rigorosidade com que foram controladas as diversas partes da doutrina, formulada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, havia dito que ainda não era o caso da questão dos animais: Eis por que ainda não o decidimos. Até a constatação mais seria, não se devem aceitar teorias que possam ser dadas a respeito, senão como inventário, e esperar sua confirmação ou sua negação.

Paulo Neto, além das obras básicas do Espiritismo, busca outras fontes para enriquecer ainda mais este tão fascinante tema: Gabriel Delanne, Camille Flamarion, Gustav Geley, André Luiz (Espírito), entre outros importantes autores.

De onde teria vindo a ideia de que a evolução do princípio inteligente se inicia no reino mineral? É o objetivo principal deste precioso e-book. Confira!

Elio Mollo



## 1. Introdução

No meio espírita é comum ouvirmos citarem a frase “A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem.”, como sendo de autoria de Léon Denis (1846-1927). Só que, curiosamente, ninguém havia provado que ele tenha dito exatamente isso. Na busca em que nos empenhamos para encontrá-la, acabamos por nos deparar com ela na obra *Mediunidade: vida e comunicação – Conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais*, de José Herculano Pires (1914-1979):

A Ontogênese Espírita, ou seja, a teoria doutrinária da criação dos Seres (*Do grego: onto é Ser; logia é estudo, ciência*) revela o processo evolutivo a partir do reino mineral até o reino hominal. Essa teoria da evolução é mais audaciosa que a de Darwin. Léon Denis a definiu numa sequência poética e naturalista: *A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem*. Entre cada uma dessas fases existe uma zona intermediária, como se pode verificar nos estudos científicos. Assim, a teoria espírita da evolução considera o homem como um todo formado de espírito e matéria. A própria evolução é apresentada

como um processo dialético de interação entre esses dois elementos primordiais, o espírito e a matéria. Tanto na Ciência como na Filosofia essa teoria da evolução segue o mesmo esquema. Na Religião a encontramos no Oriente. O próprio *Gênese*, livro da Bíblia, como já vimos, admite essa teoria apresentando-a em termos simbólicos: *Deus fez o homem do barro da Terra*. Atualmente, com os trabalhos famosos do Padre Teilhard de Chardin, até mesmo no Catolicismo a evolução se impôs em termos aproximados da teoria espírita. (PIRES, 1987, p. 93-94, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

**Não podemos assegurar que tenha sido Herculano Pires o primeiro a mencionar a frase atribuída a Léon Denis com esse teor; porém, a água na fonte tem bem outro sabor, senão vejamos:**

Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente; a partir daí, o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da Natureza, só se pode realizar pelo acordo da vontade humana com as leis Eternas. (DENIS, 1989, p. 123, grifo nosso).

**Obviamente, mesmo em sentido figurado, “dormir na planta” não é o mesmo que “dormir na pedra”, que é, justamente, o ponto que causa polêmica em nosso meio, pois dela se tira que o princípio inteligente, em**

sua evolução progressiva, tenha passado também pelo reino mineral.

Em que pese toda a sabedoria de Herculano Pires, espírita de primeira linha, pelo qual nutrimos o maior respeito, considerado como quem mais entendia Kardec, não encontramos no Codificador algo que venha a apoiar a hipótese de que o princípio inteligente tenha, sem exceção alguma, evoluído por todos os reinos, especialmente, no reino mineral, que é a nossa proposta nesse estudo.

Bom, a questão, que se nos apresenta, é saber o que Allan Kardec (1804-1869) disse sobre o assunto e se o seu sucessor, Léon Denis, teria dito algo em contrário. Sobre ele é oportuno informar:

Léon Denis (Foug, 1 de janeiro de 1846 – Tours, 12 de Março de 1927) foi um filósofo espírita e um dos principais continuadores do espiritismo após a morte de Allan Kardec, ao lado de Gabriel Delanne e Camille Flammarion. Fez conferências por toda a Europa em congressos internacionais espíritas e espiritualistas, defendendo ativamente a ideia da sobrevivência da alma e suas consequências no campo da ética nas relações humanas. (WIKIPÉDIA).

Não podemos deixar de lembrar a você, caro leitor, que por ter estado muito mais perto de Kardec do

que Herculano Pires, a opinião de Léon Denis, s.m.j., não deve ser relegada a segundo plano.

Uma vez que, na transcrição, são citados Gabriel Delanne (1857-1926) e Camille Flammarion (1842-1925), também não deixaremos de levar em consideração a opinião deles, por terem sido com Denis, os principais continuadores do Espiritismo, o que será feito oportunamente.

## 2. Na Codificação

Julgamos ser necessário transcrever algumas perguntas e respectivas respostas constantes de *O Livro dos Espíritos* a respeito “Dos elementos gerais do Universo”, no qual temos o item “Espírito e Matéria” (p. 73-76), para que o volume de informações que juntamos a esse estudo possa nos proporcionar uma melhor avaliação do tema proposto.

*22. Define-se geralmente a matéria como sendo – o que tem extensão, o que é capaz de nos impressionar os sentidos, o que é impenetrável. São exatas estas definições?*

“Do vosso ponto de vista, elas o são, porque não falais senão do que conheceis. Mas a matéria existe em estados que ignorais. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil, que nenhuma impressão vos cause aos sentidos. Contudo, é sempre matéria. Para vós, porém, não o seria.” (grifo em itálico do original).

O esclarecimento de que há matéria em estados que ignoramos servirá como base para o entendimento da questão seguinte (22-a), pois um espírito, ainda que fora da matéria densa (corpo físico), estará jungido a uma matéria sutil (perispírito).

a) – *Que definição podeis dar da matéria?*

“A matéria é o laço que prende o espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação.”

Deste ponto de vista, pode dizer-se que a matéria é o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual atua o espírito.

(grifo em itálico do original).

Se não levarmos em conta a explicação da questão anterior pode-se pensar que o princípio inteligente tenha que estar, obrigatoriamente, ligado à matéria bruta, para daí concluir que ele iniciou o seu progresso evolutivo no reino mineral.

23. *Que é o espírito?*

“O princípio inteligente do Universo.”

a) – *Qual a natureza íntima do espírito?*

“Não é fácil analisar o espírito com a vossa linguagem. Para vós, ele nada é, por não ser palpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa. Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe.”

24. *É o espírito sinônimo de inteligência?*

“A inteligência é um atributo essencial do espírito. Uma e outro, porém, se confundem num princípio comum, de sorte que, para vós, são a mesma coisa.”

25. *O espírito independe da matéria, ou é apenas uma propriedade desta, como as cores o são da luz e o som o é do ar?*

“São distintos uma do outro; mas, a união

do espírito e da matéria é necessária para intelectualizar a matéria."

a) – *Essa união é igualmente necessária para a manifestação do espírito? (Entendemos aqui por espírito o princípio da inteligência, abstração feita das individualidades que por esse nome se designam.)*

"É necessária a vós outros, porque não tendes organização apta a perceber o espírito sem a matéria. A isto não são apropriados os vossos sentidos."

(grifo em itálico do original).

Portanto, temos que o Espírito e a matéria são, por definição, os dois elementos gerais do Universo, obviamente, distintos um do outro, porém, interligados, de forma que o primeiro se utiliza do segundo para desenvolver seu potencial intelectual e moral.

*26. Poder-se-á conceber o espírito sem a matéria e a matéria sem o espírito?*

"Pode-se, é fora de dúvida, pelo pensamento."

(grifo em itálico do original).

Certamente, que aqui devemos entender a matéria como no estado que conhecemos, ou seja, matéria bruta e com isso compreendermos que nem toda a matéria existente em nosso Planeta, necessariamente, possui um princípio inteligente, que

**Ihe esteja ligado.**

*27. Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito?*

“Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o espírito não o fosse. Está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade Ihe dá.” (grifo em itálico do original).

Um pouco atrás, citamos o perispírito que é composto de matéria sutil e, segundo a explicação acima, ele é “retirado” do fluido universal. É através



dele que o princípio inteligente consegue agir sobre a matéria bruta. Mais à frente voltaremos a essa questão.

*28. Pois que o espírito é, em si, alguma coisa, não seria mais exato e menos sujeito a confusão dar aos dois elementos gerais as designações de – matéria inerte e matéria inteligente?*

“As palavras pouco nos importam. Compete-vos a vós formular a vossa linguagem de maneira a vos entenderdes. As vossas controvérsias provêm, quase sempre, de não vos entenderdes acerca dos termos que empregais, por ser incompleta a vossa linguagem para exprimir o que não vos fere os sentidos.”

Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria destituída de inteligência e vemos um princípio inteligente que independe da matéria. A origem e a conexão destas duas coisas nos são desconhecidas. Se promanam ou não de uma só fonte; se há pontos de contacto entre ambas; se a inteligência tem existência própria, ou se é uma propriedade, um efeito; se é mesmo, conforme a opinião de alguns, uma emanção da Divindade, ignoramos. Elas se nos mostram como sendo distintas; daí o considerarmo-las formando os dois princípios constitutivos do Universo. Vemos acima de tudo isso uma inteligência que domina todas as outras, que as governa, que se distingue delas por atributos essenciais. A essa inteligência suprema é que chamamos Deus. (grifo em itálico do original,

em negrito nosso).

Então, fica claro que, para Kardec, há matéria destituída de inteligência e que, embora o princípio inteligente independa da matéria, ocorre uma ligação entre ambos, cujo momento nos é ainda desconhecido.

Seguindo em frente em nosso estudo, vejamos, primeiramente, o que Kardec pensava sobre a evolução anímica, recorreremos ao que ele disse na “Introdução” da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, datada de 18 de abril de 1857:

Qualquer que seja, é um fato que não se pode contestar, pois é um resultado de observação, é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida, enquanto que essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e que ela é independente da inteligência e do pensamento: que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; enfim, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento, há uma dotada de um senso moral especial que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras, é a espécie humana.

Nós chamamos enfim inteligência animal o princípio intelectual comum aos diversos graus nos homens e nos animais, independente do princípio vital, e cuja fonte

nos é desconhecida. (KARDEC, 2004, p. 3, grifo nosso).

Essa fala é mantida na segunda edição de *O Livro dos Espíritos*, publicada em 18 de março de 1860; porém, o que achamos importante e queremos realçar é que, já desde a primeira edição desse livro, ocorrida, como todos sabemos, em 18 de abril de 1857, Kardec, sem meias palavras, afirma que “a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas” (KARDEC, 2004, p. 3). Parece-nos que, com isso, além de deixar de fora os seres inorgânicos, que é exatamente o caso dos minerais, ele ainda não estende a todos os seres orgânicos a inteligência e o pensamento; porém, somente a “certas espécies”, o que será confirmado mais à frente, quando citarmos a pergunta 71, constante da segunda edição, que será também a fonte que usaremos daqui para frente.

Por ser de suma importância, cabe-nos aqui ressaltar a frase que colocamos em epígrafe, constante da resposta à questão 136a: “A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica”. (KARDEC, 2007a, p. 125, grifo nosso). Ora, essa afirmativa deita por terra toda e qualquer pretensão de colocar o princípio inteligente como tendo passado pelo

mineral, uma vez que ele faz parte dos seres inorgânicos.

Kardec classifica os minerais como inorgânicos, que “são todos os que carecem de vitalidade, de movimentos próprios, e que se formam apenas pela agregação da matéria (KARDEC, 2007a, p. 91, grifo nosso).

Baseando-nos nessa explicação e somando-se ao fato de que ele, por coerência, exclui os seres inorgânicos de possuírem a inteligência e o pensamento, avaliamos que, s.m.j., não há sustentação doutrinária para se concluir que o princípio inteligente possa, em algum momento, ter animado os minerais.

É importante para clarear ainda mais a questão trazermos a definição que Kardec deu para os seres orgânicos:

Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida. Nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, órgãos esses apropriados às necessidades que a conservação própria lhes impõe. Nessa classe estão compreendidos os homens, os animais e as plantas. (KARDEC, 2007a, p. 91, grifo nosso).

E, para que se possa diferenciá-los dos inorgânicos, apresentamos também a definição que Kardec dá a esses:

“Seres inorgânicos são todos os que carecem de vitalidade, de movimentos próprios e que se formam apenas pela agregação da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar, etc”. (KARDEC, 2007a, p. 91, grifo nosso).

Então, segundo Kardec, podemos classificar os seres orgânicos em homens, animais e plantas, cujas características principais de cada um deles é: nascer, crescer, reproduzir-se e morrer, o que, segundo acreditamos, não acontece com os seres inorgânicos, pois, como dito, eles “carecem de vitalidade”.

É oportuno observar bem que Kardec classifica os minerais como seres inorgânicos, o que nos leva a concluir que, conseqüentemente, eles são desprovidos de inteligência e pensamento, uma vez que “são faculdades próprias de certas espécies orgânicas” (KARDEC, 2007a, p. 18).

Essa “fonte de atividade íntima que lhes dá a vida”, certamente, é o princípio vital, sobre o qual Kardec, em *A Gênese*, no “Cap. X – Gênese Orgânica”, esclarece argumentando:

16. – Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constituintes dos minerais, falamos em sentido exclusivamente material, pois que aqui apenas do corpo se trata.

Sem falar do princípio inteligente, que é questão à parte, há, na matéria orgânica, um princípio especial, inapreensível e que ainda não pode ser definido: o *princípio vital*. Ativo no ser vivente, esse princípio se acha *extinto* no ser morto; mas, nem por isso deixa de dar à substância propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas. A Química, que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, também conseguiu decompor os corpos orgânicos, porém jamais chegou a reconstituir, sequer, uma folha morta, prova evidente de que há nestes últimos o que quer que seja, inexistente nos outros.

[...].

18. – Combinando-se sem o princípio vital, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono unicamente teriam formado um mineral ou corpo inorgânico; o princípio vital, modificando a constituição molecular desse corpo, dá-lhe propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica. (KARDEC, 2007e, p. 227-228, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Os seres orgânicos, como dito, têm o princípio vital, necessário para lhes manter a vida, o que não

acontece com os inorgânicos, por não terem vida. Essa diferença é fundamental para entendermos o porquê de Kardec admitir que somente certas espécies os seres orgânicos possuem o princípio inteligente.

Um pouco mais à frente em *A Gênese*, mas ainda no “Cap. X – Gênese Orgânica”, Kardec, explicando a “Escala dos Seres Orgânicos”, diz:

24. Entre o reino vegetal e o reino animal, nenhuma delimitação há nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os zoófitos ou animais-plantas, cujo nome indica que eles participam de um e outro: serve-lhes de traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como aqueles, precisam elas de luz, de calor e de água; estiolam-se e morrem, desde que lhes faltem esses elementos. A absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Oferecem como caráter distintivo mais acentuado se conservarem presas ao solo e tirarem, dele a nutrição, sem se deslocarem.

O zoófito tem a aparência exterior da planta. Como planta, mantém-se preso ao solo; como animal, a vida nele se acha mais acentuada: tira do meio ambiente a sua alimentação.

Um degrau acima, o animal é livre e procura o alimento: em primeiro lugar, vêm as

inúmeras variedades de pólipos, de corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos, só diferindo das plantas pela faculdade da locomoção; seguem-se, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto, os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos sem ossos, alguns deles nus, como as lesmas, os polvos, outros providos de conchas, como o caracol, a ostra; os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta dura, como o caranguejo, a lagosta; os insetos, aos quais a vida assume prodigiosa atividade e se manifesta o instinto engenhoso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns se metamorfoseiam, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem depois a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, ordem que abrange os peixes, os répteis, os pássaros; seguem-se, por fim, os mamíferos, cuja organização é a mais completa. (KARDEC, 2007e, p. 230-231, grifo nosso).

É interessante o fato de que Kardec não apresenta nenhum ponto pelo qual se possa estabelecer alguma ligação entre o reino mineral e o vegetal, como aqui, especificamente, ele o faz entre o vegetal para o animal. Ressalta que **“como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem”**, para com isso enquadrá-los – animais e plantas –, entre os seres orgânicos,



aqueles nos quais se encontra alguns dotados de pensamento e inteligência, com isso Kardec se mantém coerente com o que disse na Introdução da primeira de *O Livro dos Espíritos*, que citamos no início desse tópico.

Em *A Gênese*, no “Cap. XI – Gênese espiritual”, é tratado no tópico específico o assunto “Encarnação dos Espíritos”, do qual transcrevemos:

23. Tomando-se a Humanidade no grau mais ínfimo da escala espiritual, como se encontra entre os mais atrasados selvagens, perguntar-se-á se é aí o ponto inicial da alma humana.

Na opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza e elabora, passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Esse seria para ela, por assim dizer, o período de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal.

Este sistema, fundado na grande lei de unidade que preside à criação, corresponde, forçoso é convir, à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que

deixam então de formar uma categoria de seres deserdados, para terem, no futuro que lhes está reservado, uma compensação a seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem: são os atributos especiais de que ele se apresenta dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam, tornando-o um ser distinto, como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga que lhe deu origem. Por haver passado pela feira da animalidade, o homem não deixaria de ser homem; já não seria animal, como o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto informe que o pôs no mundo.

Mas, este sistema levanta múltiplas questões, cujos prós e contras não é oportuno discutir aqui, como não o é o exame das diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto. Sem, pois, pesquisarmos a origem do Espírito, sem procurarmos conhecer as feiras pelas quais haja ele, porventura, passado, tomamo-lo ao entrar na humanidade, no ponto em que, dotado de senso moral e de livre-arbitrio, começa a pesar-lhe a responsabilidade dos seus atos. (KARDEC, 2007e, p. 247-248, grifo nosso).

Kardec reconhece a coerência da hipótese do princípio inteligente passar pelos diversos graus da animalidade, argumentando que isso representa a manifestação da justiça e bondade de Deus para com os animais; entretanto, não se aprofunda no assunto, para

se manter no foco do tema a que se propôs, que é sobre a Encarnação dos Espíritos e não sobre a evolução do princípio inteligente.

Ainda nesse capítulo, no item 28, lemos:

28. Quando, em um mundo, os Espíritos não realizaram a soma de progresso que o estado desse mundo comporta, deixam-no para encarnar em outro mais adiantado, onde adquiram novos conhecimentos e assim por diante, até que, não lhes sendo mais de proveito algum a encarnação em corpos materiais, passam a viver exclusivamente da vida espiritual, na qual continuam a progredir, mas noutro sentido e por outros meios. [...].

[...].

A coletividade dos Espíritos constitui, de certo modo, a alma do universo. Por toda parte, o elemento espiritual é que atua em tudo, sob o influxo do pensamento divino. Sem esse elemento, só há matéria inerte, carente de finalidade, de inteligência, tendo por único motor as forças materiais, cuja exclusividade deixa insolúveis uma imensidade de problemas. Com a ação do elemento espiritual *individualizado*, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, tudo se explica. Prescindindo da espiritualidade, o homem esbarra em dificuldades insuperáveis. (grifo nosso) (KARDEC,

2007e, p. 250-251)

Afirma-se que, sem o elemento espiritual, só há matéria inerte que é carente de finalidade e de inteligência, portanto, presumimos que o elemento espiritual na matéria temos os seres vivos, e sem ele teremos matéria inerte.

Quando, no livro *A Gênese*, no “Cap. III – O bem e o mal”, Kardec estuda o “Instinto e a Inteligência” fazendo diversas considerações, nas quais vamos encontrar alguma coisa para dirimir possíveis dúvidas.

Diz lá:

*O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles. Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, se volta para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutriente; que a flor se abre e fecha alternativamente, conforme se lhe faz necessário; que as plantas trepadeiras se enroscam em torno daquilo que lhes serve de apoio, ou se lhe agarram com as gavinhas. É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes convém ou prejudica; que buscam, conforme a estação, os climas propícios; que constroem, sem ensino prévio, com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitões macios e abrigos para as suas progênies,*

armadilhas para apanhar a presa de que se nutrem; que manejam destramente as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe choca os filhos e que estes procuram o seio materno. **No homem, só em começo da vida o instinto domina com exclusividade; é por instinto que a criança faz os primeiros movimentos, que toma o alimento, que grita para exprimir as suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para fugir a um perigo, para manter o equilíbrio do corpo; tais ainda o piscar das pálpebras para moderar o brilho da luz, o abrir maquinal da boca para respirar, etc. (KARDEC, 2007e, p. 89, grifo em itálico do original, em negrito nosso).**

**Nessa fala de Kardec fica claro, pelo menos para nós, que ele admite o instinto nas plantas, nos animais e nos homens, exatamente os seres que, por ele, foram classificados como orgânicos. Mas, “o que tem a ver instinto com inteligência?”, poderia você, atento leitor, nos perguntar.**

**Seguindo, temos o item 12:**

*12. – A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias. É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma.*

*Todo ato maquinal é instintivo; o ato que denota reflexão, combinação, deliberação é inteligente. Um é livre, o outro não o é.*

O instinto é guia seguro, que nunca se engana; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, está, por vezes, sujeita a errar.

Ao ato instintivo falta o caráter do ato inteligente; revela, entretanto, uma causa inteligente, essencialmente apta a prever. Se se admitir que o instinto procede da matéria, ter-se-á de admitir que a matéria é inteligente, até mesmo bem mais inteligente e providente do que a alma, pois que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência se equivoca.

Se se considerar o instinto uma inteligência rudimentar, como se há de explicar que, em certos casos, seja superior à inteligência que raciocina? Como explicar que torne possível se executem atos que esta não pode realizar? Se ele é atributo de um princípio espiritual de especial natureza, qual vem a ser esse princípio? Pois que o instinto se apaga, dar-se-á que esse princípio se destrua? Se os animais são dotados apenas de instinto, não tem solução o destino deles e nenhuma compensação os seus sofrimentos, o que não estaria de acordo nem com a justiça, nem com a bondade de Deus. (Cap. II, 19.) (KARDEC, 2007e, p. 89,-90, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

**Pois bem, essa dúvida foi respondida pelos Espíritos, ao afirmarem que o instinto é uma espécie de inteligência. Já na resposta à pergunta 73, é dito que o**

instinto é uma inteligência sem raciocínio. E, um pouco mais à frente, ao comentar a resposta à pergunta 75, o codificador explica:

O instinto é uma inteligência rudimentar, que difere da inteligência propriamente dita, em que suas manifestações são quase sempre espontâneas, ao passo que as da inteligência resultam de uma combinação e de um ato deliberado.

O instinto varia em suas manifestações, conforme às espécies e às suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade. (KARDEC, 2007a, p. 97, grifo nosso).

Portanto, pela ordem, as plantas, os animais e os homens, quer dizer, os seres orgânicos, voltamos a ressaltar, possuem o instinto, que é uma inteligência rudimentar, variando apenas quanto ao grau de sua manifestação; porém, quanto à inteligência e o pensamento, não são genéricos, pois que “são faculdades próprias de certas espécies orgânicas” (KARDEC, 2007a, p. 18, grifo nosso).

É oportuno lembrar que aqui Kardec faz uma distinção entre “inteligência rudimentar” e “inteligência propriamente dita”, embora não tenha entrado em

detalhes para que possamos compreender melhor essa distinção a que se refere; porém, o que é mais importante, é que aqui, neste ponto, trata-se de sua opinião constante de sua última obra e, diante disso, não podemos deixar de ressaltar que Kardec está mesmo admitindo uma inteligência, ainda que rudimentar, nas plantas. Ora, sendo as plantas classificadas como pertencentes ao reino vegetal, é impróprio concluir-se que é nele que Kardec parece localizar o início do processo evolutivo do princípio inteligente.

Levando-se em conta essa provável posição de Kardec, ela vem corroborar a fala de Léon Denis, dita logo no início, de que “Na planta, a inteligência dormita” (DENIS, 1989, p. 123).

Entretanto, até agora, não vimos Kardec atribuindo também aos minerais um instinto e muito menos um princípio inteligente, ou que este tenha, por alguma vez, estagiado nos seres inorgânicos, os quais não vemos como explicar a possibilidade de terem uma inteligência rudimentar, levando-se em conta que não possuem vitalidade; portanto, não estão sujeitos ao ciclo “nascer, crescer, reproduzir-se e morrer”, que é indispensável, segundo acreditamos, daquilo que Kardec disse dos seres orgânicos, para que o progresso



intelectual desse princípio inteligente se realize.

Vejamos algo interessante que nos parece confirmar esse nosso modo de pensar, o qual baseamos em Kardec, quando define os seres orgânicos (KARDEC, 2007a, p. 91), trata-se de uma fala do estudioso Manuel de O. Portasio Filho (?- ), na obra *Deus, Espírito e Matéria*:

*“Naître, mourir, renaître encore et progresser sans cesse telle est la loi”* (“Nascer, viver, morrer, renascer ainda, progredindo sempre; tal é a lei”<sup>1</sup>). A frase encontra-se esculpida no dólmen de Kardec, no Cemitério Père-Lachaise, em Paris, traduzindo assim o princípio basilar da Doutrina Espírita.

Ela expõe a própria essência do processo evolutivo, que se desdobra em nuances no mais das vezes ininteligíveis à mente humana. [...]. (PORTASIO FILHO, 2000, p. 116, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Se essa frase, constante do túmulo de Kardec, traduz “o princípio basilar da Doutrina Espírita”, e, em razão disso, “ela expõe a própria essência do processo evolutivo”, então, s.m.j., aquilo que não se enquadrar nesse princípio, ou seja, no ciclo “nascer, morrer,

---

1 “Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei” (Tradução do adv. João Frazão de Medeiros Lima, 2011).

renascer ainda...”, não teria como trilhar pelo caminho da evolução, que é, segundo o que conseguimos depreender de Kardec, o caso dos seres inorgânicos, nos quais se encontram os minerais.

Há é certo um progresso em tudo; porém, em outro sentido que não este, que estamos falando, conforme podemos apreender do que disse o espírito Santo Agostinho, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, “Cap. III – Há muitas moradas na casa de meu Pai”, item 19, no seguinte parágrafo:

Ao mesmo tempo em que todos os seres vivos progridem moralmente, progridem materialmente os mundos em que eles habitam. Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diferentes fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos destinados e constituí-lo, vê-lo-ia a percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas de degraus imperceptíveis para cada geração, e a oferecer aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável, à medida que eles próprios avançam na senda do progresso. Marcham assim, paralelamente, o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, o dos vegetais e o da habitação, porquanto nada na Natureza permanece estacionário. Quão grandiosa é essa ideia e digna da majestade do Criador! Quanto, ao contrário, é mesquinha e indigna do seu poder a que

concentra a sua solicitude e a sua providência no imperceptível grão de areia, que é a Terra, e restringe a Humanidade aos poucos homens que a habitam! (KARDEC, 2007c, p. 85-86, grifo nosso).

**O esclarecimento a respeito do instinto de conservação vai nos ajudar a clarear mais ainda essa questão. Vejamos em *O Livro dos Espíritos*:**

*702. É lei da Natureza o instinto de conservação?*

“Sem dúvida. Todos os seres vivos o possuem, qualquer que seja o grau de sua inteligência. Nuns, é puramente maquinal, raciocinado em outros.”

*703. Com que fim outorgou Deus a todos os seres vivos o instinto de conservação?*

“Porque todos têm que concorrer para cumprimento dos desígnios da Providência. Por isso foi que Deus lhes deu a necessidade de viver. Acresce que a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres. Eles o sentem instintivamente, sem disso se aperceberem.”

*728. É lei da Natureza a destruição?*

“Preciso é que tudo se destrua para renascer e se regenerar. Porque, o que chamais destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e melhoria dos seres vivos.” (KARDEC, 2007a, p. 378 e 389, grifo em itálico do

original, em negrito nosso).

Do que concluímos que todos os seres vivos que tenham qualquer grau de inteligência, portanto, até mesmo os de “inteligência rudimentar”, possuem o instinto de conservação, que é imprescindível para a conservação da vida, uma vez que esta, a vida, é necessária ao seu progresso e que a destruição é algo primordial para que isso ocorra; então, no que concerne aos minerais, que, como definido por Kardec, são seres inorgânicos, acreditamos que, s.m.j., nada disso se aplica, uma vez que eles não têm vitalidade, conforme o próprio Codificador o disse.

Continuando, vejamos, agora, uma questão que complementa essas três anteriores:

*728. a) - O instinto de destruição teria sido dado aos seres vivos por desígnios providenciais?*

“As criaturas são instrumentos de que Deus se serve para chegar aos fins que objetiva. Para se alimentarem, os seres vivos reciprocamente se destroem, destruição esta que obedece a um duplo fim: manutenção do equilíbrio na reprodução, que poderia se tornar excessiva, e utilização dos despojos do invólucro exterior que sofre a destruição. Esse invólucro é simples acessório e não a parte essencial do ser pensante. **A parte essencial é o princípio**

inteligente, que não se pode destruir e se elabora nas metamorfoses diversas por que passa”. (KARDEC, 2007a, p. 389-390, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Da afirmativa de que “a parte essencial é o princípio inteligente” ao se referir aos seres vivos, os Espíritos Superiores, ao que nos parece, estão restringindo o princípio inteligente somente aos seres vivos; então, a questão é saber se os minerais podem ser considerados seres vivos.

Baseando-nos em Kardec, podemos dizer que não são seres vivos, porquanto enquadram-se como inorgânicos, que, conforme já dito, “[...] carecem de vitalidade, de movimentos próprios e que se formam apenas pela agregação da matéria”. (KARDEC, 2007a, p. 91, grifo nosso).

Vejamos, por oportuno, também a questão que se segue a essa, que acabamos de comentar:

*729. Se a regeneração dos seres faz necessária a destruição, por que os cerca a Natureza de meios de preservação e conservação?*

“A fim de que a destruição não se dê antes do tempo. Toda destruição antecipada obsta ao desenvolvimento do princípio inteligente. Por isso foi que Deus fez que cada ser experimentasse a necessidade de viver e

de se reproduzir". (KARDEC, 2007a, p. 390, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Entendemos que "a necessidade de viver e de reproduzir" é algo indispensável para o desenvolvimento do princípio inteligente, que tem na destruição da matéria de que temporariamente se reveste, no caso, o fato de morrer, um elemento imprescindível e complementar aos dois anteriores – viver e reproduzir, para cumprir-se o processo de evolução. Em resumo, isso nada mais é do que o já falado: "nascer, crescer, reproduzir-se e morrer", característica somente dos seres vivos, aqueles classificados como orgânicos.

E em *O Livro dos Espíritos*, ao trabalhar o conceito de alma, Kardec fala várias coisas, entre elas, destacamos:

Evitar-se-ia igualmente a confusão, embora usando-se do termo *alma* nos três casos, desde que se lhe acrescentasse um qualificativo especificando o ponto de vista em que se está colocado, ou a aplicação que se faz da palavra. Esta teria, então, um caráter genérico, designando, ao mesmo tempo, o princípio da vida material, o da inteligência e o do senso moral, que se distinguiriam mediante um atributo, como os *gases*, por exemplo, que se distinguem se aditando ao termo genérico as palavras *hidrogênio*, *oxigênio* ou *azoto*. Poder-se-ia,

assim dizer, e talvez fosse o melhor, a *alma vital* – indicando o princípio da vida material; a *alma intelectual* – o princípio da inteligência, e a *alma espírita* – o da nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isto não passa de uma questão de palavras, mas questão muito importante quando se trata de nos fazermos entendidos. De conformidade com essa maneira de falar, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a *alma intelectual* pertenceria aos animais e aos homens; e a *alma espírita* somente ao homem. (KARDEC, 2007a, p. 19, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Nessa época, Kardec considerava que a alma intelectual como pertencendo somente aos animais e aos homens; porém, como já vimos, em *A Gênese*, ele afirma a existência nas plantas do instinto, definindo-o como inteligência rudimentar.

Voltando ao livro *A Gênese*, nele encontraremos uma fala de Kardec que, a nosso ver, põe um ponto final sobre como ele próprio via o assunto. Vejamos o trecho em que ele fala da “União do princípio espiritual e da matéria”, no “Cap. XI – Gênese espiritual”, item 10:

Tendo a matéria que ser o objeto de trabalho do Espírito para o desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio

habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Tendo a matéria que ser, ao mesmo tempo, objetivo e instrumento do trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos.

O corpo é, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro envoltório apropriado ao novo gênero de trabalho que deve executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro, à proporção que ele se vai mostrando apto a executar obra mais bem cuidada. (KARDEC, 2007e, p. 241-242, grifo nosso).

Pelo que podemos deduzir dessa fala, se não estivermos tomado gato por lebre, não há como admitir que o princípio inteligente tenha estagiado nos minerais, por terem os seus corpos rígidos, “carecem de vitalidade, e de movimentos próprios e que se formam apenas pela agregação da matéria” (KARDEC, 2007a, p. 91).

Concordamos plenamente com Kardec de que para que o princípio inteligente possa desenvolver-se é necessário que o seu corpo seja flexível, para receber os impulsos de sua vontade e prestar-se a todos os seus movimentos, ou seja, que, realmente, o corpo lhe sirva



de instrumento de manifestação.

Deixando de fora os fascículos da *Revista Espírita*, que seguem até março de 1869, época de sua morte, o livro *A Gênese*, publicado em janeiro de 1868, se reveste do detalhe de que é a última obra da codificação, onde trata do assunto sobre a União do princípio espiritual e da matéria, transcrito acima. Inclusive, segundo o jornalista e filósofo J. Herculano Pires, é nessa obra, ou seja, *A Gênese*, que Kardec “tornou clara e precisa a sua posição evolucionista quanto ao problema da evolução das espécies” (PIRES, 2005, p. 10). Por isso, acreditamos que, a essa altura do campeonato, Kardec já tinha informações suficientes para deixar bem claro, caso fosse verdade, que o princípio inteligente passaria pelo reino mineral; porém, não foi o que aconteceu, conforme se vê dessa sua fala acima, pela qual chegamos a conclusão de que, na sua forma de pensar, o ponto inicial do processo de evolução do princípio inteligente se localizaria naqueles seres de “corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos”, o que significa dizer que somente nos seres orgânicos isso pode ocorrer.

Conforme prometido, vejamos agora a questão 71:

*71. A inteligência é atributo do princípio vital?*

“Não, pois que as plantas vivem e não pensam: só têm vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, porquanto um corpo pode viver sem inteligência. Mas, a inteligência só por meio de órgãos materiais pode manifestar-se. Necessário é que o espírito se una à matéria animalizada para intelectualizá-la”. (KARDEC, 2007a, p. 95, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

**Sendo o ato de pensar algo característico de quem possui a inteligência e vontade de atuar, então, as plantas não os têm; porém, conforme já dito, elas possuem o instinto, e esse, como já dito, foi definido por Kardec como uma “inteligência rudimentar”.**

**Nas considerações a essa resposta, o codificador, desenvolvendo mais o seu raciocínio, dizendo:**

**A inteligência é uma faculdade especial, peculiar a algumas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de atuar, a consciência de que existem e de que constituem uma individualidade cada um, assim como os meios de estabelecerem relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades.**

**Podem distinguir-se assim: 1º. – os seres inanimados, constituídos de matéria, sem**

vitalidade nem inteligência, que são os corpos brutos; 2º. – os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, destituídos de inteligência; 3º. – os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar. (KARDEC, 2007a, p. 96, grifo nosso).

Ao afirmar que a inteligência é uma faculdade especial, peculiar a algumas classes de seres orgânicos, fica claro que Kardec não a generalizou para todos os seres orgânicos, mas apenas a alguns deles.

Assim, segundo a nossa forma de entender, pelo que Kardec coloca, que o reino mineral, por compor-se de seres inorgânicos, que não têm vitalidade, nem inteligência e nem movimentos próprios (KARDEC, 2007a, p. 91), nele não há, conseqüentemente, o princípio inteligente, o que ainda se confirma com: **“A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica.”** (KARDEC, 2007a, p. 327, grifo nosso).

Embora tenha considerado, como vimos, que o instinto é uma inteligência rudimentar, comum a todos os seres orgânicos – plantas, animais e homens – percebe-se que aqui Kardec não atribui a todos eles a inteligência, considerada por ele como sendo “uma

faculdade especial, peculiar a algumas espécies orgânicas”.

Dessa distinção, que Kardec faz dos seres, entendemos que ao dizer:

“1º os seres inanimados, constituídos de matéria, sem vitalidade nem inteligência, que são os corpos brutos”, estava se referindo aos minerais;

“2º os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, destituídos de inteligência,” para enquadrar os vegetais;

“3º os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar”, classifica os animais.

Se a nossa conclusão, para cada item, estiver correta, podemos tomar a iniciativa de incluir o homem como um ser animado e pertencendo ao terceiro grupo.

Ainda sobre as características dos seres, temos algo a acrescentar, que consta em *O Livro dos Espíritos*, que vem, de outra forma, explicar e corroborar o que ele disse nas suas considerações à resposta da questão 71.

No “Cap. XI – Os três reinos”, de *A Gênese*, Kardec desenvolve três tópicos: 1º – os minerais e as plantas (questões 585 a 591), 2º – os animais e o homem (questões 592 a 610) e 3º – metempsicose (questões 611 a 613). Ora, para nós fica claro que o codificador somente faz uma relação direta entre os animais e o homem, por relacioná-los num tópico específico.

Se outros reinos houvessem para essa relação com os homens aqui seria o momento oportuno de mencioná-los. Aliás, se fosse positiva essa relação, o título do tópico deveria ser: “os minerais, as plantas, os animais e o homem”, ou seja, os relacionando aos três reinos. Entretanto, apenas ao reino animal é que fez a relação com o homem, portanto, não temos como estender aos outros dois reinos – mineral e vegetal –, sob pena de ir além do Mestre de Lyon.

Aqui veremos algumas questões que tratam do primeiro tópico – os minerais e as plantas:

*585. Que pensais da divisão da Natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: a dos seres orgânicos e a dos inorgânicos? Segundo alguns, a espécie humana forma uma quarta classe. Qual destas divisões é preferível?*

“Todas são boas, conforme o ponto de

vista. Do ponto de vista material, apenas há seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus”.

Esses quatro graus apresentam, com efeito, caracteres determinados, muito embora pareçam se confundir nos seus limites extremos. **A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica. As plantas, ainda que compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade. Os animais, também compostos de matéria inerte e igualmente dotados de vitalidade, possuem, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, e a consciência de sua existência e de suas individualidades. O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus.**

(KARDEC, 2007a, p. 327-328, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Levando-se em conta essa explicação de Kardec, pode-se deduzir que encontramos as seguintes características dos seres em cada um dos reinos:

- a) **no reino mineral: matéria inerte que só tem em si a força mecânica;**
- b) **no reino vegetal: matéria inerte e dotados de vitalidade;**

c) **no reino animal:** matéria inerte, dotados de vitalidade e inteligência instintiva, ou seja, inteligência rudimentar;

d) **“no reino hominal”:** matéria inerte, dotados de vitalidade, instinto e inteligência especial.

A matéria inerte é comum a todos os reinos, possivelmente, ela seja o elo que promove a ligação entre eles, e que faz com que haja sentido no “tudo na natureza se encadeia” (KARDEC, 2007a, p. 336), conforme dito, repetidas vezes, por Kardec.

Criamos, provavelmente por inspiração, pela forma com que nos surgiu, o seguinte quadro para uma melhor visualização da fala de Kardec:

Questão 585, LE		Reinos			
Classes	Ordem	Mineral	Vegetal	Animal	Hominal
Orgânico	4º	-	-	-	I. E.
	3º	-	-	I. I.	I. I.
	2º	-	V.	V.	V.
Inorgânico	1º	M. I.	M. I.	M. I.	M. I.

**M. I. = Matéria Inerte (força mecânica)**  
**V. = Vitalidade (vida orgânica)**  
**I. I. = Inteligência Instintiva**  
**I. E. = inteligência Especial**

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2013, p. 269.

Dentro dessas explicações, que parecem ser as mesmas anteriores, talvez mais explícitas, deduzimos

que, para Kardec, somente a partir do reino animal é que existe inteligência, portanto, nessa fase de seus conhecimentos, o princípio inteligente iniciar-se-ia nesse ponto a sua escalada evolutiva; porém, não podemos deixar de ressaltar que, mais ao final de sua vida, Kardec afirmou que as plantas possuem instinto, ou seja, elas também têm uma inteligência rudimentar, o que aqui ele só atribuiu aos animais.

Kardec continua insistindo no assunto:

*586. Têm as plantas consciência de que existem?*

“Não, pois que não pensam; só têm vida orgânica”.

*589. Algumas plantas, como a sensitiva e a dioneia, por exemplo, executam movimentos que denotam grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, conforme se observa na segunda, cujos lóbulos apanham a mosca que sobre ela pousa para sugá-la, parecendo que urde uma armadilha com o fim de capturar e matar aquele inseto. São dotadas essas plantas da faculdade de pensar? Têm vontade e formam uma classe intermediária entre a Natureza vegetal e Natureza animal? Constituem a transição de uma para outra?*

“Tudo em a Natureza é transição, por isso mesmo que uma coisa não se assemelha a outra e, no entanto, todas se prendem umas



às outras. As plantas não pensam; por conseguinte carecem de vontade. Nem a ostra que se abre, nem os zoófitos pensam: têm apenas um instinto cego e natural.”

[...]. (KARDEC, 2007a, p. 328-329, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

As plantas, seres animados, que pertencem ao reino vegetal não pensam, têm apenas vida orgânica, o que, em outras palavras, significa dizer que lhes falta a manifestação plena da inteligência, pois está só se produz quando se une o pensamento com a vontade de atuar.

Acreditamos que Kardec, de uma certa forma, ao estabelecer uma comparação entre as plantas e os animais intermediários entre o reino vegetal e animal – ostras e zoófitos – os quais ele diz possuírem uma inteligência rudimentar, indiretamente, está atribuindo a elas – as plantas – um instinto, o que confirmaria a sua afirmativa em *A Gênese*, de que elas possuem um instinto rudimentar.

Em *A Gênese*, no “Cap. III – O bem e o mal”, ao falar da “Destruição dos seres vivos, uns pelos outros”, Kardec dá a seguinte explicação:

21. *A verdadeira vida, tanto do animal como do homem, não está no invólucro corporal, do mesmo que não está no*

*vestuário. Está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo.* Esse princípio necessita do corpo, para se desenvolver pelo trabalho que lhe cumpre realizar sobre a matéria bruta. O corpo se consome nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta; ao contrário, sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais apto. [...].

[...].

22. Uma primeira utilidade, que se apresenta de tal destruição, utilidade, sem dúvida, puramente física, é esta: **os corpos orgânicos** só se conservam com o auxílio das matérias orgânicas, matérias que só elas contêm os elementos nutritivos necessários à transformação deles. **Como instrumentos de ação para o princípio inteligente, precisando os corpos ser constantemente renovados**, a Providência faz que sirvam ao seu mútuo entretenimento. Eis por que os seres se nutrem uns dos outros. Mas, então, é o corpo que se nutre do corpo, sem que o Espírito se aniquile ou altere. Fica apenas despojado do seu envoltório. (KARDEC, 2007e, p. 96-97, grifo nosso).

24. Nos seres inferiores da criação, naqueles a quem ainda falta o senso moral, em os quais a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta não pode ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação. Eles, pois, lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, visto que nenhum móvel mais elevado

os poderia estimular. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida. (KARDEC, 2007e, p. 98, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Ao Kardec citar somente os animais, considerados irracionais, e os homens como os detentores do princípio inteligente, acreditamos que isso reflete a crença anterior de que nos reinos em que eles se enquadram – animal e hominal –, é que os seres possuem o princípio inteligente.

E, querendo tornar as coisas ainda mais claras, Kardec volta à carga:

*607. Dissestes (190) que o estado da alma do homem, na sua origem, corresponde ao estado da infância na vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida. Onde passa o Espírito essa primeira fase do seu desenvolvimento?*

“Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade”.

a) – *Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não?*

“Já não dissemos que todo em a Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza

pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna *Espírito*. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Assim, à fase da infância se segue a da adolescência, vindo depois a da juventude e da maturidade. Nessa origem, coisa alguma há de humilhante para o homem. Sentir-se-ão humilhados os grandes gênios por terem sido fetos informes nas entranhas que os geraram? Se alguma coisa há que lhe seja humilhante, é a sua inferioridade perante Deus e sua impotência para lhe sondar a profundidade dos desígnios e para apreciar a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo. Reconheci a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, mediante a qual tudo é solidário na Natureza. Acreditar que Deus haja feito, seja o que for, sem um fim, e criado seres inteligentes sem futuro, fora blasfemar da Sua bondade, que se estende por sobre todas as suas criaturas". (KARDEC, 2007a, p. 336-337, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Se não estivermos de todo enganados, acreditamos que ao dizer "os seres inferiores da criação" Kardec estaria referindo-se especialmente aos animais, assim como a sua menção aos "seres

inteligentes sem futuro”, conforme acabamos de explicar, logo acima, quando comentamos o trecho de *A Gênese*, “Cap. III – O bem e o mal”; porém, nessa mesma obra, conforme já repetidas vezes dissemos, Kardec atribui às plantas uma inteligência rudimentar.

Buscando-se, novamente, a questão 136a, pela sua importância já, anteriormente, destacada, vemos que a hipótese do princípio inteligente no mineral seria, s.m.j., de todo improvável, porquanto: “A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica.” (KARDEC, 2007a, p. 125, grifo nosso). Ora, o que falta no mineral é, justamente, a vida orgânica, por isso não tem alma, ou seja, um princípio inteligente que o anime.

Na *Revista Espírita 1868*, no mês de setembro, Kardec tece alguns comentários sobre a crença de alguns de que a Terra teria uma alma, que são de interesse ao nosso estudo. Vejamos:

[...] A Terra é um ser vivo? Sabemos que certos filósofos, mais sistemáticos do que práticos, consideram a Terra e todos os planetas como seres animados, fundando-se sobre o princípio de que tudo vive na Natureza, desde o mineral até o homem. De início, cremos que há uma diferença

capital entre o movimento molecular de atração e de repulsão, de agregação e de desagregação do mineral e o princípio vital da planta; há efeitos diferentes que acusam causas diferentes, ou, pelo menos, uma modificação profunda na causa primeira, se ela for única. (*Gênese*, cap. X, nº 16 a 19.)

Mas admitamos por um instante que o princípio da vida tenha sua fonte no movimento molecular, não se poderia contestar que seja mais rudimentar ainda no mineral do que na planta; ora, daí a uma alma cujo atributo essencial é a inteligência, a distância é grande; ninguém, cremos, pensou em dotar um calhau ou um pedaço de ferro da faculdade de pensar, de querer e de compreender. Mesmo fazendo todas as concessões possíveis a esse sistema, quer dizer, em nos colocando no ponto de vista daqueles que confundem o princípio vital com a alma propriamente dita. A alma do mineral não estaria senão no estado de germe latente, uma vez que nele não se revela por nenhuma manifestação.

Um fato não menos patente do que aquele que acabamos de falar é que o desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio inteligente; o organismo se completa à medida que as faculdades da alma se multiplicam. A escala orgânica segue constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipo até o homem; e isso não poderia ser de outra maneira, uma vez que falta à

alma um instrumento apropriado à importância das funções que ela deve preencher. De que serviria à ostra ter a inteligência do macaco sem os órgãos necessários à sua manifestação? Se, pois, a Terra fosse um ser animado servindo de corpo a uma alma especial, esta alma deveria ser ainda mais *rudimentar do* que a do pólipo, uma vez que a Terra não tem mesmo a vitalidade da planta, ao passo que, pelo papel que se atribui a essa alma, sobretudo na teoria da incrustação, dela se faz um ser dotado de razão e do livre arbítrio mais completo, um Espírito superior, em uma palavra, o que não é nem racional, nem conforme a lei geral, porque jamais o Espírito foi mais aprisionado e mais dividido. A ideia da alma da Terra, entendida nesse sentido, tão bem quanto aquela que faz da Terra um animal, deve, pois, ser alinhada entre as concepções sistemáticas e quiméricas. (KARDEC, 1993j, p. 261-262, grifo nosso).

Desses argumentos de Kardec, ressaltam-nos, por evidentes, quatro pontos importantes, quais sejam:

1º) estabelece uma diferença entre o movimento molecular de atração e de repulsão, de agregação e de desagregação do mineral e o princípio vital da planta, o que de certa forma é diferenciá-los no aspecto de terem vida;

2º) que o princípio da vida não tem a mesma fonte que o movimento molecular e nem do princípio

inteligente;

3º) que um calhau<sup>2</sup> ou um pedaço de ferro tenham a faculdade de pensar, de querer e de compreender;

4º) que o progresso da inteligência é atributo dos seres da escala orgânica, desde o pólipo<sup>3</sup> até o homem, ficando, portanto, de fora dessa lei os seres inorgânicos, entre os quais se encontram os minerais.

Para nós, todos esses pontos corroboram a hipótese de que o princípio inteligente não estagiaria no mineral, porquanto, conforme várias vezes dito, ele faz parte dos seres inorgânicos. Dessa fala acima ainda destacamos o que consta neste trecho:

Mas admitamos por um instante que o princípio da vida tenha sua fonte no movimento molecular, não se poderia contestar que seja mais rudimentar ainda no mineral do que na planta; ora, daí a uma alma cujo atributo essencial é a inteligência, a distância é grande; ninguém, cremos, pensou em dotar um calhau ou um pedaço de ferro da faculdade de pensar, de querer e de compreender. Mesmo fazendo todas as concessões possíveis a esse sistema, quer dizer, em nos colocando

---

2 Calhau: pedaço, fragmento de rocha (*HOUAIS*).

3 Pólipo: *Zool.* Celenterado ger. sedentário cujo corpo, de consistência mole, é cilíndrico e oco, e fixa-se ao substrato por uma das extremidades, e é dotado de boca circundada por tentáculos na outra. (*AURÉLIO*).



no ponto de vista daqueles que confundem o princípio vital com a alma propriamente dita. A alma do mineral não estaria senão no estado de germe latente, uma vez que nele não se revela por nenhuma manifestação. (KARDEC, 1993j, p. 261-262, grifo nosso).

Pelo que se vê, Kardec não aceitava que o mineral tivesse alma, porquanto não diria “mesmo fazendo todas as concessões possíveis” para arrematar “a alma do mineral não estaria senão no estado de germe latente”, o “não estaria” é uma condicional, não uma afirmação de que pensava assim.

Observarmos que, já no início desse parágrafo, ele se coloca como alguém que não comungava com essa ideia ao dizer “mas admitamos por um instante”, para logo a seguir concluir taxativamente: “ora, daí a uma alma cujo atributo essencial é a inteligência, a distância é grande”.

Há, é certo, uma coisa comum aos três reinos – mineral, vegetal e animal – é que, em todos eles, os elementos químicos, que formam as suas matérias, são os mesmos, variando, obviamente, nas suas combinações, não temos dúvida de que é aqui que se aplica o “tudo se encadeira na natureza”.

Kardec, discorrendo sobre os fluidos espirituais, assim pondera:

Tudo se liga na obra da criação. Outrora se consideravam os três reinos como inteiramente independentes um do outro, e ter-se-ia rido daquele que tivesse pretendido encontrar uma correlação entre o mineral e o vegetal, entre o vegetal e o animal. Uma observação atenta faz desaparecer a solução de continuidade, e prova que todos os corpos formam uma cadeia ininterrupta; de tal sorte que os três reinos não subsistem, na realidade, senão pelos caracteres gerais mais marcantes; mas sobre seus limites respectivos eles se confundem, ao ponto que se hesita em saber onde um acaba e o outro começa, e no qual certos seres devem ser classificados; tais são, por exemplo, os zoófitos ou animais plantas, assim chamados porque, ao mesmo tempo, têm do animal e da planta.

A mesma coisa tem lugar para o que concerne à composição dos corpos. Por muito tempo, os quatro elementos serviram de base às ciências naturais; caíram diante das descobertas da química moderna, que reconheceu um número indeterminado de corpos simples. A química nos mostra todos os corpos da Natureza formados desses elementos combinados em diversas proporções; é da variedade infinita dessas combinações que nascem as inumeráveis propriedades dos diferentes corpos. [...].

[...].

Todos os corpos da Natureza, minerais, vegetais, animais, animados ou inanimados, sólidos, líquidos ou gasosos,

são, pois, formados dos mesmos elementos, combinados de maneira a produzirem a infinita variedade dos diferentes corpos, a ciência vai mais longe hoje; suas investigações a conduzem pouco a pouco à grande lei da unidade. Agora é quase geralmente admitido que os corpos reputados simples não são senão modificações, transformações de um elemento único, princípio universal designado sob o nome de *éter, fluido cósmico* ou *universal*; de tal sorte que, segundo o modo de agregação das moléculas desse fluido, e sob a influência de circunstâncias particulares, adquire propriedades especiais que constituem os corpos simples; esses corpos simples, combinados entre si em diversas proporções, formam, como dissemos, a inumerável variedade dos corpos compostos. Segundo esta opinião, o calor, a luz, a eletricidade e o magnetismo não seriam igualmente senão modificações do fluido primitivo universal. Assim esse fluido que, segundo toda a probabilidade, é imponderável, seria ao mesmo tempo o princípio dos fluidos imponderáveis e dos corpos ponderáveis. (KARDEC, 1993i, p. 66-69, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Então, aqui, temos, segundo a nossa maneira de ver, aquilo que liga os três reinos da natureza: os elementos químicos que existem nas matérias das quais são formados os seus corpos, que “formam uma cadeira

ininterrupta”.

Essa ligação é o que Kardec demonstra, e como está estabelecida somente no que se refere ao elemento material, por consequência, s.m.j., não poderíamos incluir nela o elemento espiritual, para daí inferir que o princípio inteligente tenha, na sua origem, estagiado no mineral. É o que também tiramos dos textos seguintes nos quais as expressões “tudo se liga” e “tudo se encadeia” são utilizadas:

[...] Se se observa a série dos seres, descobre-se que eles formam uma cadeia sem solução de continuidade, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente. Porém, entre o homem e Deus, alfa e ômega de todas as coisas, que imensa lacuna! Será racional pensar-se que no homem terminam os anéis dessa cadeia e que ele transponha sem transição a distância que o separa do infinito? A razão nos diz que entre o homem e Deus outros elos necessariamente haverá, como disse aos astrônomos que, entre os mundos conhecidos, outros haveria, desconhecidos. Que filosofia já preencheu esta lacuna? O Espiritismo no-la mostra preenchida pelos seres de todas as ordens do mundo invisível e estes seres não são mais do que os Espíritos dos homens, nos diferentes graus que levam à perfeição. **Tudo então se liga, tudo se encadeia**, desde o alfa até o ômega. Vós, que negais a existência dos Espíritos,

preenchei o vácuo que eles ocupam. E vós, que rides deles, ousai rir das obras de Deus e da sua onipotência! (KARDEC, 2007a, Introdução, p. 59, grifo nosso).

A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na Sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar Dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, **tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza.** (KARDEC, 2007a, Comentário à resposta da pergunta 132, p. 123, grifo nosso).

*604. Pois que os animais, mesmo os aperfeiçoados, existentes nos mundos superiores, são sempre inferiores ao homem, segue-se que Deus criou seres intelectuais perpetuamente destinados à inferioridade, o que parece em desacordo com a unidade de vistas e de progresso que todas as suas obras revelam.*

“Tudo em a Natureza se encadeia por elos que ainda não podeis apreender. Assim, as coisas aparentemente mais díspares têm pontos de contacto que o homem, no seu estado atual, nunca chegará a compreender. Por um esforço da inteligência poderá entrevê-los; mas, somente quando essa inteligência estiver no máximo grau de desenvolvimento e liberta dos preconceitos do orgulho e da ignorância, logrará ver claro na obra de Deus. Até lá, suas muito restritas ideias lhe farão observar as coisas por um mesquinho e acanhado prisma. Sabei não ser possível que Deus se contradiga e que, na

Natureza, tudo se harmoniza mediante leis gerais, que por nenhum de seus pontos deixam de corresponder à sublime sabedoria do Criador.” (KARDEC, 2007a, p. 334, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

A questão 604, deveríamos ter colocado quando demonstramos que Kardec fala exclusivamente dos laços que ligam os animais aos homens; porém, optamos por colocá-la aqui para destacar a expressão “tudo se encadeia” como uma relação direta entre os dois seres mencionados.

Na *Revista Espírita 1865*, mês de setembro, há um artigo intitulado “Alucinação dos animais”, em que Kardec tece alguns comentários, dos quais ressaltamos o seguinte trecho:

Até o presente preocupou-se pouco com o princípio inteligente dos animais, e ainda menos com sua afinidade com a espécie humana, se isso não foi senão no ponto de vista exclusivo do organismo material. [...].

[...].

À medida que o homem avança no seu conhecimento espiritual, sua atenção é despertada sobre todas as questões que a ele se ligam de perto ou de longe, e a dos animais não é uma daquelas que o interessam menos; ele compreende melhor as analogias e as diferenças; procura explicar-se o que vê; tira consequências;

tenta teorias alternativamente desmentidas ou confirmadas por novas observações. É assim que, pelos esforços de sua própria inteligência, se aproxima pouco a pouco do objetivo. Nisto como em todas as coisas os Espíritos não vêm para nos livrar do trabalho das pesquisas, porque o homem deve fazer uso de suas faculdades; ajudam-no, dirigem-no, e já é muito, mas não lhe dão a ciência toda feita. Quando uma vez está sobre o caminho da verdade, é então que vêm revelá-la decididamente para fazer calar as incertezas e aniquilar os falsos sistemas; mas à espera disto, seu espírito está preparado para melhor compreender e aceitá-la, e quando ela se mostra, não o surpreende; ela já estava no fundo de seu pensamento.

[...].

Um outro motivo havia feito adiar a solução relativa aos animais. Essa questão toca preconceitos há muito tempo enraizados e que teria sido imprudente chocar de frente, e foi porque os Espíritos não o fizeram. A questão está iniciada hoje; ela se agita sobre pontos diferentes, mesmo fora do Espiritismo; os desencarnados nela tomam parte cada um segundo as suas ideias pessoais; essas teorias diversas são discutidas, examinadas; uma multidão de fatos, como, por exemplo, aquele que fez o objeto deste artigo, e que teriam outrora passados despercebidos, hoje chamam a atenção, em razão mesmo dos estudos preliminares que se fizeram; sem adotar tal ou tal opinião, familiariza-se com a ideia de um ponto de contato entre a animalidade e a

humanidade, e quando vier a solução definitiva, em qualquer sentido que ela ocorra, deverá se apoiar sobre os argumentos peremptórios que não deixarão nenhum lugar à dúvida; se a ideia é verdadeira, terá sido presentida; se ela é falsa, é que se terá encontrado alguma coisa mais lógica para pôr no lugar.

Tudo se liga, tudo se encadeia, tudo se harmoniza na Natureza; o Espiritismo veio dar uma ideia-mãe, e pode-se ver o quanto esta ideia é fecunda. Diante da luz que lançou sobre a psicologia, ter-se-ia dificuldade em crer que tantas considerações pudessem surgir a propósito de um cão raivoso. (KARDEC, 2000c, p. 272-275, grifo nosso).

Pelo contexto a expressão “tudo se liga, tudo se encadeia” está relacionada à questão do ponto de contato entre os animais e o homem. E na mensagem assinada pelo espírito Moki, isso fica claro, quando, a certa altura, diz: “O instinto, que está em toda sua força no animal, se perpetuando no homem onde se perde pouco a pouco, é certamente um traço de união entre as duas espécies” (KARDEC, 2000c, p. 275-276).

No artigo “A geração espontânea e a gênese”, em a *Revista Espirita 1868*, mês julho, encontramos mais alguma coisa nos comentários de Kardec:

É um fato hoje cientificamente demonstrado que a vida orgânica não



existiu sempre sobre a Terra, e que nela teve um começo; a geologia permite seguir-lhe o desenvolvimento gradual. Os primeiros seres do reino vegetal e do reino animal que apareceram deveram, pois, se formar sem procriação, e pertencendo às classes inferiores, assim como as observações geológicas o constata. À medida que os elementos dispersos se reuniram, as primeiras combinações formaram os corpos exclusivamente inorgânicos, quer dizer, as pedras, as águas e os minerais de todas as espécies. Quando esses mesmos elementos foram modificados pela ação do fluido vital – que não é o princípio inteligente –, formaram os corpos dotados de vitalidade, de uma organização constante e regular cada um em sua espécie. Ora, do mesmo modo que a cristalização da matéria bruta não ocorre senão quando nenhuma causa accidental vem se opor à disposição simétrica das moléculas, os corpos organizados se formam desde que as circunstâncias favoráveis de temperatura, de umidade, de repouso ou de movimento, e uma espécie de fermentação permitem às moléculas de matéria, vivificadas pelo fluido vital, se reunir. É o que se vê em todos os germes onde a vitalidade pode ficar latente durante anos ou séculos, e se manifestar num momento dado, quando as circunstâncias são propícias.

Os seres não procriados formam, pois, o primeiro escalão dos seres orgânicos, e contaram provavelmente um dia na classificação científica. Quanto às espécies

que se propagam por procriação, uma opinião que não é nova, mas que se generaliza hoje sob a égide da ciência, é que os primeiros tipos de cada espécie são o produto de uma modificação da espécie imediatamente inferior. Assim é estabelecida uma cadeia ininterrupta desde o musgo e o líquen <sup>(4)</sup> até o carvalho, e desde o zoófito, o verme da terra e do oução <sup>(5)</sup> até o homem. Sem dúvida, entre o verme da terra e o homem, não se considerando senão os dois pontos extremos, há uma diferença que parece um abismo; mas quando se aproximam todos os anéis intermediários, acha-se uma filiação sem solução de continuidade.

[...].

É assim que tudo se encadeia no mundo; da matéria bruta saíram os seres orgânicos cada vez mais aperfeiçoados; do materialismo sairão, pela força das coisas, e por dedução lógica, o espiritualismo geral, depois o Espiritismo, que não é outro senão o Espiritualismo precisado, apoiado sobre os fatos. (KARDEC, 1993j, p. 203-205, grifo nosso).

Tomando-se do trecho “desde o musgo e o líquen até o carvalho, e desde o zoófito, o verme da terra e do oução até o homem”, entendemos que significa dizer desde os seres vivos mais ínfimos até o homem.

---

4 Líquen: Diz-se de, ou espécime dos líquens, grupo de vegetais formados por um fungo e uma alga, em simbiose; produzem larga série de antibióticos. (AURÉLIO)

5 Oução: Pequenino ácaro (*Acarus sirus*) encontrado nos queijos, na farinha, etc. (AURÉLIO).

O encadeamento da matéria bruta saíram os seres orgânicos, fala-se, da questão material apenas, e não que o princípio inteligente tenha iniciado nela. Julgamos que a próxima transcrição corrobora isso.

Em *A Gênese*, no “Cap. XVIII – Sinais dos Tempos”, há uma mensagem do Espírito Arago, da qual transcrevemos:

“Mas a matéria orgânica, a seu turno, reage sobre o Espírito. Este, pelo seu contacto e sua ligação íntima com os elementos materiais, também sofre influências que lhe modificam as disposições, sem, no entanto, privá-lo do livre-arbítrio, que lhe sobre-excitam ou atenuam a atividade e que, pois, contribuem para o seu desenvolvimento. A efervescência que por vezes se manifesta em toda uma população, entre os homens de uma mesma raça, não é coisa fortuita, nem resultado de um capricho; tem sua causa nas leis da Natureza. Essa efervescência, inconsciente a princípio, não passando de vago desejo, de aspiração indefinida por alguma coisa melhor, de certa necessidade de mudança, traduz-se por uma surda agitação, depois por atos que levam às revoluções sociais, que, acreditai-o, também têm sua periodicidade, como as revoluções físicas, pois que tudo se encadeia. Se não tivésseis a visão espiritual limitada pelo véu da matéria, veríeis as correntes fluídicas que, como milhares de fios condutores, ligam as coisas do mundo espiritual às do

“mundo material.” (KARDEC, 2007e, p. 463, grifo nosso).

Ainda aqui nada vemos para consolidar a tese do estágio do princípio inteligente no reino mineral. A expressão “tudo se encadeia” é aplicada de uma maneira geral; porém, não se pode deduzir dela que os seres inorgânicos têm vida, ponto no qual o princípio inteligente pode viajar na estrada evolutiva.

E quanto à ligação entre o princípio material e o espiritual ela é, certamente, realizada pelo perispírito, conforme explica Kardec, em *A Gênese*, no “Cap. XIII – O Espiritismo não faz milagres”:

O Espírito mais não é do que a alma sobrevivente ao corpo; é o ser principal, pois que não morre, ao passo que o corpo é simples acessório sujeito à destruição. Sua existência, portanto, é tão natural depois, como durante a encarnação; está submetido às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo o está às que regem o princípio material; mas, como estes dois princípios têm necessária afinidade, como reagem incessantemente um sobre o outro, como da ação simultânea deles resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma quanto a outra, não sendo, pois, a primeira uma exceção, uma anomalia na

ordem das coisas.

Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio do seu corpo fluídico ou perispírito, dando-se o mesmo quando ele não está encarnado. [...]. (KARDEC, 2007e, 299-300, grifo nosso).

Nesse ponto, Kardec explica que as manifestações dos Espíritos nada têm de “milagroso”; porém, trata-se da ação dos Espíritos sobre o mundo material, que acontece dentro do âmbito das coisas naturais. Essa ação é proveniente do perispírito, que tem, ao mesmo tempo, algo de material e espiritual; concluindo, um pouco mais à frente – *A Gênese, “Cap. XIV – Formação e propriedades do perispírito”* –, quanto trata especificamente do perispírito, que:

Assim, tudo no Universo se liga, tudo se encadeia; tudo se acha submetido à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a mais compacta materialidade, até a mais pura espiritualidade. A Terra é qual vaso donde se escapa uma fumaça densa que vai clareando à medida que se eleva e cujas parcelas rarefeitas se perdem no espaço infinito. (KARDEC, 2007e, p. 321, grifo nosso).

Na resposta à questão 540, também aparece a expressão “tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo”, mas trataremos dela no

item 5, mais para o final deste estudo.

Vejamos, agora, três transcrições das obras de Kardec, nas quais é mencionada a questão do princípio inteligente ter passado pelo reino mineral.

A primeira delas, vamos encontrá-la na *Revista Espírita 1859*, mês novembro, na qual Kardec tece algumas considerações a respeito da existência de pessoas que são médiuns sem o saber aproveitando fragmentos de um poema do Sr. Porry<sup>6</sup>, de Marseille, intitulado *Uranie*, sobre o qual disse:

[...] esse poema é rico em ideias Espíritas que parecem tomadas à própria fonte de O Livro dos Espíritos, e todavia, foi averiguado que, na época que o autor o escreveu, ele não tinha nenhum conhecimento da Doutrina Espírita. [...]. (KARDEC, 1993e, p. 284, grifo nosso).

Eis a transcrição do poema:

### Urânia

Fragmentos de um poema do senhor de  
Porry, de Marseille.

Abri-vos aos meus gritos, véus do santuário!  
Que o mau trema e o bom se esclareça?  
Uma luz divina me inunda, e meu seio agitado  
Em abundância dardeja a verdade!

---

6 Antoine Marie Eugène Porry (1829-1884).

E vós, sérios pensadores, cujos trabalhos  
 célebres  
 Prometem a luz e dão as trevas,  
 Que de sonhos mentirosos e de prestígios  
 vãos  
 Embalais incessantemente as infelicidades  
 humanas,  
 Concilio de sábios, que tanto de orgulho  
 inflama.  
 Sereis confundidos pela voz de uma mulher?  
 Este Deus, que quereis do Universo banir,  
 Ou que pretendeis loucamente definir.  
 Do qual vossos sistemas querem sondar a  
 essência,  
 Malgrado vós, se revela a vossa consciência;  
 E tal que, entregando-se a sutis debates;  
 Ousa o negar tão alto, o proclama tão baixo!  
 Tudo por sua vontade nasce e se renova:  
 É a base suprema; a vida eterna;  
 Tudo repousa nele: a matéria e o Espírito;  
 Que vos retire seu sopro e o Universo perece;  
 O ateu disse um dia "*Deus não é senão uma  
 quimera;*  
*E, filha do acaso, a vida é efêmera,*  
*O mundo, onde o homem fraco, em  
 nascendo, foi jogado,*  
*Está regido pelas leis da necessidade.*  
*Quando o trespasse apaga os nossos  
 sentidos e nossa alma,*  
*O abismo do nada de novo nos reclama;*  
*A Natureza, imutável em seu curso eterno,*  
*Recolhe nossos restos no seio maternal.*  
*Usamos curtos instantes que seus favores  
 nos dão;*  
*Que nossas fronte radiosas de rosas se  
 coroem;*

*Só o prazer é Deus; em nossos barulhentos  
festins,*

*Desafiamos a cólera dos móveis destinos!"*

Mas quando tua consciência, íntima  
vingadora,

Insensato! te censura uma culpável  
embriaguez,

O indigente repellido por um gesto desumano,

Ou o crime impune do qual sujás tua mão,

É do seio escuro da cega matéria

Que jorra em teu coração a importuna luz

Que repõe sempre seus grandes crimes sob  
teus olhos,

Te apavora e te torna, a ti mesmo, odioso?

Então, do soberano que tua audácia nega

Sentes passar sobre ti a força infinita;

E ele te acossa, te sitia, e, malgrado teus  
esforços,

Se revela ao teu coração pelo grito do  
remorso!..

Evitando os humanos, cansado de  
inquietação,

Procuras das florestas a negra solidão;

E crês, percorrendo seus selvagens desvios,

Escapar a esse Deus que te persegue  
sempre!

Sobre sua presa em farrapos o tigre feliz  
dormita

O homem, coberto de sangue, nas trevas  
vela;

Seu olhar está ofuscado por um horrível  
clarão;

Seu corpo treme inundado de um frio suor;

Um ruído surdo e sinistro em seu ouvido  
troveja;

Espectros ameaçadores o escoltam o



rodeiam;  
 E sua voz que formula uma terrível confissão,  
 Se exclama com terror Graça, graça, ó meu  
 Deus!  
 Sim, o remorso, carrasco de todo ser que  
 pensa,  
 Nos revela com Deus nossa imortal essência;  
 E frequentemente a virtude, de um nobre  
 arrependimento  
 transforma um vil culpado em glorioso mártir;  
 Os brutos separam a humana criatura,  
 O remorso é a chama onde nossa alma se  
 depura;  
 E pelo seu agulhão o ser regenera,  
 Na escala do bem avança um degrau.

..., e do soberbo ateu  
 ... vingadores, a audácia é refutada.  
 O **panteísmo** vem expor por sua vez  
 De seu louco argumento o capcioso desvio:  
*"Ó mortais fascinados por seu sonho risível,  
 Onde o encontrareis, esse Grande Ser  
 invisível?  
 Ele está diante de vossos olhos, esse eterno  
 Grande Todo;  
 Tudo forma sua essência, nele tudo se  
 resolve;  
 Deus brilha no sol, enverdece na folhagem,  
 Ruge no vulcão e troveja na tormenta,  
 Floresce em nossos jardins, murmura nas  
 águas.  
 Suspira flacidamente pela voz dos pássaros,  
 E colore os ares os tecidos diáfanos;  
 É ele quem nos anima e quem move nossos  
 órgãos;  
 É ele quem pensa em nós; todos os seres*

*diversos*

*São ele mesmo; em uma palavra, esse Deus,  
é o Universo."*

O quê! Deus se manifesta a si mesmo  
contrário!

Ele é a ovelha e lobo, rola e víbora!

Ele se torna alternativamente pedra,  
planta, animal;

Sua natureza combina o bem e o mal,  
Percorre todos os graus do bruto ao  
arcanjo!

Eterna antítese, ele é luz e lama!

Ele é valente e frouxo, ele é pequeno e  
grande,

Verídico e mentiroso, imortal e agonizante!..

Ele é ao mesmo tempo opressor e vítima,  
Cultiva a virtude e se enrola no crime;

Ele é, ao mesmo tempo, Lametrie e Platão.

Sócrates e Melitus, Marco Aurélio e Nero;

Servidor da glória e da ignomínia!

Ele mesmo, alternativamente, se afirma e se  
nega!

Contra a sua própria essência ele afia o ferro,  
Evoca o nada; e por cúmulo do ultraje,

Sua voz escarnece e amaldiçoa sua  
magnífica obra!..

Oh não, mil vezes não, esse dogma  
monstruoso

Jamais pôde germinar num coração virtuoso.

Mergulhado em seus remorsos onde o crime  
se expia,

O temerário autor da doutrina ímpia,

No seio dos prazeres, se sente apavorado

Pela imagem de um Deus que não podia  
negar;

E para disso se isentar, blasfêmia da

blasfêmia!..

Ele o uniu a este mundo, ele o uniu a si mesmo.

O ateu pelo menos, comprimido com semelhante embaraço,

Ousando negar seu Deus, não o degrada.

.....  
Deus, que a raça humana procurou sem cessar,

Deus, que quer ser adorado e não ser conhecido,

É dos seres diversos o princípio e o fim:

Mas, para subir até ele, qual é, "pois, o caminho

Não é a Ciência, efêmera miragem

Que fascina nossos olhos com sua brilhante imagem,

E que, enganando sempre um poderoso desejo,

Desaparece sob a mão que pensa agarrá-lo.

Sábios, amontoais escombros sobre escombros

E vossos sistemas vão passar como as sombras!

Este Deus; que sem perecer nenhum ser pode ver,

Cuja essência encerra um terrível poder,

Mas que para seus filhos nutre um amor temo,

A menos de igualá-lo, tu não podes compreendê-lo!

Ah! Para se unir a ele, para reencontrá-lo um dia,

A alma deve tomar emprestadas as asas do Amor.

Lancemos ao vento o orgulho e as cinzas da  
dúvida;

O próprio Deus aos crentes aplainará o  
caminho:

Seu amor infinito jamais se afastou,  
A alma que o procura com sinceridade,  
E que esmigalhando nos pés riqueza e gozo,  
Aspira confundir-se com a sua pura essência,  
Mas este Deus, que quer bem ao coração  
humilde e piedoso,

Que bane de seu seio o déspota orgulhoso,  
Que se revela ao sábio, que se abandona ao  
prudente,

Como um amante ciumento não sofre  
nenhuma partilha.

E, para contentá-lo, é preciso aos prestígios  
mundanos

Opor constantemente inflexíveis desdêns,  
Felizes, pois, seus filhos que, na solitude,  
Do bom, do verdadeiro, do belo, fazem seu  
único estudo!

Feliz, portanto, o homem absorvido  
inteiramente

No triplo clarão desse divino foco!

No meio das tristezas, cujo cortejo sobeja  
No círculo limitado de nosso pobre mundo,  
Semelhante ao oásis que floresce no deserto,  
O tesouro da Fé para a sua alma está aberto;  
E Deus, sem mostrar-se, no seu coração se  
insinua,

E lhe verte uma alegria ao vulgo  
desconhecida.

Então, com seu destino o sábio está  
satisfeito;

Com uma calma inalterável guarda o  
benefício;

De um véu constelado quando a noite o  
cerca,  
Na sua cama pacífica ele adormece, e  
saboreia,  
Nos sonhos brilhantes com os quais se  
embriaga seu coração,  
Um celeste antegoço da suprema felicidade.

Tua alma que na verdade a ardente sede  
altera,  
Da Criação quer sondar o mistério?...  
Como um pintor primeiro concebeu no seu  
cérebro  
A obra-prima encantadora que produz seu  
pincel,  
O Eterno tira tudo de sua própria natureza,  
Mas não se confunde com a sua criatura  
Que, da inteligência tendo recebido o fogo,  
*Está livre de falir ou de subir até Deus.*  
Obra de seu Pensamento, obra de sua  
palavra,  
Cada criação de seu seio parte.. e voa,  
Num círculo traçado por inflexíveis leis,  
*Cumprir o destino do qual fez a escolha*  
Como o artista, Deus pensa antes de  
produzir.  
Como ele, o que criou, poderia destruí-lo;  
Ora, fonte inesgotável de seres indiferentes  
E de globos semeados no imenso Universo,  
Deus, a Força sem freio, de sua Vida eterna:  
Às suas criações transmite uma centelha.  
O livro ou o quadro pelo artista inventado,  
Produto inerte, jaz na imobilidade,  
Mas o Verbo jorra de sua Onipotência,  
Dele se destaca e se move em sua própria  
existência,

Sem cessar ele se transforma e jamais perece;

Do inerte metal se elevando ao Espírito,

O Verbo criador na planta dormita,

Sonha no animal, e no homem desperta;

De grau em grau, descendo e subindo,

Da Criação o conjunto radioso,

Sobre as ondas do éter forma uma cadeia imensa

Que o arcanjo termina, que a pedra começa.

Obedecendo às leis que regem seu meio,

Cada elemento se aproxima ou se afasta de Deus;

Seja que ao bem se devote ou que ao mal ele sucumba.

Cada ser inteligente, por sua vontade, sobe ou cai.

Ora, se o homem, habitando a atmosfera do mal,

Se rebaixa pelo crime ao nível do animal,

Em anjo de homem puro se transforma, - e esse anjo

*De grau em grau pode tornar-se arcanjo,*

No seu trono brilhante esse arcanjo elevado,

Está livre para guardar sua personalidade.

Ou de se fundir no seio da Onipotência

Que se pode assimilar uma perfeita essência.

Assim, mais de um arcanjo, na celeste morada,

Com Deus está reunido por um excesso de amor;

Mas outros, invejando sua glória soberana,

Fascinados pelo orgulho, esse pai do ódio,

Quiseram do Mais Alto discutir os decretos;

E mergulharem na noite que esconde seus segredos:

Esse Deus, cujo olhar os teria colocado em pó,

Ensombra-lhes as lajes de seu ardente raio.

Depois, desfigurados, no Universo errante,

Seguidos pelos assaltos de remorsos devorantes,

Esses anjos que perdem sua audácia funesta,

Não ousam mais se mostrar no adro celeste;

Na vergonha, afiando seu aguilhão amado,

Entregam seu coração rebelde às tormentas do inferno,

*Ao passo que o homem puro, cuja prova termina,*

*De triunfo em triunfo ao paraíso se eleva.*

Todos esses mundos diferentes no Universo semeados,

Que ferem teus olhares com suas flechas inflamadas,

Que rola do éter o vago universal,

Assim como os Espíritos, estão agrupados em escalas.

Globos variados esses luminosos feixes

São vastas moradas, celestes naves

Onde vagam no espaço, a enormes distâncias,

*Espíritos graduados em imensas coortes.*

Há mundos puros e mundos horríveis:

Sem entraves reinam nos globos felizes,

Três princípios divinos, honra, amor, justiça.

Da ordem social cimentam o edifício;

E, sem cessar, queridos de todos seus habitantes,

De sua felicidade são as provas constantes.

De outros globos, entregues a insolentes  
vertigens,  
Anjos condenados seguiram os vestígios:  
Esses mundos, artesãos de sua própria  
infelicidade,  
À lei de Deus substituíram pela sua;  
E, no seu solo, onde ribomba uma horrível  
tormenta,  
De seus hóspedes impuros a multidão se  
lamenta.  
Nosso globo noviço, em seus passos  
incertos,  
Flutua até nossos dias entre esses dois  
destinos.  
Ultrajando a moral, ultrajando a natureza,  
Quando um globo do crime preencheu a  
medida;  
Que seus hóspedes, mergulhados em seus  
prazeres barulhentos,  
Fecharam seus ouvidos aos discursos dos  
videntes;  
Que do verbo divino o mais ligeiro traço,  
Nesse mundo enceguecido se dissipa e se  
apaga  
Então do Onipotente a cólera desencadeia  
Desce sobre o rebelde a perecer condenado:  
Os arcanjos vingadores com suas asas  
poderosas  
Batem a terra ímpia.. e seus mares  
saltitantes,  
Com imensa altura ultrapassam os seus  
níveis,  
No seu solo limpo precipitam suas águas;  
Vulcões subterrâneos a chama brilhante,  
ribombante,  
Dispersa no éter os restos deste mundo;



E o Ser Soberano, cuja vingança luziu,  
Rompe esse globo impuro que nele não mais  
crê!  
Nossa Terra medíocre é uma estação de  
prova,  
Onde o justo sofredor, de suas lágrimas se  
sacia,  
Lágrimas que, por degraus purificam seu  
coração,  
Preparam seu caminho para um mundo  
melhor.  
E não é em vão quando o sono nos mergulha  
Nos risonhos transportes da embriaguez de  
um sonho,  
Que por um rápido impulso somos  
transportados  
Num astro novo radiante de claridades;  
Que nos cremos errar por vastos bosques  
Sem cessar percorridos por um povo de  
sábios;  
Que vemos esse globo iluminado por sóis  
Irradiando alternadamente brancos, azuis e  
vermelhos,  
Que, cruzando nos ares suas tintas  
combinadas,  
Colorem esses belos campos com luzes  
variadas!...  
Se teu coração neste mundo se mantém  
virtuoso,  
Tu os atravessarás, esses globos luxuosos  
Que a paz alegre, que habita a sabedoria,  
Onde reina da felicidade a eterna liberalidade.  
Sim, tua alma as vê, essas radiosas moradas  
Que os favores do céu embelezam sempre,  
Onde o Espírito, se depurando, sobe de grau  
em grau,

Quando o perverso segue um caminho  
retrógrado,  
E do reino do mal percorrendo os elos,  
Desce de círculo em círculo aos abismos  
infernais.

Espelho onde o Universo reflete a sua  
imagem,  
Esses destinos diferentes nossa alma os  
pressagia.

A alma, essa viva força que domina os  
sentidos,

Aos seus menores desejos súbito obediente, -  
Que, como um fogo cativo num vaso de  
argila,

Consome em seus transportes sua veste  
frágil; -

A alma, que do passado guarda a lembrança

E sabe ler por vezes no obscuro futuro,

Não tem do fogo vital a efêmera centelha

Tu mesmo tu o sentes, tua alma é imortal.

Nos campos do espaço e da eternidade,

Conservando sua permanência e sua  
identidade,

Não, a alma não morre, mas muda o seu  
domínio,

E de asilo em asilo sempre passeia Nossa  
alma,

se isolando do mundo exterior,

Por vezes pode conquistar um sentido  
superior;

E, no arrebatamento do sono magnético,

Se armar de um novo olho ou do dom  
profético:

Libertada um instante dos terrestres laços,

Sem obstáculo percorre os campos aéreos;  
E, com um ágil pulo, no infinito lançada,  
Vê através dos corpos e lê no pensamento.

(KARDEC, 1993e, p. 286-293, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

É certo que no poema há mesmo muitas ideias espíritas, conforme o disse Kardec, entretanto, quanto ao início do processo evolutivo do princípio inteligente, até a época de publicação desse poema só havia a hipótese dele ter se iniciado no reino animal, só mais tarde, se não tivermos nos equivocado, é que Kardec abre espaço para colocá-lo no reino vegetal.

A segunda, encontramos-la na *Revista Espírita 1865*, numa mensagem recebida em Paris, na qual não consta o seu autor espiritual:

Vou tocar uma grave questão esta noite, falando-vos das relações que podem existir entre a animalidade e a humanidade. [...].

Mas tudo não se detém em crer somente no progresso incessante do Espírito, embrião na matéria e se desenvolvendo ao passar pelo exame severo do mineral, do vegetal, do animal, para chegar à humanidade, onde somente começa a se ensaiar a alma que se encarnará, orgulhosa de sua tarefa, na humanidade. Existem entre essas diferentes fases laços importantes que é necessário conhecer e que eu chamarei períodos

intermediários ou latentes; porque é aí que se operam as transformações sucessivas. Falar-vos-ei mais tarde dos laços que ligam o mineral ao vegetal, o vegetal ao animal; uma vez que um fenômeno que vos espanta nos leva aos laços que ligam o animal ao homem, vou vos entreter com estes últimos.

Entre os animais domésticos e o homem as afinidades são produzidas pelas cargas fluídicas que vos cercam e recaem sobre eles; é um pouco a humanidade que se detém sobre a animalidade, sem alterar as cores de uma ou de outra; daí essa superioridade inteligente do cão sobre o instinto brutal da besta selvagem, e é a esta causa somente que poderão ser devidas estas manifestações que vêm de vos ler. Não se está, pois, enganado ouvindo um grito alegre do animal e conhecendo os cuidados de seu senhor, e vindo, antes de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, trazer-lhe uma lembrança. A manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira, porque o animal, para subir de um degrau, é preciso um trabalho latente que aniquile, para todos, todo sinal exterior de vida. Esse estado é a crisálida espiritual onde se elabora a alma, perispírito informe, não tendo nenhuma figura reprodutiva de traços, quebrando-se num estado de maturidade, para deixar escapar, nas correntes que os carregam, os germes de almas que ali eclodem. Ser-nos-ia, pois, difícil vos falar dos Espíritos de animais do espaço, ele não existe, ou antes sua passagem é tão rápida que é como nula, e

que no estado de crisálida, não poderiam ser descritos. (KARDEC, 2000, p. 132-133, grifo nosso).

No início tem-se como verdade o progresso da alma nos três reinos; porém, pareceu-nos contraditório, quando o autor disse que “este estado é a crisálida espiritual onde se elabora a alma”, porquanto estava, nesse momento, referindo-se somente ao reino animal, assunto que se propôs a tratar. Promete, para mais tarde, falar da relação entre o mineral e o vegetal e deste para a do animal, o que, infelizmente, não fez ou nós não a encontramos.

Kardec, ao comentar essa mensagem, muito cautelosamente, diz:

Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal; até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo. (KARDEC, 2000, p. 133-134, grifo nosso).

A terceira, consta da *Revista Espírita 1867* numa carta escrita pelo Dr. Charles Grégory (?-?), fervoroso adepto do Espiritismo, a Kardec, que, a certa altura de sua defesa da Homeopatia, dá esta opinião:

E depois, como creio que o Espírito do homem, antes de se encarnar na humanidade, sobe todos os graus da escala e passa pelo mineral, a planta e o animal e na maioria dos tipos de cada espécie onde preludia seu completo desenvolvimento como ser humano, quem me diz que, dando-lhe medicamento o que não é mais nem o mineral, nem a planta, nem o animal, mas o que se poderia chamar a sua essência, de alguma sorte seu espírito, não se atua sobre a alma humana composta dos mesmos elementos? Porque, é preciso dizê-lo, o espírito é bem alguma coisa, e uma vez que se desenvolveu e se desenvolve sem cessar, precisou tomar esses elementos de alguma parte. (KARDEC, 1999, p. 169, grifo nosso).

Como quase sempre fazia, Kardec não deixou também de tecer seus comentários a essa carta, nos quais se pode ver que as observações do Dr. Charles, quanto a Homeopatia, foram consideradas pertinentes; entretanto, ao final de seus comentários, Kardec coloca o seguinte:

Em resumo, não contestamos que certos medicamentos, e a homeopatia mais do que qualquer outra, não produzem alguns dos efeitos indicados, mas não lhes contestamos mais senão os resultados permanentes, e sobretudo tão universais que alguns o pretendem. Um caso em que a homeopatia, sobretudo, pareceria particularmente aplicável

com sucesso, é o da loucura patológica, porque aqui a desordem moral é a consequência da desordem física, e que está constatado agora, pela observação dos fenômenos espíritas, que o Espírito não é louco; não se tem o que modificá-lo, mas dar-lhe os meios de se manifestar livremente. A ação da homeopatia pode ser aqui tanto mais eficaz quanto ela atue principalmente, pela natureza espiritualizada de seus medicamentos, sobre o perispírito, que desempenha um papel preponderante nesta afecção.

Teríamos mais de uma objeção a fazer sobre algumas das proposições contidas nesta carta; mas isto nos levaria muito longe; contentamo-nos, pois, em colocar as duas opiniões em frente. Como em tudo, os fatos são mais concludentes do que as teorias, e são eles, em definitivo, que confirmam ou derrubam estas últimas, desejamos ardentemente que o Sr. o doutor Grégory publique um tratado especial prático da homeopatia aplicada ao tratamento das moléstias morais, a fim de que a experiência possa se generalizar e decidir a questão. Mais do que qualquer outro, ele nos parece capaz para fazer esse trabalho ex-professo. (KARDEC, 1999, p. 171-172, grifo nosso).

Sinceramente, acreditamos que o “teríamos mais de uma objeção a fazer” de Kardec tinha por objetivo a crença de que a alma humana, em sua ascensão rumo à meta final, passa por todos os três reinos, levando-se

em conta tudo quanto, em suas obras, vimos de sua maneira de pensar. Obviamente, que não descartamos a possibilidade de estarmos equivocados nessa conclusão.

A quarta, na *Revista Espírita 1868*, quando lemos algumas considerações de Emile Barbault ao livro *A religião e a política na Sociedade moderna* de autoria de Frédéric Herrensneider, que Kardec resolveu divulgar na revista, sem ter feito qualquer tipo de observação. Essa só encontramos mesmo na fala do engenheiro Emile Barbault, em cujo início consta:

O Sr. Herrensneider é um antigo saint-simoniano e foi lá que hauriu o seu ardente amor ao progresso. Depois, tornou-se Espírita, e, no entanto, estamos longe de partilhar a sua maneira de ver sobre todos os pontos, e de aceitar todas as soluções que dá. A sua é uma obra de alta filosofia, onde o elemento espírita tem um lugar importante; nós não a examinaremos senão do ponto de vista da concordância e da divergência de suas ideias, no que toca ao Espiritismo. Antes de entrar no exame de sua teoria, algumas considerações preliminares nos parecem essenciais. (KARDEC, 1993j, p. 183, grifo nosso).

Vejamos agora o seguinte trecho das considerações que Barbault tece sobre o livro:



Dito isto, podemos examinar a obra notável do Sr. Herrensneider; é a obra de um profundo pensador e de um Espírita convicto, senão completo, mas não aprovamos todas as conclusões às quais chega. (KARDEC, 1993j, p. 187, grifo nosso).

Durante toda essa fase de existência dos seres, que começa na molécula do mineral, prossegue no vegetal, se desenvolve no animal, e se determina no homem, o Espírito recolhe e conserva os conhecimentos pelo seu perispírito; ele adquire, assim, uma certa experiência. Os progressos que se realizam são de uma grande lentidão, e quanto mais eles são lentos, mais as encarnações são multiplicadas.

Como se vê, o autor adota os princípios científicos do progresso dos seres, emitidos por *Lamarck*, *Geoffroy Saint-Hilaire*, e *Darwin*, com esta diferença de que a ação moderadora das formas e dos órgãos animais não é mais somente o resultado da seleção e da concorrência vital, mas é também, e sobretudo, o efeito da ação inteligente do espírito animal, modificando incessantemente as formas e a matéria, que ele reveste para realizar uma apropriação mais conforme com a experiência que adquiriu. (KARDEC, 1993j, p. 187, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Como ao final Kardec não faz nenhum comentário, não temos como saber o que ele, de fato, pensava sobre essas considerações de Emile Barbault,

porém, não poderíamos deixar de colocá-las.

Em *A Gênese*, no “Cap. VI – Uranografia Geral”, podemos ainda encontrar algo, tratando o reino mineral como “criatura”:

Esse fluido penetra os corpos, como um oceano imenso. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpétua em cada globo, conforme a condição deste, princípio que, em estado latente, se conserva adormecido onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura, mineral, vegetal, animal ou qualquer outra – porquanto há muitos outros reinos naturais, de cuja existência nem sequer suspeitais – sabe, em virtude desse princípio vital e universal, apropriar as condições de sua existência e de sua duração.

As moléculas do mineral têm uma certa soma dessa vida, do mesmo modo que a semente do embrião, e se grupam, como no organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos.

Muito importa nos compenetremos da noção de que a matéria cósmica primitiva se achava revestida, não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, como também do universal princípio vital que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se apresentam as condições da existência sucessiva dos seres e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida, durante o período criador.

Efetua-se assim a criação universal. É, pois, exato dizer-se que, sendo as operações da Natureza a expressão da vontade divina, Deus há criado sempre, cria incessantemente e nunca deixará de criar. (KARDEC, 2007e, p. 135-136, grifo nosso).

O problema, que reside aqui, é que Kardec fez questão de fazer a seguinte observação: “Este capítulo é textualmente extraído de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título – Estudos uranográficos e assinadas GALILEU. Médiun: C. F.” (KARDEC, 2007e, p. 121). O que nos leva a crer que, dessa forma, ele deixa claro que o assunto não havia passado pelo Controle Universal do Ensino dos Espíritos – CUEE; por isso, deveria ser tratado como hipótese, não como verdade doutrinária. Aliás, Kardec já advertia na Introdução de *A Gênese*, de que nem tudo constante nessa obra era provindo dos Espíritos, porquanto havia...

[...] algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas. (KARDEC, 2007e, p. 16-17).

Aliado a isso, temos ainda a opinião do próprio

Camille Flammarion, o médium citado, que não demonstra nenhuma confiança nas comunicações recebidas por ele:

Naquelas reuniões na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, escrevi, por meu lado, páginas sobre astronomia, assinadas "Galileu". Essas comunicações ficavam no escritório da sociedade, e Allan Kardec publicou-as em 1867, sob o título *Uranographie générale (Uranografia Geral)*, em seu livro intitulado *La Genèse (Gênese)* (do qual conservei um dos primeiros exemplares, com a dedicatória do autor). Essas páginas sobre astronomia nada me ensinaram. Não tardei em concluir que elas eram apenas o eco daquilo que eu sabia e que Galileu nada tinha a ver com aquilo. Era como uma espécie de sonho acordado. Além disso, minha mão parava quando eu pensava em outros assuntos. (FLAMMARION, 2011, p. 44, grifo nosso, exceto os títulos das obras).

Um pouco mais à frente, ainda em *A Gênese*, no "Cap. VI, item 19 – A criação universal", encontramos esta outra afirmação do Espírito Galileu:

Aos que desejem religiosamente conhecer e se mostrem humildes perante Deus, direi, rogando-lhes, todavia, que nenhum sistema prematuro baseiem nas minhas palavras, o seguinte: O Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá,

simultaneamente com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização. Unicamente a datar do dia em que o Senhor Ihe imprime na fronte o seu tipo augusto, o Espírito toma lugar no seio das humanidades. (KARDEC, 2007e, p. 136-137, grifo nosso).

**Acreditamos que para o próprio Flammarion a designação seres inferiores se refere aos seres vivos. Para corroborar isso, trazemos da sua obra filosófica *Deus na Natureza*, os seguintes trechos:**

[...] Pela troca perpétua, operante em todos os seres da Natureza e que a todos os encadeia sob o império de uma comunhão substancial, pela comunicação permanente das coisas entre si, da atmosfera com as plantas e todos os seres que respiram, das plantas com os animais, da água com todas as substâncias organizadas, pela nutrição e assimilação que perpetuam a cadeia das existências, as moléculas entram nos corpos e deles saem, mudam de proprietário a cada instante, mas conservam essencialmente a natureza intrínseca. [...]. (FLAMMARION, 1990, p. 67, grifo nosso).

As leis da Natureza regem o movimento dos átomos nos seres vivos, como nos inorgânicos: a mesma molécula passa sucessivamente do mineral ao vegetal e ao

animal, neles incorporando-se segundo as leis que organizam todas as coisas. (FLAMMARION, 1990, p. 68, grifo nosso).

E contudo, a verdadeira realidade é que a vida de todos os seres terrícolas – homens, animais e plantas – é uma e única, sujeita a um mesmo sistema, tendo por ambiente o ar e por base o solo. [...]. (FLAMMARION, 1990, p. 88, grifo nosso).

Vamos transcrever de *O Livro dos Espíritos* várias perguntas e respectivas respostas, pelas quais a evolução do princípio inteligente é tratada somente em relação aos animais, portanto, foram excluídos do processo os minerais e os vegetais:

23. *Que é o Espírito?*

“O princípio inteligente do Universo”.

79. *Pois que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material?*

“Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos”.

593. *Poder-se-á dizer que os animais só obram por instinto?*

“Ainda aí há um sistema. É verdade que na maioria dos animais domina o instinto. Mas, não vêes que muitos obram denotando acentuada vontade? É que têm inteligência, porém limitada”.

Não se poderia negar que, além de possuírem o instinto, alguns animais praticam atos combinados, que denunciam vontade de operar em determinado sentido e de acordo com as circunstâncias. Há, pois, neles, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício quase que se circunscribe à utilização dos meios de satisfazerem às suas necessidades físicas e de proverem à conservação própria. [...].

*597. Pois que os animais possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria?*

“Há e que sobrevive ao corpo”.

*597. a) – Será esse princípio uma alma semelhante à do homem?*

“É também uma alma, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus”.

*598. Após a morte, conserva a alma dos animais a sua individualidade e a consciência de si mesma?*

“Conserva sua individualidade; quanto à consciência do seu eu, não. A vida inteligente

Ihe permanece em estado latente”.

599. *À alma dos animais é dado escolher a espécie de animal em que encarne?*

“Não, pois que Ihe falta livre-arbítrio”.

601. *Os animais estão sujeitos, como o homem, a uma lei progressiva?*

“Sim; e daí vem que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios mais amplos de comunicação. São sempre, porém, inferiores ao homem e se Ihe acham submetidos, tendo neles o homem servidores inteligentes”.

Nada há nisso de extraordinário, tomemos os nossos mais inteligentes animais, o cão, o elefante, o cavalo, e imaginemo-los dotados de uma conformação apropriada a trabalhos manuais. Que não fariam sob a direção do homem?

604. a) – *A inteligência é então uma propriedade comum, um ponto de contacto entre a alma dos animais e a do homem?*

“É, porém os animais só possuem a inteligência da vida material. No homem, a inteligência proporciona a vida moral”.

606. a) – *Então, emanam de um único princípio a inteligência do homem e a dos animais?*

“Sem dúvida alguma, porém, no homem, passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal”.



610. *Ter-se-ão enganado os Espíritos que disseram constituir o homem um ser à parte na ordem da criação?*

“Não, mas a questão não fora desenvolvida. Demais, há coisas que só a seu tempo podem ser esclarecidas. O homem é, com efeito, um ser à parte, visto possuir faculdades que o distinguem de todos os outros e ter outro destino. A espécie humana é a que Deus escolheu para a encarnação dos seres que podem conhecê-Lo”.

612. *Poderia encarnar num animal o Espírito que animou o corpo de um homem?*

“Isso seria retrogradar e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente”.

(KARDEC, 2007a, p, 34, 100, 330-339 – *passim*)

Não reproduzimos as questões 607, 607a e 607b, por já terem sido mencionadas. Além dessas questões, outras mais nós tratamos em nosso livro *Alma dos Animais: estágio anterior da alma humana?*, o qual sugerimos ao leitor, caso tenha interesse, a sua leitura.

Voltamos a lembrar o fato de que Kardec, em *A Gênese*, atribuiu às plantas o instinto, ou seja, uma inteligência rudimentar, ponto que não podemos jamais esquecer pois é nela que o codificador expressa a sua última posição sobre o tema.

E, finalizando, as transcrições e *O Livro dos Espíritos*, temos a questão 613, que merece alguns comentários de nossa parte, razão pela qual não a incluímos na lista logo acima.

613. *Embora de todo errônea, a ideia ligada à metempsicose não terá resultado do sentimento intuitivo que o homem possui de suas diferentes existências?*

“Nessa, como em muitas outras crenças, se depara esse sentimento intuitivo. O homem, porém, o desnaturou, como costuma fazer com a maioria de suas ideias intuitivas.”

Seria verdadeira a metempsicose, se indicasse a progressão da alma, passando de um estado a outro superior, onde adquirisse desenvolvimentos que lhe transformassem a natureza. É, porém, falsa no sentido de transmigração direta da alma do animal para o homem e reciprocamente, o que implicaria a ideia de uma retrogradação, ou de fusão. Ora, o fato de não poder semelhante fusão operar-se, entre os seres corporais das duas espécies, mostra que estas são de graus inassimiláveis, devendo dar-se o mesmo com relação aos espíritos que as animam. Se um mesmo Espírito as pudesse animar alternativamente, haveria, como consequência, uma identidade de natureza, traduzindo-se pela possibilidade da reprodução material.

A reencarnação, como os Espíritos a ensinam, se funda, ao contrário, na marcha ascendente da Natureza e na

progressão do homem, dentro da sua própria espécie, o que em nada lhe diminui a dignidade. O que o rebaixa é o mau uso que ele faz das faculdades que Deus lhe outorgou para que progrida. Seja como for, a ancianidade e a universalidade da doutrina da metempsicose e, bem assim, a circunstância de a terem professado homens eminentes provam que o princípio da reencarnação se radica na própria Natureza. Antes, pois, constituem argumentos a seu favor, que contrários a esse princípio.

O ponto inicial do Espírito é uma dessas questões que se prendem à origem das coisas e de que Deus guarda o segredo. Dado não é ao homem conhecê-las de modo absoluto, nada mais lhe sendo possível a tal respeito do que fazer suposições, criar sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos longe estão de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas. É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais. Segundo uns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela fieira animal. O primeiro desses sistemas apresenta a vantagem de assinar um alvo ao futuro dos animais, que formariam então os primeiros elos da cadeia dos seres

pensantes. O segundo é mais conforme à dignidade do homem e pode resumir-se da maneira seguinte:

As diferentes espécies de animais não procedem *intelectualmente* umas das outras, mediante progressão. Assim, o espírito da ostra não se torna sucessivamente o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano. Cada espécie constitui, física e moralmente, um tipo *absoluto*, cada um de cujos indivíduos haure na fonte universal a quantidade do princípio inteligente que lhe seja necessário, de acordo com a perfeição de seus órgãos e com o trabalho que tenha de executar nos fenômenos da Natureza, quantidade que ele, por sua morte, restitui ao reservatório donde a tirou. Os dos mundos mais adiantados que o nosso (ver nº 188) constituem igualmente raças distintas, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de adiantamento dos homens, cujos auxiliares eles são, mas de modo nenhum procedem das da Terra, espiritualmente falando. Outro tanto não se dá com o homem. Do ponto de vista físico, este forma evidentemente um elo da cadeia dos seres vivos: porém, do ponto de vista moral, há, entre o animal e o homem, solução de continuidade. O homem possui, como propriedade sua, a alma ou Espírito, centelha divina que lhe confere o senso moral e um alcance intelectual de que carecem os animais e que é nele o ser principal, que preexiste e sobrevive ao corpo, conservando sua individualidade.

Qual a origem do Espírito? Onde o seu ponto inicial? Forma-se do princípio inteligente individualizado? Tudo isso são mistérios que fora inútil querer devassar e sobre os quais, como dissemos, nada mais se pode fazer do que construir sistemas. O que é constante, o que ressalta do raciocínio e da experiência é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, a progressividade de suas faculdades, seu estado feliz ou desgraçado de acordo com o seu adiantamento na senda do bem e todas as verdades morais decorrentes deste princípio.

Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, isso, repetimos, está nos segredos de Deus, como muitas outras coisas, cujo conhecimento *atual* nada importa ao nosso progresso e sobre as quais seria inútil determo-nos.

(KARDEC, 2007a, p. 339-340, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Os Espíritos da Codificação ao afirmarem que “na progressão do homem, dentro da sua própria espécie”, deixam claro que não admitem a possibilidade do Espírito humano reencarnar em alguma espécie anterior, uma vez que a sua progressão é ascendente. Além disso, não é a primeira vez que se diz sobre não se saber o ponto inicial do Espírito, segredo que somente

os Espíritos puros podem acessar.

Das duas hipóteses acima levantadas, Kardec coloca-se a favor de uma delas, exatamente a que dá um destino digno aos “diversos graus dos seres inferiores da Criação”, colocando como vantagem o fato de dar um “alvo ao futuro dos animais, que formariam então os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes”, portanto, ressaltando um equívoco de interpretação de nossa parte, ele admite o início da evolução do princípio inteligente no reino animal.

Na afirmação de que “o que em nada lhe diminui a dignidade”, Kardec só pode ter dito isso se considerasse o animal como estágio anterior do princípio inteligente que hoje habita um ser humano.

Em *A Gênese*, no “Cap. XI – Gênese Espiritual”, quando trata da “Hipótese sobre a origem do corpo humano”, também encontramos isso:

15. Da semelhança, que há, de formas exteriores entre o corpo do homem e o do macaco, concluíram alguns fisiologistas que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nada aí há de impossível, nem o que, se assim for, afete a dignidade do homem. Bem pode dar-se que corpos de macaco tenham servido de vestidura aos primeiros Espíritos humanos, forçosamente pouco adiantados, que viessem encarnar na

Terra, sendo essa vestidura mais apropriada às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades, do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de se fazer para o Espírito um invólucro especial, ele teria achado um já pronto. Vestiu-se então da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem não raro se reveste da pele de certos animais, sem deixar de ser homem.

Fique bem entendido que aqui unicamente se trata de uma hipótese, de modo algum posta como princípio, mas apresentada apenas para mostrar que a origem do corpo em nada prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica paridade entre o seu Espírito e o do macaco. (KARDEC, 2007e, p. 243-244, grifo nosso).

**O homem como transformação do animal não é admitido; porém, porta aberta ao Espírito (princípio inteligente) que anima ambos, este sim, pode ir do que está temporariamente num grau inferior ao que já está num grau mais elevado.**

**Encontramos ainda em *A Gênese*, no “Capítulo X – Gênese orgânica”, no tópico “O homem corpóreo”, algo bem interessante:**

28. — Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista do organismo, é-se forçado a reconhecer

que, desde o líquen até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de contacto com o anel precedente. Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior. Visto que são idênticas às dos outros corpos as condições do corpo do homem, química e constitucionalmente; visto que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, também nas mesmas condições que os outros se há de ele ter formado. (KARDEC, 2007e, p. 233, grifo nosso).

Trata-se aqui isoladamente do organismo e não que os dois – corpo físico e espírito – dos homens e do seres vivos sejam os mesmos.

Bom, até aqui nós não conseguimos ver nada dito por Kardec de forma clara, objetiva e conclusiva para apoiarmos a hipótese de que o princípio inteligente tenha, em seu desenvolvimento intelectual e moral, passado pelo reino mineral, muito pelo contrário; entretanto, queremos deixar bem claro que vários companheiros espíritas advogam cada uma dessas duas hipóteses, coisa que além de natural é algo totalmente possível dentro do meio espírita, principalmente se levarmos em consideração essas duas afirmações de



**Kardec:**

[...] Ele [o Espiritismo] deixa, pois, a cada um uma inteira liberdade de exame, em virtude deste princípio, de que a verdade sendo una, deve, cedo ou tarde, se impor sobre o que é falso, e que um princípio fundado sobre o erro cai pela força das coisas. [...]. (KARDEC, 2000c, p. 306, grifo nosso).

Cada um é livre para encarar as coisas à sua maneira, e nós, que reclamamos essa liberdade para nós, não podemos recusá-la aos outros. (KARDEC, 1993i, p. 5, grifo nosso).

**Por outro lado, é bom também não deixar de ter em mente que, para Kardec:**

*O Livro dos Espíritos* não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão lhe colocar as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. (KARDEC, 1993i, p. 223)

**Ou seja, não fecha questão colocando tudo como pronto e acabado; porém, abre uma porta para futuras considerações provenientes de novos estudos e experiências.**

**Para que você leitor possa melhor se situar nas transcrições das obras de Kardec, aqui utilizadas,**

informamos que a ordem cronológica delas é a seguinte:

1857 – *O Livro dos Espíritos – primeira edição de 1867*. São Paulo: IPECE, 2004.

1860 – *O Livro dos Espíritos*. (segunda edição) Rio de Janeiro: FEB, 2007a.

1861 – *A. Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993f.

1864 – *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007c.

1865 – *Revista Espírita 1865*. Araras, SP: IDE, 2000c.

1866 – *Revista Espírita 1866*. Araras, SP: IDE, 1993i.

1867 – *Revista Espírita 1867*. Araras, SP: IDE, 1999.

1868 – *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007e.

1868 – *Revista Espírita 1868*. Araras, SP: IDE, 1993j.

Isso pode ser importante, porquanto, temos que levar em consideração que a opinião final de Kardec, será a que ele expressa na última delas, pois, s.m.j., as nossas ideias, sobre determinado assunto, vão evoluindo de acordo com os novos conhecimentos que vamos adquirindo ao longo do tempo, por essa razão, a última fala deve ser aquela na qual se resume todos esses conhecimentos.

### 3. Estudiosos dos primórdios da Codificação

Traremos vários autores, contemporâneos ou próximos da época de Kardec, que, de uma forma ou de outra, tocaram nesse assunto.

#### 3.1 – Léon Denis

Léon Denis (1846-1927) é o primeiro da lista, cujas obras voltaremos, agora, a nossa atenção, cumprindo o que havíamos prometido no início, pois em duas delas – *Depois da Morte* e *O Problema do ser, do destino e da dor* – encontramos algo relacionado ao tema:

##### a) *Depois da Morte* (1890):

Tempo chegará em que todos esses vocábulos: materialista, positivista, espiritualista, perderão sua razão de ser, porque o pensamento estará livre das peias e barreiras que lhe impõem escolas e sistemas. Quando perscrutamos o fundo das coisas, reconhecemos que matéria e espírito não passam de meios variáveis e relativos para expressão do que existe unicamente de positivo no Universo, isto é – a força e a vida, que, achando-se em estado latente no mineral, se vão desenvolvendo progressivamente do vegetal ao ente humano, e, mesmo acima deste, nos

degraus inumeráveis da escala superior.  
(DENIS, 1987, p. 97, grifo nosso).

Denis, pelo que percebemos, advoga, nesse ponto, a evolução do princípio inteligente (caso ele seja compreendido como integrante de “a força e a vida”), a partir do reino mineral; porém, em outras oportunidades já nos pareceu não admitir isso.

Sabemos que, em nosso globo, a vida aparece primeiramente sob os mais simples, os mais elementares aspectos, para elevar-se, por uma progressão constante, de formas em formas, de espécies em espécies, até ao tipo humano, coroamento da criação terrestre. Pouco a pouco, desenvolvem-se e depuram-se os organismos, aumenta a sensibilidade. Lentamente, a vida liberta-se dos liames da matéria; o instinto cego dá lugar a inteligência e a razão. Teria cada alma percorrido esse caminho medonho, essa escala de evolução progressiva, cujos primeiros degraus afundam-se num abismo tenebroso? Antes de adquirir a consciência e a liberdade, antes de se possuir na plenitude de sua vontade, teria ela animado os organismos rudimentares, revestido as formas inferiores da vida? Em uma palavra: teria passado pela animalidade? O estudo do caráter humano, ainda com o cunho da bestialidade, leva-nos a supor isso.

O sentimento da justiça absoluta diz-nos também que o animal, tanto quanto o homem, não deve viver e sofrer para o nada. Uma

cadeia ascendente e continua liga todas as criações, o mineral ao vegetal, o vegetal ao animal, e este ao ente humano. Liga-os duplamente, ao material como ao espiritual. Não sendo a vida mais que uma manifestação do espírito, traduzida pelo movimento, essas duas formas de evolução são paralelas e solidárias.

A alma elabora-se no seio dos organismos rudimentares. No animal está apenas em estado embrionário; no homem, adquire o conhecimento, e não mais pode retrogradar. Porém, em todos os graus ela prepara e conforma o seu invólucro. As formas sucessivas que reveste são a expressão do seu valor próprio. A situação que ocupa na escala dos seres está em relação direta com o seu estado de adiantamento. Não se deve acusar Deus por ter criado formas horrendas e desproporcionadas. Os seres não podem ter outras aparências que não sejam as resultantes das suas tendências e dos hábitos contraídos. Acontece que almas, atingindo o estado humano, escolhem corpos débeis e sofredores para adquirirem as qualidades que devem favorecer a sua elevação; porém, na Natureza inferior nenhuma escolha poderiam praticar e o ser recai forçosamente sob o império das atrações que em si desenvolveu.

Essa explicação pode ser verificada por qualquer observador atento. Nos animais domésticos as diferenças de caráter são apreciáveis, e até os de certas espécies parecem mais adiantados que outros. Alguns

possuem qualidades que se aproximam sensivelmente das da Humanidade, sendo suscetíveis de afeição e devotamento. Como a matéria é incapaz de amar e sentir, forçoso é que se admita neles a existência de uma alma em estado embrionário. Nada há aliás maior, mais justo, mais conforme a lei do progresso, do que essa ascensão das almas operando-se por escalas inumeráveis, em cujo percurso elas próprias se formam: pouco a pouco se libertam dos instintos grosseiros e despedaçam a sua couraça de egoísmo para penetrarem nos domínios da razão, do amor, da liberdade. É soberanamente justo que a mesma aprendizagem chegue a todos, e que nenhum ser alcance o estado superior sem ter adquirido aptidões novas.

No dia em que a alma, libertando-se das formas animais e chegando ao estado humano, conquistar a sua autonomia, a sua responsabilidade moral, e compreender o dever, nem por isso atinge o seu fim ou termina a sua evolução. Longe de acabar, agora é que começa a sua obra real; novas tarefas chamam-na. As lutas do passado nada são ao lado das que o futuro lhe reserva. Os seus renascimentos em corpos carnis suceder-se-ão. De cada vez, ela continuará, com órgãos rejuvenescidos, a obra do aperfeiçoamento interrompida pela morte, a fim de prosseguir e mais avançar. Eterna viajora, a alma deve subir, assim, de esfera em esfera, para o Bem, para a Razão infinita, alcançar novos níveis, aprimorar-se sem cessar em ciência, em critério, em

virtude. (DENIS, 1987, p. 132-134, grifo nosso).

Apesar de afirmar que há uma cadeia ascendente tanto no aspecto material quanto no espiritual, ligando todos os seres da criação, ao dizer sobre a elaboração da alma, Denis, nessa sua fala, a coloca no reino animal.

Ao falar da evolução perispiritual, Denis faz as seguintes considerações:

As relações seculares entre os Espíritos e os homens, confirmadas, explicadas pelas recentes experiências do Espiritismo, demonstram a sobrevivência do ser sob uma forma fluídica mais perfeita.

Essa forma indestrutível, companheira e serva da alma, testemunho de suas lutas e de seus sofrimentos, participa de suas peregrinações, eleva-se e purifica-se com ela. Gerado nos últimos degraus da animalidade, o ser perispiritual sobe lentamente a escala das espécies, impregnando-se dos instintos das feras, das astúcias dos felinos, e também das qualidades, das tendências generosas dos animais superiores. Até então mais não é que um ser rudimentar, um esboço incompleto. Chegando à Humanidade, começa a ter sentimentos mais elevados; o espírito irradia com maior vigor e o perispírito ilumina-se com claridades novas. De vidas

em vidas, à proporção que as faculdades se dilatam, que as aspirações se depuram, que o campo dos conhecimentos se alarga, ele se enriquece com sentidos novos. Como a borboleta que sai da crisálida, assim também o corpo espiritual desprende-se de seus andrajos de carne, sempre que uma encarnação termina. A alma, inteira e livre, retoma posse de si mesma e, considerando, em seu aspecto esplêndido ou miserável, o manto fluídico que a cobre, verifica seu próprio estado de adiantamento. (DENIS, 1987, p. 183, grifo nosso).

Da colocação de que o perispírito foi gerado nos últimos degraus da animalidade, acabamos por concluir, que, s.m.j., Denis tem no reino animal como sendo o princípio da evolução da alma humana.

b) *O Problema do Ser, do Destino e da Dor* (1905):

O homem é, pois, ao mesmo tempo, espírito e matéria, alma e corpo; mas talvez espírito e matéria não sejam mais do que simples palavras, exprimindo de maneira imperfeita as duas formas da vida eterna, a qual dormita na matéria bruta, acorda na matéria orgânica, adquire atividade, se expande e se eleva no espírito. (DENIS, 1989, p. 63, grifo nosso).

Aqui a frase é bem semelhante àquela que lhe atribuem, colocada no início do texto, entretanto, ele



fala da “vida eterna”, que é algo abrangente e, necessariamente, pode não significar especificamente o princípio inteligente.

A lei do progresso não se aplica somente ao homem; é universal. Há, em todos os reinos da Natureza, uma evolução que foi reconhecida pelos pensadores de todos os tempos. Desde a célula verde, desde o embrião errante, boiando à flor das águas, a cadeia das espécies tem-se desenrolado através de séries variadas, até nós.(108)

Cada elo dessa cadeia representa uma forma da existência que conduz a uma forma superior, a um organismo mais rico, mais bem-adaptado às necessidades, às manifestações crescentes da vida; mas, na escala da evolução, o pensamento, a consciência e a liberdade só aparecem passados muitos graus. Na planta a inteligência dormita; no animal ela sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente; a partir daí o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da Natureza, só se pode realizar pelo acordo da vontade humana com as leis Eternas.

---

(108) Os seres monocelulares encontram-se ainda hoje aos bilhões, em cada organismo humano. Não foi de uma única célula que saiu a série das espécies; foi antes a multidão das células que se agrupou para formar seres mais perfeitos e, de degrau em degrau, convergir para a unidade.

(DENIS, 1989, p. 122-123, grifo nosso).

Agora, dá uma reviravolta dizendo que é na planta que a inteligência dormita, com isso dá uma pista para definir qual é realmente a sua posição, que, parece-nos ser mais para deixar de fora o reino mineral, caso não estejamos forçando a barra, em virtude do que concluímos nos baseando em Kardec.

### 3.2 – Camille Flammarion

Camille Flammarion, destacado astrônomo francês, manifestou uma opinião a respeito do assunto, vamos encontrá-la na obra *Estamos prontos*, ditada pelo Espírito Hammed, pela psicografia de Francisco do Espírito Santo Neto, no seguinte trecho:

Diz Camille Flammarion (5): “A existência do Espírito na Natureza, nas leis do cosmo, no homem, nos animais e nas plantas é manifesta. Ela deve bastar para estabelecer a religião natural. E tal religião será incomparavelmente mais sólida que todas as formas dogmáticas”.

---

5 Camille Flammarion, *Mémoires Biographiques et Philosophiques d'un Astronome*, Ernest Flammarion Editeu, 1911.

(ESPIRITO SANTO NETO, 2012, p. 73, grifo nosso).

Pelo visto, Flammarion não aceitava a existência

do Espírito nos minerais.

Aproveitamos o momento para também colocarmos as considerações de Hammed, autor espiritual, que acabamos de citar:

Todavia, não carregamos somente as características denominadas rudes ou embrutecidas, mas também propriedades e atributos em germe, como solidariedade, organização, altruísmo, prudência, cooperação, empatia e outros tantos, provenientes dessa mesma herança – isto é, as fases evolutivas (ato de nascer – aprendizado, ato de morrer – aprendizado, ato de renascer – aprendizado) – em que o princípio inteligente serve-se dessa linhagem, seguindo por intermédio das experiências imensamente recapituladas, rumo à plataforma da humanidade.

Hoje atribuímos essas qualidades apenas aos homens, ignorando que elas também são um legado de nossos ancestrais do reino animal, ou seja, os embriões de consciência ou espíritos em evolução, constituindo, assim, as bases evolutivas da conduta atual da coletividade humana. (ESPÍRITO SANTO NETO, 2012, p. 25, grifo nosso).

Entendemos que, para esse orientador desencarnado, o início do processo evolutivo do princípio inteligente tem seu início no reino animal.

### 3.3 – Gabriel Delanne

Gabriel Delanne foi contemporâneo de Léon Denis, filho de Alexandre Delanne, amigo íntimo de Allan Kardec, dedicou-se ao aspecto científico do Espiritismo, cujas conclusões trazemos para análise. Especificamente, desenvolveu um estudo sobre o assunto na obra *A Evolução Anímica*, e também falou alguma coisa nestas duas outras: *O Espiritismo perante a ciência* e *A Reencarnação*. Vejamo-las, pela ordem de publicação:

#### a) *O Espiritismo perante a ciência* (1885):

O que nos falta dizer é como o perispírito pode ter adquirido todas as qualidades necessárias ao funcionamento de uma maravilha como é o corpo humano. É preciso que estabeleçamos por que processo esta organização fluídica pode dirigir as diferentes categorias de ações orgânicas que compõem a vida.

Segundo acreditamos, quanto mais o espírito se eleva mais se lhe depura o invólucro. Podemos, pois, dizer, olhando para o passado, que, quanto mais grosseiro é o invólucro, menos adiantado é o espírito; donde a conclusão de que a alma humana, antes de animar um organismo tão perfeito como o corpo humano, teve que passar pela fieira animal: Não pretendemos que o princípio inteligente tenha sido obrigado a

atravessar a fase vegetal, porque nas plantas não encontramos sinal algum de sensibilidade bem nitidamente acusada. Os movimentos de certas dioneias, como a mimosa pudica, vulgarmente chamada sensitiva, não bastam para estabelecer esta propriedade nas raças vegetais. Tomaremos, pois, como ponto de partida das evoluções do princípio inteligente os mais rudimentares animais. (DELANNE, 1993, p. 310, grifo nosso).

Vê-se, então, que, para Delanne, o ponto de partida da evolução do princípio inteligente é no reino animal.

Logo no início dessa obra, encontramos algo que pode nos indicar aquilo que faz a ligação entre os três reinos:

O corpo do homem rejeita o que nutre a planta; a planta transforma o ar, que nutre o animal; o animal nutre o homem, e os seus resíduos, levados pelo ar à superfície da terra vegetal, renovam e entretêm a vida das plantas. Todos os mundos: vegetais, minerais, animais, se unem, se penetram, se confundem e transmitem a vida por um movimento que é dado ao homem verificar e compreender. Eis por que – diz ele – “circulação da matéria é a alma do Mundo”. (DELANNE, 1993, p. 18, grifo nosso).

Não seria o “tudo na natureza se encadeia”, dito

por Kardec?

b) *A Evolução anímica (1895)*

[...] O Espírito, transitando pela matéria vivente, desde as primitivas eras do mundo, conseguiu paulatinamente, a transformação progressiva e aperfeiçoada. Cremos seja ele o agente de evolução das formas orgânicas e, daí, a razão do perispírito, conservando-lhe as leis. Nem foi senão lentíssima e progressivamente que essas leis se lhe incrustaram na contextura. (DELANNE, 1989, p. 53, grifo nosso).

Preciso, é, portanto, demonstrarmos a unidade do princípio pensante no homem e no animal, e estabelecermos que não há transições bruscas entre um e outro; que a lei de continuidade não se interrompe, que o homem não constitui um reino à parte no seio da natureza, e que só mediante uma evolução contínua, por esforços consecutivos, chega a atingir o ponto culminante na criação. (DELANNE, 1989, p. 56, grifo nosso).

Do homem ao macaco, deste ao cão; da ave ao réptil e deste ao peixe; do peixe ao molusco, ao verme, ao mais ínfimo dos colocados nas fronteiras extremas do mundo orgânico com o mundo inanimado, nenhuma passagem é brusca. O que se dá é sempre uma degradação insensível. Todos os seres se tocam, formam uma cadeia de vida, que só nos parece interrompida pelo desconhecimento das formas extintas ou desaparecidas. Nessa hierarquia dos seres,

o homem reivindica o primeiro lugar a que tem, certo, incontestável direito; mas, isso não o coloca fora da série, e quer simplesmente dizer que ele é o mais aperfeiçoado dos animais.

Não só é impossível fazer do homem um ser destacado do reino animal, como devemos conceituá-lo também ligado aos seres inferiores, visto que, entre animais e vegetais, não há delimitação.

Certo, o vulgar bom senso, como diz Charles Bonnet, distinguirá sempre um gato de uma roseira; mas, se quisermos avançar no estudo dos processos vitais que diferenciam o animal da planta, havemos de ver que não existem mais caracteres próprios do animal que faltem à planta. Porque, de um lado, há plantas que, como as algas, se reproduzem por meio de corpúsculos agilíssimos, e, de outro lado, animais que, no decurso de longa existência permanecem imóveis, aparentemente insensíveis, sem terem mesmo, como a sensitiva, a faculdade de subtrair-se às hostilidades exteriores. Ao homem é impossível viver de maneira diferente dos outros animais.

O sangue lhe circula do mesmo feitio, o ar é respirado nas mesmas proporções, mercê de idêntico mecanismo. Os alimentos são da mesma natureza, transformados nas mesmas vísceras, mediante as mesmas operações químicas, pois, como temos visto, as condições indispensáveis à manutenção da vida são idênticas para todos os seres.

O nascimento não é fenômeno particular. Nos primeiros períodos de vida fetal, é impossível distinguir o embrião humano do canino, ou de outro qualquer vertebrado.

A monera que haja de produzir o “rei da criação” é, originariamente, composta de um simples protoplasma, como a de qualquer vegetal.

A morte é também a mesma para toda a série orgânica. Idêntica nas causas, como nos resultados, ou seja, a desorganização da matéria viva, em retorno ao grande laboratório da natureza.

Resumindo: reconhecemos, com os sábios, que, por seus caracteres físicos, o homem em nada se distingue do animal, e que vã tem resultado a tentativa para estabelecer uma linha que lhe permita atribuir-se um lugar privilegiado (DELANNE, 1989, p. 62-63, grifo nosso).

Se tivermos bem de vista os fatos retrocitados, a respeito dos selvagens, compreenderemos melhor a marcha ascendente do princípio pensante, a partir das mais rudimentares formas da animalidade, até atingir o máximo do seu desenvolvimento no homem. Os povos primitivos são vestígios que demonstram as fases do processo transformista, mas tais seres que nos parecem tão degradados são, ainda assim, superiores ao nosso ancestral da época quaternária, o que nos permite compreender que não existe diferença essencial entre a alma animal e a nossa.



(DELANNE, 1989, p. 70-71, grifo nosso);

A descendência animal do homem impõe-se com evidência luminosa a todo pensador imparcial. Somos, evidentemente, o último ramo aflorado da grande árvore da vida, e resumimos, acumulando-os, todos os caracteres físicos, intelectuais e morais, assinalados isoladamente em cada um dos indivíduos que perfazem a séries dos seres. (DELANNE, 1989, p. 83, grifo nosso).

A Natureza opera sempre em continuidade nas manifestações sucessivas que perfazem o conjunto dos fenômenos terrestres.

Já no reino mineral se torna possível encontrar o traço de uma futura vida orgânica. O cristal é quase um ser vivente, visto que difere completamente da matéria amorfa, tendo as moléculas orientadas por uma ordem geométrica, fixa e, por tanto, uma tal ou qual individualidade. Nele existe os primeiros lineamentos da reprodução, visto como a mínima de suas parcelas, mergulhada num soluto idêntico, permitirá o desenvolvimento regular e indefinido dessa partícula, constituindo um cristal semelhante ao primeiro. Não há, finalmente, uma só parte do seu bloco, cuja avaria não se possa reparar. (DELANNE, 1989, p. 184-185, grifo nosso).

[...] No mundo inorgânico tudo é cego, passivo, fatal; jamais se verifica progresso, não há mais que mudanças de estados, as quais em nada modificam a natureza íntima da substância. No ser inteligente há aumento de poder,

desenvolvimento de faculdade latente, eclosão do ser, a traduzir-se por exaltação íntima do indivíduo. (DELANNE, 1989, p. 234, grifo nosso).

É no seio tépido dos mares primitivos, sob a ação da luz, do calor e de uma pressão hoje difícil, senão impossível de reproduzir-se, que se formou essa massa viscosa chamada protoplasma, primeira manifestação da vida inteligente, que deve se desenvolver progressiva e paralelamente, e produzir a inumerável multidão de formas vegetais e animais, para chegar, após uma série de séculos ou milênios, à obra tão pacientemente perseguida: – a aparição do ser consciente – o homem. (DELANNE, 1989, p. 238, grifo nosso).

#### A evolução terrestre

Não encerrando os terrenos primitivos qualquer traço de matéria organizada, temos por certo que a vida surgiu na Terra em um dado momento. Vimos que ela, a vida, não é mais que uma modificação da energia, a preludiar-se naturalmente na construção geométrica dos cristais que se organizam, reparam as fraturas e reproduzem-se acidentalmente, quando, cindidos por uma força exterior, se mergulha em água-mãe a parte lascada.

Essa matéria, porém, é inerte, desprovida de espontaneidade; torna-se-lhe necessária a adjunção do princípio intelectual para poder animar-se. É um problema que fica resolvido com o protoplasma. Não há individualidade nessas

massas gelatinosas, moles, viscosas, que tomam indiferentemente todas as formas; mas, logo que se opera uma condensação na massa, como sucedeu com as nebulosas, essa condensação se chama núcleo. Depois, o **protoplasma** reveste-se de uma camada mais densa e é o começo do invólucro membranoso. **A partir desse momento, está o ser vivo constituído; é a célula que há de ser molécula vital, de que se formam todos os seres organizados. Animais ou vegetais, do mais simples ao mais complexo, não passam de associação de células mais ou menos diferenciadas.** Todo o trabalho futuro consistirá nesse agrupamento, e os meios utilizados pela Natureza, para variar a sua obra primitiva, são bem simples, resumem-se em duas proposições: seleção natural ou, melhor dito – luta, pela vida, e influência do meio, cuja ação é enérgica para variar as formas, a alimentação e os instintos. (DELANNE, 1989, p. 238-239, grifo nosso).

O princípio pensante percorreu, lentamente, todas as escalas da vida orgânica, e foi por meio de uma ascensão ininterrupta, em transcurso de séculos inumeráveis, que ele pôde pouco a pouco, demoradamente, fixar no invólucro fluídico todas as leis da vida vegetativa, orgânica e psíquica.

Foi-lhe preciso rematerializar-se um sem-número de vezes para que todos esses movimentos, sentidos, conscientes, desejados, chegassem à inconsciência e ao automatismo perfeito, que caracterizam as reações vitais e as ações reflexas. Não é de

improviso que o ser, seja qual for, chega a esse resultado, pois a Natureza não faz milagres, e opera sempre do simples para o complexo. Para que um ser tão complexo quanto o homem, que reúne os caracteres mais elevados de todas as criaturas vivas, possa existir, importa, absoluta e necessariamente, tenha percorrido toda a série, cujos diferentes estados ele em si resume. (DELANNE, 1989, p. 244-245, grifo nosso).

Por estas várias passagens podemos ver que Delanne continua firme em manter-se na ideia de que o princípio inteligente iniciou seu processo evolutivo no reino animal, que, como reiteradas vezes já vimos, faz parte dos seres orgânicos.

Achamos oportuno colocar a definição de protoplasma:

Protoplasma é a parte viva da célula. É um sistema físico-químico de natureza coloidal e pode passar facilmente do estado sólido ao líquido. Os principais constituintes químicos do protoplasma são as proteínas (ácidos aminados, polipeptídeos etc.), os carboidratos, os lipídios, as substâncias minerais e a água. O protoplasma é uma substância viva que tem a propriedade da assimilação e sofre suas consequências (crescimento, divisão etc.). O protoplasma reage aos excitantes mecânicos, físicos e químicos; pode emitir pseudópodes e sofre

atrações e repulsões. Existem três propriedades importantes dos protoplasmas no sistema nervoso: irritabilidade, condutibilidade e contratilidade. O protoplasma, segundo estudos, foi a primeira matéria viva a habitar o orbe terrestre após as agitações das energias físico-químicas, e das colisões telúricas incandescentes na formação terrestre. E após cessar as agitações do princípio da formação do globo, e ambientar a pressão atmosférica, de forma que oferecesse o ambiente mínimo para a existência de vida na terra, pôde-se assim dar início a primeira forma de vida terrestre, que foi o protoplasma. (Wikipédia, grifo nosso).

Nessa obra de Delanne, também, vemos um trecho que corrobora o “tudo na natureza se encadeia”, mencionado um pouco atrás:

[...] Quanta grandeza nessa marcha lenta, porém firme, para chegar ao homem, florescência da força criadora, joia que resume e sintetiza todo o progresso, receptáculo de todas as formas, colônia viva, hierarquizada de todas as formas de vida, pois que nele concorrem, e se prestam mútuo auxílio, todos os reinos. A estrutura óssea é o mundo mineral, mas quão melhorado, vitalizado! Os sais, inertes *in natura*, aí estão vivos, mutáveis e permutáveis, mas conservando, em seu trânsito, o caráter essencial – a solidez!

Depois, é o mundo vegetal nas células

que apresentam variedade e opulência incapazes de serem ultrapassadas por qualquer planta. Em seguida, é o reino animal que fornece sucessivamente os melhores órgãos, nos quais encontramos o esboço de aperfeiçoamento, de espécie em espécie, até atingir o tipo definitivo da humanidade. [...]. (DELANNE, 1989, p. 76-77, grifo nosso).

Também para Delanne, ao que nos parece, é a matéria que faz estreita ligação entre os três reinos.

c) *A reencarnação (1927):*

Em nossos dias existem, ainda, representantes de todas as mentalidades possíveis. Desde as plantas até o homem, passando por todo o reino animal, há uma série gradual e contínua, que parte da inconsciência quase total até à plena luz da razão que ilumina os homens superiores. (DELANNE, 1987, p. 71, grifo nosso).

Formação e desenvolvimento gradual do espírito

Se bem que a natureza íntima do princípio pensante nos seja ainda desconhecida, somos obrigados a procurar-lhe as origens em todos os seres vivos, por ínfimos que nos possam parecer. Sem dúvida, a individualidade desse princípio não é aparente nas formas inferiores, mas há uma necessidade lógica de ver em todas as manifestações vitais uma ação desse princípio espiritual, mesmo quando ele

está, ainda, indistinto nos seres que estão na base da escala orgânica, como eu o dizia na memória apresentada ao Congresso Espírita, em 1898.

Somos, pois, obrigados, pela força da lógica, a buscar no reino vegetal o exórdio da evolução anímica, porque a forma que as plantas tomam e conservam durante a vida implica a presença de um duplo perispiritual, que preside às trocas e mantém a fixidez do tipo. (DELANNE, 1987, p. 72, grifo nosso).

Delanne, ao que tudo indica, muda de ideia, embora não tenha deixado isso expresso, para, agora, situar o início da evolução do princípio inteligente não mais no reino animal; mas, sim, no vegetal, onde lhe fixa o início do processo evolutivo rumo ao reino hominal, estágio anterior a angelitude. Ao falar da escala orgânica, remete-nos ao teor da frase que colocamos no início deste estudo, que cabe lembrarmos: “A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica.” (Espíritos Superiores, *LE*, q. 136a, grifo nosso).

### 3.4 – Oliver Joseph Lodge

Oliver Joseph Lodge (1851-1940), físico e escritor inglês, autor da obra *Raymund*, da qual transcrevemos:

Seja lá o que for a vida, é para nós uma abstração porque essa palavra constitui um termo geral indicativo de uma coisa comum a todos os animais e plantas, mas não existente de modo direto no mundo inorgânico. Para compreendermos a vida temos de estudar as coisas vivas e ver o que há nelas de comum. Um organismo é vivo quando afeiçoa a matéria de uma forma especial e utiliza-se da energia para os fins próprios – sobretudo o crescimento e a reprodução. Um organismo vivo, enquanto permanece vivo defende a sua complicada estrutura contra a deterioração e a desagregação. (LODGE, 2012, p. 193, grifo nosso).

É interessante que aqui encontramos o que vimos várias vezes em Kardec, sobre a questão dos seres inorgânicos não terem vida. Da afirmativa de Lodge de que “um organismo é vivo quando afeiçoa a matéria”, deduzimos que isso não ocorre no reino mineral.

### 3.5 – Ernesto Bozzano

Ernesto Bozzano (1862-1943), dedicou-se desde cedo ao estudo, sobretudo da filosofia e das ciências exatas. Foi professor de filosofia da ciência na Universidade de Turim, Itália. Pesquisador espírita desenvolveu um estudo sobre a questão da alma nos animais, cujo título é: “*Os animais têm Alma?*”, do qual transcrevemos:



Há alguma coisa de anticientífico em se supor que a evolução biológica da espécie, ilustrada pela ciência, seja regulada por uma evolução correspondente e paralela do espírito, que se individualizaria gradual e lentamente, ganhando uma consciência própria, sempre mais forte, graças ao acúmulo de uma série de experiências adquiridas na passagem através de uma multidão de existências vegetais, animais e humanas?

Como quer que seja, não é menos verdade que a teoria da sobrevivência da psique animal – sobrevivência que, como se pôde ver, resulta incontestavelmente dos fatos observados – deixaria de ter uma base racional se ela não fosse completada pela hipótese reencarnacionista, porque não se poderia admitir uma condição de existência espiritual dos animais sem a qual um quadrúpede, um réptil, um pássaro, etc. deveriam permanecer como tais eternamente. Segue-se daí que as formas animais da existência terrena, do mesmo modo que as graduações das raças humanas, não podem ser senão consideradas como formas transitórias por meio das quais todos os seres vivos deveriam passar, sem o que a vida do universo não se explicaria e seria sem finalidade, como não existiria, aliás, qualquer justiça no mundo.

Insisto neste ponto: que a escala infinita dos seres vivos só pode ser a expressão das manifestações da alma nas suas

etapas progressivas de elevação espiritual. O que se tornou atual no homem, graças a uma longa evolução, fica potencial nos seres inferiores. A involução precede a evolução. Não é, portanto, a matéria que faz evoluir o espírito, é o espírito que, para evoluir sozinho, precisa de todas as fases de experiência que ele poderá obter na Terra, e, por consequência, tem necessidade de se revestir de todas as formas sucessivamente mais refinadas que lhe pode oferecer a matéria organizada. As leis biológicas da seleção natural, da sobrevivência do mais capaz, da influência do meio não são senão os acessórios mais indispensáveis para essa evolução, mas a verdadeira causa da evolução dos organismos vivos é interior e se chama espírito.

Uma das melhores definições compreensíveis sobre a natureza íntima dos processos evolutivos nas individualidades vivas foi ditada mediunicamente à lady Cathness, que a transcreve no seu livro *Old truth in new light* (Antiga verdade com nova luz). Embora essa dama fosse inglesa, esta definição lhe foi dada em francês. Reproduzo-a tal como é:

O gás se mineraliza,  
O mineral se vegetaliza,  
O vegetal se humaniza,  
O homem se diviniza.

Se fossem acolhidas as conclusões acima, em favor da existência é da

sobrevivência da psique animal é de sua passagem ascensional através da escala dos seres por meio das reencarnações sucessivas até o ponto de se humanizar, uma nova luz esclareceria assim o eterno problema que todas as filosofias e todas as religiões se propuseram a resolver: o do fim da vida no universo. Infeliz o povo que perder toda a fé nos altos destinos do ser! [...]. (BOZZANO, 2004, p. 151-152, grifo nosso)

A novidade é que Bozzano admite a evolução do espírito também no reino vegetal, estágio anterior a sua experiência no reino animal, para, posteriormente, adentrar-se no reino hominal.

## 4. Estudiosos ulteriores à Codificação

Vejamos alguns destacados estudiosos brasileiros que surgiram após a consolidação da Doutrina Espírita:

### 4.1 – Cairbar Schutel

Cairbar Shutel (1868-1938), renomado espírita de Matão, SP, tinha essa opinião:

A alma não podia deixar de ter o seu começo, o seu nascimento, no reino animal, nos seres da criação, onde passou por todas as transformações indispensáveis ao seu progresso; onde evoluiu, chorando ali, trabalhando acolá, brincando além, para após essas alternativas de tristezas, de gemidos, de lutas e de alegrias, despontar na Humanidade, onde mediante o seu progresso, mais esclarecida e dotada de outros atributos prepara o glorioso surto de gênio para a posse da Vida na Imortalidade! (SHUTEL, 1982, p. 31, grifo nosso).

Não é nos templos, nem nas academias, que encontraremos o registro da nossa individualidade, mas, sim, *na escala inferior dos seres, no reino animal*, de que o nosso *corpo carnal* é o mais característico exemplar.

Poderá alguém negar esta verdade, que se evidencia aos olhos de todos os que querem ver?

Examine o leitor, com espírito perscrutador, o reino animal e o reino hominal, e verá que não encontra entre estes reinos limites distintamente traçados.

No extremo do reino animal com o reino vegetal, estão os zoófitos ou animais plantas, nome que indica pertencerem eles a ambos os reinos, servindo-lhes de tração de união. E no extremo do reino animal com o reino hominal encontramos o orangotango, o chimpanzé, o gorila, que a tal ponto apresentam as maneiras do homem que, por muito tempo, foram designados sob o nome de *homens dos bosques*. (SHUTEL, 1982, p. 43, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Caibar Schutel coloca, de forma bem categórica, que o início da evolução da alma só poderia ser no reino animal.

#### 4.2 – Durval Ciamponi

Durval Ciamponi (1930- ), foi presidente da FEESP – Federação Espírita de São Paulo, no período de 1999 a 2000, estudou o assunto, sobre o qual tem a seguinte opinião:

Nós, particularmente, baseados nos autores citados e na Codificação Espírita, admitimos que o início da evolução da alma, na Terra, se deu no protoplasma primitivo (matéria orgânica que continha

fluido vital). Mas com isso não queremos dizer que o princípio inteligente tenha sido criado naquele instante, somente porque havia condições propícias para início da sua evolução neste mundo.

Emmanuel (2), diz: “com essa massa gelatinosa, nascia no orbe o protoplasma e, com ele, lançara Jesus à superfície do mundo o germe sagrado dos primeiros homens”. Ainda afirma que o “protoplasma foi embrião de todas as organizações do globo terrestre” e que “os primeiros habitantes da Terra, no plano material, são as células albuminoides, as amebas e todas as organizações unicelulares”.

Dizemos, em sentido figurado, que o protoplasma foi a chocadeira apropriada para receber a mônada do plano espiritual em sua primeira “encarnação” no orbe terrestre, ou na linguagem de André Luiz - “as mônadas celestes exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma”.

---

(2) EMMANUEL (Espírito). *A Caminho da Luz*, cap. I e II, Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Edição FEB, Rio de Janeiro – RJ, 1975.

(CIAMPONI, 2001, p. 34, grifo nosso).

Um pouco mais à frente, ainda colocaremos uma outra fala de Ciamponi, isso quando estivermos tratando da questão 540, de *O Livro dos Espíritos*.

Em resumo o pensamento de Ciamponi é: “Não há, pois, como aceitar a ideia de que a vida começa no reino mineral, sentido defendido por muitos espíritas,

quando se referem à expressão de Léon Denis, de que a 'alma dorme na pedra'" (CIAMPONI, 2001, p. 68-69). Aliás, um pouco mais à frente ele completa: "Não conseguimos localizar onde Léon Denis escreveu essa frase, para uma análise mais profunda" (CIAMPONI, 2001, p. 74), exatamente o que aconteceu conosco, cuja busca foi totalmente infrutífera.

### 4.3 – Dr. Ary Lex

Dr. Alex Lex (1916-2001), médico cirurgião, foi diretor do Hospital das Clínicas, de 1946 a 1978, autor de vários livros, entre os quais *Do sistema nervoso à mediunidade*, no qual, ainda que levemente, esse assunto é abordado: "[...] as correntes orientais infiltradas no Espiritismo dizem que tudo tem vida, os minerais, inclusive, trazendo, com isso, muita confusão. [...]." (LEX, 2009, p. 120).

Num artigo reproduzido no site *Portal do Espírito* ([www.portaldoespirito.com](http://www.portaldoespirito.com)), lemos:

Atuação do Princípio Inteligente não  
Começa nos Minerais

Perguntaram-me se a atuação do princípio inteligente começava a partir dos minerais. Respondi: não. Aos amigos leitores do JE, ante o debate que se abriu em sua edição de agosto/99, com a mesma

pergunta, digo, antes de respondê-la que é mister lembrar as características dos seres vivos.

Já há séculos, distribuíram tudo quanto existe na Terra em três reinos: mineral, vegetal e animal. Tentou a vaidade humana criar para o homem um quarto reino – seria o reino hominal, o que não se justifica, pois o homem está enquadrado no reino animal.

SERES BRUTOS E SERES VIVOS – Os vegetais e os animais, dadas as qualidades que os aproximam, podem ser agrupados com o rótulo de seres organizados. Para os cientistas, existe uma barreira intransponível entre os seres brutos (inorgânicos) e os seres vivos, pois as propriedades peculiares à vida só se encontram nos animais e vegetais.

Este é um ponto em que o Espiritismo está inteiramente de acordo com as ciências biológicas. O Espiritismo ensina que a matéria precisa ser impregnada pelo fluido vital para que possa ser utilizada pelo espírito (nos seres inferiores) costuma-se chamar de “princípio espiritual”.

Gabriel Delanne, em seu livro *A Evolução Anímica*, explica a diferenciação entre seres brutos e vivos com uma clareza meridiana. Mas em que qualidade reside a diferença entre eles? Podemos responder que não há uma qualidade que, sozinha, permita distinguir os minerais dos seres vivos, mas um conjunto de caracteres o permite: forma, propriedades físico-químicas, metabolismo, irritabilidade e evolução.

a) FORMA: Geralmente os seres brutos



não têm forma própria, ao passo que os vivos possuem forma específica. Por exemplo: quando falamos “areia”, não estamos determinando forma alguma, nem quantidade; quando dizemos “mosca”, estamos nos referindo a um ser que tem forma e tamanho certos. Se a areia tivesse um princípio inteligente ou espiritual, ele corresponderia a um grão de areia ou a toda a areia do litoral?

b) PROPRIEDADES FÍSICO-QUÍMICAS: Os minerais apresentam composição química simples, sendo as moléculas formadas de poucos átomos, ao passo que a substância viva é complexa. Suas moléculas possuem milhares de átomos, como o caso da hemoglobina e das proteínas em geral. A composição dos seres brutos, além de simples, é estável, enquanto que a instabilidade caracteriza os vivos, pois a matéria organizada está em constante renovação.

Mas não é só. Para haver vida, é preciso haver protoplasma, componente das células, formado principalmente por proteínas. Na Terra, só pôde surgir a vida no momento em que, na atmosfera, por meio das descargas elétricas, uniram-se metano, amônia, água e hidrogênio, formando-se os primeiros aminoácidos (Experiências de Urey e Miller). Estes se combinaram, formando proteínas, as quais se aglomeraram nos coacervados e estes originaram células (Oparim, cientista russo). Todas as células têm cromossomos e ADN, que não existem nos minerais.

c) IRRITABILIDADE: Frente aos estímulos do meio exterior, os seres vivos reagem, por

meio de movimentos, produção de secreções, reações agressivas ou tantas outras. Os minerais não têm irritabilidade: podemos bater numa pedra, aquecê-la, dar choques elétricos, que não teremos resposta alguma.

d) **METABOLISMO:** O ser vivo retira do meio ambiente os alimentos de que necessita, incorporando-os ao seu organismo (anabolismo). No desgaste vital, decompõem-se substâncias do seu corpo, produzindo-se resíduos, que são eliminados (catabolismo). A glicose é queimada, produzindo energia, gás carbônico e água. Os minerais não têm metabolismo. Uma pedra do pico do Jaraguá, lá está, do mesmo jeito, há muitos milhões de anos.

e) **EVOLUÇÃO:** Todo ser vivo nasce, cresce, vive, reproduz-se e morre. Os minerais não apresentam esse ciclo vital: eles não nascem e nem morrem – sua duração é ilimitada. Imaginemos, por um desvario da imaginação, que um bloco de granito tivesse um princípio espiritual. Coitado dele – ficaria preso, imutável, sem evoluir, durante muitos milhões de anos.

Imagine mais, se cada átomo ou partícula atômica componente do bloco tivessem também um agente estruturador, como se diz atualmente, a comandar-lhe o equilíbrio íntimo – coitado deles.

Uma das leis que o Espiritismo prega é a sublime lei da Evolução: todos os seres evoluem permanentemente, desde a ameba até o homem; todos eles, através de múltiplas vivências no mundo físico, estão se

aperfeiçoando, estão aprendendo, estão plasmando corpos cada vez mais perfeitos, enquanto o espírito vai progredindo sempre. A evolução da forma é concomitante com a evolução do espírito.

Delanne, em seu livro *A Evolução Anímica*, cap. 1, A Vida, diz: "Organização e evolução não podem ser compreendidas só pelo jogo das leis físico-químicas. Os materialistas, com o negarem a existência da alma, privam-se voluntariamente de noções indispensáveis à compreensão dos fenômenos vitais do ser animado; e os filósofos espiritualistas por sua vez, empregando o senso íntimo como instrumento único de investigação, não conheceram a verdadeira natureza da alma; de sorte que, até agora não lhes foi possível conciliar numa explicação comum, os fenômenos físicos e os mentais."

Continua Delanne: "No mundo inorgânico, tudo é cego, passivo, fatal; jamais se verifica progresso; não há mais que mudanças de estados, que em nada modificam a natureza íntima da substância."

AS FRONTEIRAS DA VIDA – Embora sejam tão evidentes essas diferenças entre os seres brutos e os seres vivos, podem surgir certas dúvidas. Quantas vezes já foram a nós trazidas estas objeções: e os cristais, que têm formas próprias, serão vivos? E os vírus?

Realmente, os cristais têm formas características: as suas moléculas se agregam formando cubos, pirâmides de bases hexagonais ou octogonais, e assim por

diante. Porém aqui a única semelhança é a forma, mas esta é consequência apenas de leis físicas de atração, que levam as moléculas do cristal a se agruparem formando figuras geométricas. Os cristais não têm nenhuma das outras qualidades dos seres vivos: são formados geralmente de moléculas pequenas; não nascem, nem crescem, nem morrem, permanecendo indefinidamente, até que um agente externo dissolva as moléculas no líquido que os abriga. Não reagem aos estímulos externos, não têm metabolismo e não evoluem.

Os fogos de artifício traçam no céu desenhos interessantes, de variadas cores e tamanhos. Vamos dizer que têm vida porque plasmaram figuras?

Quanto aos vírus, o problema já é mais difícil. Vejamos um resumo do que nos ensina Luc Montagner, um dos maiores virologistas do mundo, que conseguiu identificar o vírus da AIDS (*Vírus e Homens*, Luc Montagner. Tradução de Maria Luiza Borges – Jorge Zahar Editor – 995). Diz ele: “No fim do século XIX, quando a origem bacteriana das doenças infecciosas foi reconhecida, o termo vírus ou vírus filtrantes passou a ser aplicado a agentes transmissíveis, que são invisíveis ao microscópio e passam através dos filtros de porcelana, que retêm as bactérias. Foi assim que se demonstrou a origem viral de doenças que afetam plantas, como o mosaico do tabaco, e outras responsáveis por doenças animais e humanas, como a gripe, a poliomielite, a varíola etc. A invenção do microscópio eletrônico permitiu observá-los

diretamente.”

Continua Montagner: “Os vírus são seres vivos? Não exatamente, porque só existem no interior das células de que são parasitas. O programa genético está inscrito na banda magnética formada pelo ARN ou pelo ADN. Ele é centenas de milhares de vezes mais curto que aquele que contém o programa genético da célula. Para poder sobreviver no exterior da célula, o vírus está encerrado numa casca de proteínas, a qual por vezes está cercada por um invólucro de lipídios.”

Penetrando célula, o vírus começa a se reproduzir, usando o material da própria célula. Enzimas específicas produzem milhares de cópias do ADN, cujo mecanismo não citaremos, por desnecessário. Todas elas são mensagens que dirigem a síntese das proteínas virais. Formam-se nossos vírus, que saem das células, indo infectar outras.

Estudando esses fatos, os biólogos e infectologistas ficaram na dúvida se poderiam ou não considerar os vírus como seres vivos. Primeiro, porque só conseguem viver dentro de células, reproduzindo-se às custas do material destas. Segundo porque não têm as demais características dos seres vivos.

A CODIFICAÇÃO E OS NEGOCODIFICADORES – Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, livro I, cap. IV, Principio Vital, comentando a questão 71, explica: “Podemos fazer a seguinte distinção: 1º) os seres inanimados, formados somente de matéria, sem vitalidade, nem inteligência: são os corpos brutos; 2º) os seres animados não

pensantes, formados de matéria e dotados de vitalidade, mas desprovidos de inteligência; 3º) os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo ainda um princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar”.

Na resposta à questão 136-a, os Espíritos disseram que “a vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo sem vida orgânica”. Portanto, o princípio espiritual não pode habitar um mineral.

Como introdução ao estudo do Princípio Vital, a partir da questão 60, Kardec escreve que “os seres orgânicos são os que trazem em si mesmos uma fonte de atividade íntima, que lhes dá a vida: nascem, crescem, reproduzem-se e morrem. Compreendem os animais e as plantas. Os seres inorgânicos são os que não possuem vitalidade nem movimentos próprios, sendo formados apenas pela agregação da matéria: os minerais, a água, o ar etc.”

Apesar de Kardec e Delanne ensinarem, de maneira tão peremptória, que o princípio espiritual não habita o mineral, por este não lhe oferecer as condições de utilização ou de agitabilidade... ideias orientais, infiltradas no movimento espírita, vêm lançando a confusão neste terreno.

Dizem, por exemplo, que tudo no Universo tem vida, desde o átomo até as estrelas; que em tudo há a manifestação divina, através de um princípio espiritual, que impregna toda a

matéria. Não, não e não. O átomo, a molécula, os minerais, a água, o ar, estão simplesmente sujeitos às leis físicas, não às leis do Espírito. Não queiramos ver nas leis de tração, que regem o Universo do átomo às estrelas, qualquer coisa de espiritual.

Também nas afinidades químicas, como a que faz os átomos de cloro buscarem uma combinação com os de sódio, formando o cloreto de sódio, ou sal de cozinha. Nessa combinação não há amor ou afinidade psíquica, como dizem os sonhadores, mas simplesmente afinidade química.

Mas não são só os orientais, nas suas meditações nos píncaros do Himalaia, que dizem isto. Infelizmente, pensadores do mais alto gabarito estão querendo fazer uma simbiose entre ideias desses religiosos místicos em êxtase com a física quântica. Tais pensadores lembra a atuação de um "agente estruturador externo ao Universo material, para que se forme a mais elementar das subpartículas atômicas", dando origem ao átomo. Por exemplo, diz Carlos de Brito Imbassahy, em *A Bioenergia no Campo do Espírito*, item 2.1, que experiências no acelerador do LEP mostravam "que algo comandava as ações dessas partículas, como se tivessem uma alma ou espírito próprio, evidentemente distinto do que se considera alma animal".

Haverá, então, dois dirigentes da estruturação material, um que agiria nos átomos e outro nos seres vivos? Não, o assunto já é complexo demais; não vamos complicar mais ainda. Essas são

elucubrações teóricas de mentes cultas e avançadas, mas inteiramente destoantes dos ensinamentos da Codificação. Mineral não tem vida, não abriga nenhum princípio espiritual.

A matéria, como ensina Kardec, é apenas substância usada pelos Espíritos para sua trajetória no mundo terreno. Não evolui, não tem individualidade ou personalidade. Não queiramos inovar, em terreno tão escorregadio."

"7o. JORNAL ESPÍRITA, SETEMBRO DE 1999 – EM DEBATE"

(Site O Portal do Espírito, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

**A posição do Dr. Ary Lex é clara: não, o princípio inteligente não passa pelo reino mineral, isso se trata tão somente de "ideias orientais, infiltradas no movimento espírita".**

#### **4.4 – José Herculano Pires**

José Herculano Pires, o "melhor metro que mediu Kardec", pensava o seguinte:

Alguns etnólogos e mitólogos, como André Lang e Max Freedom Long, citados por Ernesto Bozzano, chegaram a aceitar a possibilidade de traços e características animais em raças humanas. Essas suposições, de origem evidentemente totêmicas, não passam do plano especulativo. O homem não se define pela sua aparência



corporal, onde as marcas da animalidade ancestral podem aparecer de maneira generalizada e não específica. O espírito humano, que é a essência do homem e a única ficha de sua identidade evolutiva, revela em toda parte e em todos os tempos a sua unidade espiritual. Essa unidade não provém da forma corporal, mas da consciência. A diferenciação das espécies, particularmente das superiores, torna-se prenhe nas suas características psíquicas. A unidade do espírito humano é perfeita e invariável em todas as raças do passado e do presente. Porque as espécies superiores, tanto nos reinos mineral, vegetal, animal e humano, revelam sempre a supremacia espiritual da espécie, que se despe das heranças da garga das metamorfoses para se fixar no plano superior da vida. A animalidade humana revela apenas a deficiência do progresso espiritual e da vitória do espírito no ser em desenvolvimento. As potencialidades do ser, suficientemente definido no processo evolutivo como desta ou daquela espécie, sofrem naturalmente atrasos acidentais, dando aos observadores desprovidos de dados de observações de pesquisas mais completas a impressão de resíduos das espécies superadas. [...]. (PIRES, 2005, p. 43-44, grifo nosso).

[...] A alma é a subjetividade que se oculta no corpo, como a orquídea nas ramagens de uma árvore, e ali se entrança com as fibras vegetais para, servindo-se da seiva como de um combustível sutil, florir em expressões de sonho e beleza na primavera. Se não

conhecêssemos o processo parasitário, certamente confundiríamos puras parasitas com as flores genésicas da árvore que se definirão em frutos. Hegel distinguiu o reino vegetal como um sistema de pura e permanente doação. Herdamos do mineral a estabilidade aparentemente fixa e resistente de nossas estruturas ósseas, dos vegetais a sensibilidade perceptiva e dos animais e motilidade vibrante que supera de muito a lenta movimentação dos tropismos. Nosso corpo possui as características desses três reinos, mais a alma, que acrescenta a essas heranças a produção epifenomênica da nossa estrutura ôntica, que não deriva da matéria, mas do espírito. Vivemos como um ser espiritual e não como pedra, planta ou animal. (PIRES, 2005, p. 56-57, grifo nosso).

Segundo o que pudemos entender, Herculano Pires aceita a possibilidade do princípio inteligente, na sua escalada evolutiva, ter passado pelo reino mineral, embora em uma de suas falas, a da segunda transcrição, isso nos parece não ter ocorrido.

Vejamos em *Mediunidade: vida e comunicação. Conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais*, uma outra de suas obras, Herculano Pires afirma:

Essa colocação dos problemas mediúnicos sugere um conceito da

mediunidade que nos leva às próprias raízes do Espiritismo. A Mediunidade nos aparece como o fundamento de toda a realidade. O momento do *fiat*, da Criação do Cosmos, é um ato mediúnico. Quando o espírito estrutura a matéria para se manifestar na Criação, constrói o elemento intermediário entre ele e a realidade sensível ou material. A matéria se torna o médium do espírito. Assim, a vida é uma permanente manifestação mediúnica do espírito que, por ela, se projeta e se manifesta no plano sensível ou material. O Inteligível, que é o espírito, o **princípio inteligente do Universo**, dá a sua mensagem inteligente através das infinitas formas da Natureza, desde os reinos mineral, vegetal e animal, até o reino hominal, onde a mediunidade se define em sua plenitude. A responsabilidade do Homem, da Criatura Humana, expressão mais elevada do Médium, adquire dimensões cósmicas. Ele é o produto multimilenar da evolução universal e carrega em sua mediunidade individual o pesado dever de contribuir para que a Humanidade realize o seu destino cósmico. A compreensão deste problema é indispensável para que os médiuns aprendam a zelar pelas suas faculdades. (PIRES, 1987, p. 15-16, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Cada fase da evolução, definida num dos reinos da Natureza, caracteriza-se por condições próprias, como resultantes do desenvolvimento de potencialidades dos reinos anteriores. Só nas zonas intermediárias, que marcam a passagem de

uma fase para a outra, existem misturas das características anteriores com as posteriores. Por exemplo: entre o reino vegetal e o reino animal, há a zona dos vegetais carnívoros; entre o reino animal e o reino hominal, a zona dos antropoides. No reino mineral, dividido do vegetal por espécies indefinidas em que se destacam os vegetais-minerais, as investigações científicas descobriram a geração espontânea dos vírus nas estruturas cristalinas. A teoria da evolução se confirma na pesquisa científica por dados evidentes e significativos. Os vírus se situam na encruzilhada dos reinos mineral, vegetal e animal, como uma espécie de ensaio para os desenvolvimentos futuros. (PIRES, 1987, p. 94, grifo nosso).

**Mantém-se na sua opinião original de que o princípio inteligente passa pelo reino mineral.**

## 5. De onde teria vindo essa ideia?

Não logramos êxito em nossa tentativa visando precisar a origem dessa ideia; porém, algumas possibilidades temos para apresentar.

### 5.1 – Dos Espíritos envolvidos na Codificação?

Parece-nos estranho isso, mas vários companheiros tomam de uma das questões de *O Livro dos Espíritos*, para dela afirmarem que a evolução do princípio inteligente se inicia no reino mineral. Vejamo-la:

540. *Os Espíritos que exercem ação nos fenômenos da Natureza operam com conhecimento de causa, usando do livre-arbítrio, ou por efeito de instintivo ou irrefletido impulso?*

“Uns sim, outros não. Estabeleçamos uma comparação. Considera essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem emergir do mar ilhas e arquipélagos. Julgas que não há aí um fim providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária à harmonia geral? Entretanto, são animais de ínfima ordem que executam essas obras, provendo às suas necessidades e sem suspeitarem de que são instrumentos de Deus. Pois bem, do mesmo modo, os Espíritos mais atrasados oferecem utilidade

ao conjunto. Enquanto *se ensaiam para a vida*, antes que tenham plena consciência de seus atos e estejam no gozo pleno do livre-arbítrio, atuam em certos fenômenos, de que inconscientemente se constituem os agentes. Primeiramente, executam. Mais tarde, quando suas inteligências já houverem alcançado um certo desenvolvimento, ordenarão e dirigirão as coisas do mundo material. Depois, poderão dirigir as do mundo moral. É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto!" (KARDEC, 2007a, p. 309, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Destacamos a afirmação de que "*Enquanto se ensaiam para a vida*, antes que tenham plena consciência de seus atos e estejam no gozo pleno do livre-arbítrio, [...]”, se referindo aos animais, já que são eles que estão sendo mencionados no texto.

O trecho da frase “desde o átomo até o arcanjo, que também começou por ser átomo”, encontramos algo, que lamentamos muito ter acontecido em nosso meio. Da obra *O primado de Kardec: metodologia espírita e cisma rustenista*, do prof. Sérgio Fernandes Aleixo (1970- ), transcrevemos do “Cap. 9 – Tradutor, traidor”, o seguinte:

4 – Registrou que o arcanjo começou “por ser átomo”, e não “pelo átomo”, no n. 540 de *O Livro dos Espíritos*, para acomodar o texto à noção monista substancial da queda angélica, de P. Ubaldi, do qual G. Ribeiro foi tradutor e adepto entusiasta. Ora! Se digo que o arcanjo começou PELO átomo, dou dualista. O arcanjo, princípio inteligente, é espírito, e o átomo é matéria. Se digo que o arcanjo começou por SER átomo, sou monista substancialista, e creio que o arcanjo, o princípio inteligente, congelou-se no evento da queda, e passou a ser o próprio átomo, a própria matéria mais não seria, assim, que o espírito condensado pela queda. Alguns ubaldistas modernos já citam essa tradução tendenciosa de Guillon para fundamentar o ubaldismo e suas teses como compatíveis com o Espiritismo. De mais a mais, por que traduzir “par l’átome” como “por ser átomo”?

[“começou PELO átomo”, e não “começo por SER átomo”.]

(ALEIXO, 2011, p. 66, grifo nosso).

Então, percebemos que, por simples problema de tradução, alguns companheiros são levados a ter opiniões equivocadas. Não entraremos no mérito se a tradução foi proposital ou não. Cumpre-nos também informar que a tradução de Salvador Gentile (?-?) e a de Herculano Pires, constam o termo correto, ou seja, “começou pelo átomo” (GENTILE, 1987 e PIRES, 1995).

Achamos bem razoável a opinião do médico veterinário Rodrigo Cavalcanti de Azambuja (1976- ), que, em *Animais e Espiritismo*, diz o seguinte:

Os corpos materiais dos seres vivos não possuem nenhum elemento químico diferente dos que existem nos materiais inorgânicos, variando apenas em suas combinações e proporções, mas, apesar da constituição básica ser a mesma, não se pode afirmar que há vida orgânica em rochas, cristais e gases, assim como não se pode afirmar que os seres vivos sejam inorgânicos. Se usarmos o mesmo raciocínio para a frase "o arcanjo, que também começou pelo átomo" em *O Livro dos Espíritos*, podemos pensar que a frase é uma licença poética, uma metáfora para nos explicar a questão, dentro da nossa pobreza de entendimento, conceitos e palavras para absorver a inteira verdade a respeito do tema? Talvez o que a espiritualidade quis dizer é que esta individualização do princípio inteligente ocorra a todo momento em diversos locais da criação, assim como a matéria-prima para a vida orgânica se encontra dispersa no mundo inorgânico, e isto não significa que exista vida orgânica na pedra ou no cristão, assim como não há espírito no cristal. (AZAMBUJA, 2014, p. 106, grifo nosso).

Vejamos as considerações de Durval Ciamponi sobre a possibilidade do princípio inteligente ter iniciado o seu processo evolutivo no mineral, nas quais ele toca



## a questão 540:

[...] preferimos ficar com a ideia mais simples, com os Espíritos, quando afirmam que espírito e matéria são distintos (LE, 25). Embora a união entre ambos seja necessária para a manifestação da alma, isto não quer dizer que em todo “átomo primitivo”, princípio material, exista um princípio espiritual.

Kardec, em toda a Codificação, deixa entrever que o princípio inteligente é distinto do princípio material. No item 83, LE, ao questionar a ideia panteísta ou não do Espiritismo, deixa claro seu pensamento a respeito da existência de “massa” material distinta da inteligente de onde provieram os espíritos. Igualmente, nos itens 60 a 70 fica clara a distinção entre o que é princípio espiritual e os reinos formados pelo princípio material: reino orgânico e reino inorgânico. Esta diferença aparece bem definida no LE, 585, onde os Espíritos afirmam: “encarados sob o aspecto material, não há senão seres orgânicos e seres inorgânicos”, Kardec conclui, depois, que “a matéria inerte, que constitui o reino mineral, não possui mais do que uma força mecânica”. Ao se tomar ao pé da letra a ideia do item 540 de que a todo átomo primitivo está associado um princípio espiritual, somente porque o arcanjo dele começou, tem-se, por dedução lógica, que não há reino inorgânico e que os dois princípios, material e espiritual, são apenas as duas faces de um mesmo ser.

Preferimos, pois, entender que os

Espíritos estejam falando no LE, 540, de “átomo”, no sentido de “indivisível”, isto é, do corpo material mais simples para início da peregrinação evolutiva da alma. É a ideia da “mônada”, como criação divina na sua forma mais simples e ignorante possível (LE, 115), seja em relação ao corpo (*res extensa*), seja em relação ao espírito (*res cogitans*). Se assim é, a resposta do LE, 540, se completaria: É assim que tudo serve, tudo se encadeia na natureza desde a mônada primitiva até o arcanjo, pois ele mesmo começou pela mônada.

Em todo *O Livro dos Espíritos* e em toda a Codificação se fala que o princípio inteligente está associado ao princípio material, qualquer que seja o grau de evolução em que se encontra, e também que o princípio vital é o elemento intermediário entre o espírito e a matéria (LE, 65, 135, 135a, 257), mas não diz que o princípio material está sempre associado ao espiritual.

#### *Reino Inorgânico e Reino Orgânico*

O principal problema do homem é saber onde termina o reino inorgânico, urdido pelo pensamento Divino e sustentado pelas forças de atração, e começa o reino orgânico, onde há vida ou matéria animalizada capaz de permitir sua “manipulação” por um princípio espiritual, inicialmente por instinto e depois por sua inteligência.

A ciência diz que no reino inorgânico não há vida. Uma pedra é um objeto inanimado e sem vida, não se reproduz, não responde a estímulos, não se movimenta e não se

alimenta em nenhuma situação. Em *O Livro dos Espíritos*, questões ligadas ao princípio vital, item “Seres Orgânicos e Inorgânicos”, se diz que “inorgânicos são os seres que não possuem vitalidade nem movimentos próprios, sendo formados apenas pela agregação da matéria: os minerais, a água, o ar etc.”, de acordo com o que diz a ciência. Na questão 585 repetem a mesma informação.

Não há, pois, como aceitar a ideia de que a vida começa no reino mineral, sentido defendido por muitos espíritas, quando se referem à expressão de Léon Denis, de que a “alma dorme na pedra”.

O máximo que se pode admitir, semelhante com a expressão de Denis, é a citação de Delanne, *Evolução Anímica*, Cap. I, quando diz “alma e perispírito formam um todo indivisível, constituindo, no conjunto, as partes ativa e passiva, as duas faces do princípio pensante”. Na introdução do livro, diz a mesma coisa. “Todos os Espíritos, qualquer que seja o grau de seu progresso, são, portanto, revestidos de um invólucro invisível e imponderável”.

É bom lembrar que esta permanente ligação do espírito à matéria é racionalmente lógica. Mas não se fala aqui da matéria bruta, inerte, amorfa, onde existe apenas a força de atração entre seus elementos constitutivos, e sim da matéria primitiva, fluídica, certamente associada ao princípio espiritual no momento da criação, formando para ele seu corpo primitivo de ação, isto é, seu primeiro perispírito ou corpo mental.

Repetimos: o princípio inteligente criado está sempre associado à matéria, mas nem sempre o princípio material está associado ao espiritual. Conseqüentemente poderemos ter corpo material sem um princípio inteligente.

Igualmente não se pode dizer que a vida começa no reino mineral com base no item 18 do cap. VI, de *A Gênese*, somente porque ali está escrito que o fluido universal penetra todos os corpos, dando nascimento à vida dos seres. Há diferentes interpretações no que está escrito no item 18 e no item 19.

Galileu diz, no item 18, que as moléculas do mineral têm certa soma do princípio vital, admitindo, como consequência, as “gerações espontâneas sobre cada mundo, à medida que se manifestam as condições de existência sucessiva dos seres, quando soa a hora da aparição, dos filhos da vida, durante o período criador”. No item 19, Galileu fala da criação do espírito que não chega à iluminação senão depois de haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais elabora lentamente a obra de sua individualidade.

Galileu, no item 18, fala do surgimento da vida na matéria, isto é, da matéria animada, orgânica, do protoplasma primitivo, ao passo que no item 19 refere-se à criação do princípio inteligente, no mundo espiritual. Não há, pois, como concluir, desta lição de Galileu, que a primeira vivência da criatura espiritual se deu no reino inorgânico ou mineral. (CIAMPONI, 2001, p. 67-70, grifo do

original, a não ser o do sétimo parágrafo que é nosso).

Embora, sem tocar na questão da tradução equivocada, Ciamponi chegou à mesma conclusão do Prof. Sérgio Aleixo bem relação ao que se deve entender da expressão “começou pelo átomo” na questão 540.

## 5.2 – De culturas que aceitam a transmigração da alma?

Vejamos a definição de transmigração dada pelos enciclopedistas Russell Norman Champlim (1933- ) e João Marques Bentes (1932- ):

### TRANSMIGRAÇÃO

Essa palavra vem do latim, *trans*, “cruzar”, e *migrare*, “migrar”, um termo aplicado às reencarnações da alma humana. Essa palavra com frequência é empregada como sinônimo de *reencarnação*. Algumas vezes, todavia, refere-se a uma espécie especial de renascimento, em que, supostamente, a alma humana pode encarnar-se em um corpo animal, e não meramente humano. Outras vezes, esse vocábulo alude à alegada fornada do homem através de todas as formas de existência, a começar pelo reino mineral, avançando para o reino vegetal, então tomando corpo de animais irracionais, e, finalmente, assumindo forma humana, a partir do que a alma humana experimentalmente existências

demoníacas e divinas. (CHAMPLIN e BENTES, 1985f, p. 608-609, grifo nosso).

Podemos também confirmar em Bruce Edward Goldberg (1948- ), que informa que, no oriente, se acreditava como início da evolução anímica o reino mineral:

A doutrina de transmigração se insere no pensamento cármico oriental. Transmigração é a passagem da alma humana do reino mineral para os animais inferiores e, finalmente, para o homem. Muitos filósofos orientais rejeitam esta doutrina, assim como a maior parte dos seus seguidores ocidentais. Mesmo aqueles que aceitam a transmigração acham que é impossível voltar à forma do animal inferior uma vez chegada à forma humana. Pessoalmente não aceito a transmigração, e em nenhuma das 25.000 regressões e progressões que dirigi pessoalmente, jamais se revelou qualquer existência não humana. (GOLDBERG, 1993, p. 31, grifo nosso).

Em certas escolas hindus e budistas da filosofia oriental se menciona a transmigração. De acordo com estas crenças orientais, nossa alma primeiro se encarna em minerais, depois em plantas, então, em animais inferiores e, finalmente, habita a forma humana. Esta transmigração de minerais à forma humana não é aceita, atualmente, nem pela maioria dos filósofos orientais. Eu, pessoalmente, não a aceito e

nunca tive provas para sustentar tal teoria.  
(GOLDBERT, 1993, p. 234, grifo nosso).

**Na tradição Tibetana, encontramos algo bem parecido:**

Um Deus-Átomo dorme em cada pedra. Logo, desperta em cada planta. Move-se em cada animal; pensa em cada homem e ama em cada anjo. Por conseguinte, devemos tratar cada pedra como se fora um vegetal. A cada vegetal com o um animal querido. Cada animal como um ser humano e todo ser humano como a um anjo. (RUSSO, s/d, p. 112).

**O escritor Tom Harpur (1929- ), ex-pastor anglicano e professor de Grego e Novo Testamento, ex-colunista do jornal *Toronto Star*, informa-nos:**

[...] Os filósofos antigos sabiam, como vimos, que existem quatro estágios em nosso desenvolvimento e na evolução em geral. Primeiro vem o estágio mineral; depois, o vegetal; depois, o orgânico ou animal; por último, no meio do quarto estágio ou “vigília” – o estágio humano –, vem o despertar da consciência autorreflexiva. Ela nos dá o poder de escolher entre o certo e o errado e a capacidade de intuir o Divino. (HARPUR, 2010, p. 102, grifo nosso).

**E, por último, apresentamos a informação de**

## Zalmino Zimmermann (?- ) de que

Hermes Trismegisto já ensinava, no antigo Egito, que “a pedra se converte em planta; a planta em animal; o animal em homem, em Espírito; o Espírito, em Deus”. E o ensinamento hinduísta, que remonta a milhares de anos, tem sua versão poética da evolução: “A alma dorme na pedra, sonha na planta, agita-se no animal e desperta no homem”. [...]. (ZIMMERNANN, 2000, p. 277, grifo nosso).

### **5.3 – Da teoria do pampsiquismo proposta por Geley?**

**Apresentamos essa teoria do Dr. Gustave Geley (1868-1924), conforme o prof. Herculano Pires relata:**

Gustave Geley, em seu livro *Do Inconsciente ao Consciente*, lançou a teoria do pampsiquismo, segundo a qual todas as coisas e seres encerram em si mesmos um dínamo-psiquismo inconsciente que se desenvolve na temporalidade. A psique, ou alma, constituiria assim a essência dinâmica de todas as coisas. Do minério à humanidade se processaria incessantemente o desenvolvimento psíquico universal. Mas Kardec, muito antes de Geley, explicara, em *O Livro dos Espíritos*, obra básica do Espiritismo, que o espírito se apresenta no Cosmos como um elemento fundamental de toda a realidade conhecida. O



Universo inteiro se constitui de dois elementos fundamentais, o espírito e a matéria, de cuja interação resultam, num processo dialético hegeliano, todas as coisas e todos os seres, conhecidos e desconhecidos. [...] (PIRES, 2005, p. 41, grifo nosso).

Tentamos encontrar essa obra de Geley, que é citada no texto; mas, infelizmente, ainda não foi traduzida para o português. Pelo que aqui consta, Herculano Pires, ao que nos parece, comungava dessa ideia. Particularmente acreditamos que o pampsiquismo não se coaduna com o pensamento de Kardec, que foi categórico em afirmar que os corpos inorgânicos não têm vida.

A definição de pampsiquismo, conforme a *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, é:

Essa palavra vem do grego pan, “tudo”, e psuché, “alma”. O vocábulo indica que todas as coisas são possuidoras de alma, de algum elemento imaterial, usualmente incluindo a ideia de algum nível de inteligência. [...] De acordo com esse ponto de vista, não há tal coisa como matéria inanimada, embora possa haver formas de vidas ativas e altamente inteligentes; mas estaria vivo o próprio humilde átomo, ainda que dormente. E de átomos é que todas as coisas se compõem. Alguns estudiosos têm

exposto essa ideia como necessária a qualquer teoria da evolução. Se a matéria é viva, então não é preciso qualquer grande salto de fé para crer-se que a matéria viva poderia ter progredido até formas mais elevadas de vida, com altas expressões de inteligência. (CHAMPLIN e BENTES, 1995, p. 37, grifo nosso).

Entre vários filósofos, que acreditavam no pampsiquismo, os autores Russell N. Champlin e J. M. Bentes citam: Giordano Bruno (1548-1600), Tomasso Campanella (1568-1639), Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716).

Segundo o *Dicionário Houaiss*, foi Leibniz quem notabilizou essa doutrina.

Embora, como dito, não tenhamos encontrado a obra de Gustave Geley, referenciada por Herculano Pires, localizamos uma outra de sua autoria, que julgamos oportuno citá-la aqui. Trata-se da obra *Resumo da Doutrina Espírita*, da qual transcrevemos:

Ciência perfeitamente maleável e susceptível de aperfeiçoamento, só deve avançar passo a passo, repelindo as deduções distantes e as observações apressadas e duvidosas, limitando-se a expor os factos e os pontos bem estabelecidos:

Esses pontos são os seguintes:

1º – No estado atual dos nossos

conhecimentos, não podemos admitir o puro materialismo, nem o puro espiritualismo, pois tudo nos leva a crer que *não há matéria sem inteligência, nem inteligência sem matéria*. Na molécula mineral, vegetal ou animal; na planta, no animal, no homem; *no espírito desencarnado*, mesmo de grande elevação; no universo, considerado no seu conjunto; numa palavra, em tudo quanto existe, a matéria e a inteligência estão unidas em proporções diversas.

2º – O Universo, no sentido de totalidade, uma vez considerado em partes isoladas, está submetido à *evolução progressiva e contínua*, tendo em conta que há evolução para o princípio material e evolução para o princípio psíquico.

Esta dupla evolução é homogênea. Uma não pode se verificar sem a outra. Na base da evolução, a Alma é simples elemento de vida, inteligência que, mercê de tempo, será poderosa. É a chamada *força difusa*, que associa e mantém as moléculas minerais em forma definida.

No período maduro da evolução, a alma é um *princípio vivente, consciente e livre*, que só conserva da sua associação com a matéria o mínimo de aspecto orgânico estritamente necessário à manutenção da sua individualidade.

(GELEY, 2009, p. 32, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

**Vê-se que, para Geley, toda matéria tem inteligência, confirma-se, portanto, sua crença no**

pampsiquismo. Não conseguimos entendê-lo quando diz que “na molécula mineral, vegetal ou animal” e ao reafirmar já não mais parte do mineral mas do vegetal: “na planta, no animal, no homem;”, assim, nessa segunda afirmativa deixa de fora o mineral.

#### 5.4 – Da escola sufista?

Quem nos fornece essa informação é o escritor Francisco Aranda Gabilan (?- ) na sua obra *Entre o Pecado e a Evolução*, da qual transcrevemos o seguinte trecho em que fala de Maulâna Djalal ad-Din Rûmi, nascido no século XIII (1207):

Quanto ao estilo e escola, era sufista, ou seja, representa a parte interior e mística do Islã, que acredita que o espírito humano é uma emanção do divino e que toda a aventura do homem é um só esforço desse espírito para se reintegrar a Deus. Esse movimento – sufismo – data do século VIII e se desenvolveu sobretudo na Pérsia; [...]. (GABILAN, 2002, p. 20).

Gabilan apresenta esse poema de Rûmi, no qual cita o mineral como ponto de partida da evolução do ser:

*Desde que chegaste ao mundo só ser;  
uma escada foi posta diante de ti, para que  
escapasses.*

*Primeiro foste mineral;  
Depois, te tornaste planta,  
E mais tarde, animal.  
Como pode ser isto segredo para ti?  
Finalmente, fostes feito homem,  
Com conhecimento, razão e fé.  
Contempla teu corpo – um punhado de pó –  
Vê quão perfeito se tornou!  
Quando tiveres cumprido tua jornada,  
Decerto hás de regressar como anjo;  
Depois disso, terás terminado de vez com a  
terra,  
E tua estação há de ser o céu*  
(GABILAN, 2002, p. 21, grifo nosso).

O problema reside em tomar uma forma poética de dizer uma coisa como se fosse uma realidade.

#### 5.5 – Da “Revelação da Revelação”?

Essa é a designação que o autor Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879), deu à sua obra intitulada *Os quatro Evangelhos*, da qual transcrevemos:

A vida universal está assim, por toda a natureza, em germens eternos, graças a essa quinta-essência dos fluidos, que somente a vontade de Deus anima, conformemente as necessidades da harmonia universal, as necessidades de todos os mundos, de todos os reinos, de todas as criaturas no estado material ou no estado fluídico.

Ao serem formados os mundos primitivos, na sua composição entram todos os

princípios, de ordem espiritual, material e fluídica, constitutivos dos diversos reinos que os séculos terão de elaborar.

O princípio inteligente se desenvolve ao mesmo tempo que a matéria e com ela progride, passando da inércia a vida. Deus preside ao começo de todas as coisas, acompanha paternalmente as fases de cada progresso e atrai a si tudo o que haja atingido a perfeição.

Essa multidão de princípios latentes aguarda, no estado cataléptico, em o meio e sob a influência dos ambientes destinados a fazê-los desabrochar, que o Soberano Mestre lhes dê destino e os aproprie ao fim a que devam servir, segundo as leis naturais, imutáveis e eternas por ele mesmo estabelecidas.

Tais princípios sofrem passivamente, através das eternidades e sob a vigilância dos Espíritos prepostos, as transformações que os hão de desenvolver, passando sucessivamente pelos reinos mineral, vegetal e animal e pelas formas e espécies intermediárias que se sucedem entre cada dois desses reinos.

Chegam dessa maneira, numa progressão contínua, ao período preparatório do estado de Espírito formado, isto é, ao estado intermédio da encarnação animal e do estado espiritual consciente. Depois, vencido esse período preparatório, chegam ao estado de criaturas possuidoras do livre arbítrio, com inteligência capaz de raciocínio, independentes e responsáveis pelos seus

atos. Galgam assim o fastígio da inteligência, da ciência e da grandeza.

Em sua origem, a essência espiritual, princípio de inteligência, Espírito em formação, passa primeiro pelo reino mineral. *Anima* o mineral, se deste modo nos podemos exprimir, servindo-nos dos únicos recursos que oferece a linguagem humana apropriada às vossas inteligências limitadas. Tudo, com efeito, na Natureza, tem existência, porquanto tudo morre. Ora, aquilo que morre traz em si o princípio de vida, sendo conseqüentemente animado por uma inteligência *relativa*.

Esta palavra – inteligência – pode causar surpresa, tratando-se da vida de uma coisa inerte. Certamente, em tal caso, não há nem pensamento, nem ação. A essência espiritual, nesse estado, se mantém inconsciente de seu ser. Ela *é*, eis tudo.

No estado então de simples essência de vida, absolutamente inconsciente de seu ser, ela constrói o mineral, a pedra, o minério, atraindo e reunindo os elementos dos fluidos apropriados, *por meio de uma ação magnética atraente, dirigida e fiscalizada pelos Espíritos prepostos*.

Quanto mais inconsciente é o Espírito no estado de formação, tanto mais direta e incessante é a ação desses Espíritos.

Guardai bem na memória, pois que o dizemos aqui para não mais o repetirmos: em qualquer dos reinos, mineral, vegetal, animal e humano, nada é sem o concurso dos Espíritos do Senhor, que todos têm uma

função a desempenhar, uma vigilância a exercer. Não há Espíritos prepostos à formação de um *determinado* mineral, de um *determinado* vegetal, de um *determinado* ser do reino animal, ou do reino humano. Os Espíritos têm uma ação geral e conforme às leis naturais e imutáveis, que ainda não vos é permitido nem possível compreender. A vigilância eles a exercem sobre as massas.

[...] (os parágrafos omitidos, serão mencionados mais à frente).

Cada espécie de matéria tem suas propriedades *relativas*, segundo leis naturais e imutáveis que ainda não podeis compreender.

O corpo humano, em certas condições, não conserva coesas todas as suas partes materiais, embora o Espírito já se tenha retirado dele?

Não se observam, entre os vegetais, casos de longa duração material? Certas plantas não conservam as aparências da vida, a frescura dos tons e a rijeza da haste, muito tempo depois de separadas do solo que as alimentava e, por conseguinte, do princípio latente da inteligência que nelas residia?

Tudo na Natureza se mantém e se encadeia e tudo se faz em proveito e utilidade do Espírito que se tornou consciente de seu ser.

Os corpos mortos, sejam pedra, planta, ser do reino animal ou do reino humano, têm que concorrer para a harmonia universal, desempenhando as funções que lhes são assinadas.



A essência espiritual, que no mineral reside, não é uma individualidade, não se assemelha ao pólipó que, por cissiparidade, se multiplica ao infinito. Ela forma um conjunto que se personifica, que se divide, quando há divisão na massa em consequência da extração, e atinge desse modo a individualidade, como sucede com o princípio que anima o pólipó, com o princípio que anima certas plantas. A essência espiritual sofre, no reino mineral, sucessivas materializações, necessárias a *prepará-la* para passar pelas formas intermédias, que participam do mineral e do vegetal. Dizemos – *materializações*, por não podermos dizer – encarnações para estrear-se *como ser*.

Depois de haver passado por essas formas e espécies intermediárias, que se ligam entre si numa progressão contínua, e de se haver, sob a influência da dupla ação magnética que operou a vida e a morte nas fases de existências já percorridas, *preparado para sofrer no vegetal a prova, que a espera, da sensação*, a essência espiritual, Espírito em estado de formação, passa ao reino vegetal. (ROUSTAIN, 1999, p. 289-293, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Observai como tudo se encadeia na imensa Natureza que o Senhor vos faz descortinar. Observai como em todos os reinos há espécies intermediárias, que ligam entre si todas as espécies, umas participando do mineral e do vegetal, da pedra e da planta; outras do vegetal e do

animal, da planta e do animal; outras, enfim, do animal e do homem. São elos preciosos que tudo ligam, que tudo mantêm e pelos quais atravessa o Espírito no estado de formação. Passando sucessivamente por todos os reinos e por aquelas espécies intermediárias, o Espírito, mediante um desenvolvimento gradual e contínuo, ascende da condição de essência espiritual originária à de Espírito formado, à vida consciente, livre e responsável, à condição de homem. São elos preciosos que tudo ligam, que prendem as coisas umas às outras, a fim de que o homem possa mais facilmente compreender a *unidade* dessa criação tão grande, tão grande, que a inteligência humana é incapaz de apreendê-la e cujos mistérios se recusa a admitir, por não conseguir desvendá-los com seus olhos de toupeira. (ROUSTAING, 1984, p. 303, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Um único é, originariamente, o ponto de partida para todos os Espíritos: - formação primitiva e rudimentar pela quinta-essência dos fluidos, substância tão sutil que dela, por nenhuma expressão, podem as vossas inteligências limitadas fazer ideia, quinta-essência que a vontade de Deus anima para lhe dar *o ser* e que constitui a essência espiritual (princípio de inteligência) destinada a tornar-se, por uma progressão contínua, Espírito, Espírito formado, isto é, inteligência independente, dotada de livre arbítrio, consciente de sua vontade, de suas faculdades e de seus atos.

Segue-se a encarnação, ou melhor, a

co-materialização dessa essência espiritual mediante a sua união íntima com a matéria inerte, *primeiramente* no reino mineral e nas espécies intermediárias que participam do mineral e do vegetal, *depois* no reino vegetal e nas espécies intermediárias que participam do vegetal e do animal. *Desse modo*, numa contínua marcha progressiva, se opera o seu desenvolvimento, que a prepara e conduz às raias da consciência da vida.

Em seguida vem a encarnação no reino animal, *depois* nas espécies intermediárias que, do ponto de vista do invólucro material, participam do animal e do homem, adquirindo assim aquela essência (Espírito em estado de formação), sempre em progressão contínua, a consciência da vida ativa exterior, da vida de relação. O desenvolvimento intelectual que a levará aos limites do período preparatório que precede o recebimento do livre arbítrio, da vida moral, independente e responsável, característica do *livre* pensador. (ROUSTAINING, 1999, p. 322, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Colocamos essas transcrições do primeiro volume da obra de Roustaing, porque as encontramos em nossa pesquisa; porém, pedimos ao leitor que, para aceitá-las ou não, leve em conta as considerações que Kardec fez sobre ela na *Revista Espírita 1866* (p. 190-192), das quais transcrevemos o seguinte trecho:

O autor dessa nova obra acreditou dever seguir um outro caminho; em lugar de proceder por graduação, quis alcançar o objetivo de um golpe. Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, conseqüentemente lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita. (KARDEC, 1993i, p. 190-191, grifo nosso).

De nossa parte ainda questionamos o subtítulo “Revelação das Revelações”, que segundo Roustaing, é “os quatro evangelhos, explicados em espírito e verdade pelos Evangelistas com a assistência dos Apóstolos e de Moisés”, como sendo uma forma dele dizer que sua obra está acima da revelação Espírita, o que nos afigura pouco provável, porquanto, não há lógica alguma os Espíritos passem duas revelações simultâneas, com

uma sobrepujando a outra. Por que motivo então, não passaram já a segunda? Será que o “João Evangelista” que aparece entre as assinaturas em *O Livro dos Espíritos* (KARDEC, 2007a, p. 63) e em duas mensagens, uma em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (KARDEC, 2007c, p. 167) e a outra em *A Gênese* (KARDEC, 2007e, p. 392) é o mesmo que se comunicou a Roustaing?

Além dessas manifestações encontramos na *Revista Espírita 1861*, o registro da ata da sessão geral de 14 de dezembro de 1860, da Sociedade Espírita de Paris, na qual se tem notícia de que “A Senhorita J. teve várias comunicações de João Evangelista” (KARDEC, 1993f, p. 5). Será que o espírito João Evangelista estava sofrendo de transtorno psicótico, se for o mesmo que se manifestou nas duas revelações?

Um ponto fatal contra a obra de Roustaing é que ele considera os evangelistas como sendo médiuns inspirados. Ora, atualmente, se sabe, com base em vários estudiosos bíblicos, que os nomes constantes dos títulos dos Evangelhos – Mateus, Marcos, Lucas e João – não designam os seus autores<sup>7</sup>. Comprovamos o

---

7 NETO SOBRINHO, P. S. *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, versão 8, abr/2015, disponível na Internet pelo link: <http://www.paulosnetos.net/viewdownload/7-assuntos-biblicos/405-os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores>.

**pensamento de Roustaing com estes dois trechos:**

[...] o apóstolo Mateus, Marcos, discípulo do apóstolo Pedro, Lucas, discípulo do apóstolo Paulo, e o apóstolo João, que se haviam encarnado em missão para esse propósito, já tinham escrito os Evangelhos, sob a influência e inspiração dos Espíritos do Senhor [...]. (ROUSTAING, 1999, p. 84).

Os evangelistas eram, sem o saberem, médiuns historiadores inspirados, [...]. (ROUSTAING, 199, p. 127).

Ressalte-se que no caso de João, por exemplo, em Atos dos Apóstolos, o seu autor informa que tanto ele, quanto Pedro eram *"homens iletrados e incultos"* (At 4,13).

Transcreveremos, agora, os parágrafos omitidos de uma citação anterior da obra de Roustaing, nos quais ele tentar resolver o problema do mineral não se enquadrar no ciclo "nascer, crescer, reproduzir-se e morrer", de uma forma, a nosso ver, inusitada; retomemos:

O mineral morre quando é arrancado do meio em que o colocara o autor da natureza. A pedra tirada da pedreira, o minério extraído da mina, deixando de existir, do mesmo modo que a planta separada do solo, perdem a vida natural.

A essência espiritual, que residia nas

paredes do mineral, retira-se daí por uma ação magnética, dirigida e fiscalizada pelos Espíritos prepostos, e é transportada para outro ponto.

O corpo do mineral, seus despojos, são utilizados pela humanidade, de acordo com o que suas necessidades lhe impõem.

Não vos admireis de que a coesão subsista no mineral, por séculos muitas vezes, depois que dele se retirou a essência espiritual que foi necessária à sua formação. (ROUSTAINING, 1999, p. 291, grifo nosso).

### **Um pouco mais à frente, encontramos:**

Tudo o que é, vive e morre, nos reinos mineral e vegetal, todos os seres que, no reino animal e no reino humano, vivem e morrem, desde o ser microscópico até o homem, tudo e todos têm um emprego, uma utilidade, uma função, que tendem e servem para o desenvolvimento de cada espécie, para a vida e a harmonia universais (ROUSTAINING, 1999, p. 304, grifo nosso).

O que está aqui dito, para nós, só vem a somar no que pensamos a respeito de não existir princípio inteligente no reino mineral, essa tentativa de explicação de Roustaing demonstra isso.

### **5.6 – Do Espírito Adelino da Fontoura?**

Recorremos mais uma vez a Gabilan, que nos

informa sobre um poema de Adelino na obra *Antologia dos Imortais*, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier (1910-2002), intitulado “Jornada”:

*Fui átomo, vibrando entre as forças do Espaço,  
Devorando amplidões, em longa e ansiosa espera..*

*Partícula, pousei.. Encarcerado, eu era Infusório do mar em montões de sargaço.*

*Por séculos fui planta em movimento escasso,*

*Sofri no inverno rude e amei na primavera;  
Depois fui animal, e no instinto da fera  
Achei a inteligência e avancei passo a passo..*

*Guardei por muito tempo a expressão dos gorilas,  
Pondo mais fé nas mãos e mais luz nas pupilas,  
A lutar e chorar, para, então, compreendê-las!..*

*Agora, homem que sou, pelo Foro Divino,  
Vivo de corpo em corpo a forjar destino  
Que me leve a transportar o clarão das estrelas!..*

(GABILAN, 2002, p. 22, grifo nosso).

Vale a mesma consideração do item anterior, pois, aqui também se trata de um poema.



## 5.7 – Da coleção “André Luiz” pelo médium Chico Xavier?

Vários autores citam dos livros *No Mundo Maior e Evolução em Dois Mundos*, da série André Luiz, respectivamente, os seguintes trechos:

A crisálida de consciência, que reside no cristal a rolar na corrente do rio, aí se acha em processo, libertatório; [...]. (XAVIER, 1984, p. 45)

Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais [...], o princípio espiritual atingiu espongiários e celenterados da era paleozoica, esboçando a estrutura esquelética. (XAVIER, 1987b, p. 33).

Vale a pena ver, nessas duas obras, os textos mencionados; porém, não devemos nos esquecer que o prefácio delas é assinado por Emmanuel, o nobre mentor de Chico Xavier:

### 1) *No mundo maior*, cap. 3 – A Casa Mental:

Interrompi o estudo comparativo, depois de acurada perquirição, e fixei Calderaro em silenciosa interrogativa.

O prestimoso mentor argumentou, sorridente:

– Depois da morte física, o que há de mais

surpreendente para nós é o reencontro da vida. Aqui aprendemos que o organismo perispiritico que nos condiciona em matéria mais leve e mais plástica, após o sepulcro, é fruto igualmente do processo evolutivo. Não somos criações milagrosas, destinadas ao adorno de um paraíso de papelão. Somos filhos de Deus e herdeiros dos séculos, conquistando valores, de experiência em experiência, de milênio a milênio. Não há favoritismo no Templo Universal do Eterno, e todas as forças da Criação aperfeiçoam-se no Infinito. **A crisálida de consciência, que reside no cristal a rolar na corrente do rio, aí se acha em processo liberatório;** as árvores que por vezes se aprumam centenas de anos, a suportar os golpes do Inverno e acalentadas pelas carícias da Primavera, estão conquistando a memória; a fêmea do tigre, lambendo os filhinhos recém-natos, aprende rudimentos do amor; o símio, guinchando, organiza a faculdade da palavra. Em verdade, Deus criou o mundo, mas nós nos conservamos ainda longe da obra completa. Os seres que habitam o Universo ressumbrarão suor por muito tempo, a aprimorá-lo. Assim também a individualidade. Somos criação do Autor Divino, e devemos aperfeiçoar-nos integralmente. O Eterno Pai estabeleceu como lei universal que seja a perfeição obra de cooperativismo entre Ele e nós, os seus filhos.

O mentor silenciou por instantes, sem que me acudisse ânimo suficiente para trazer qualquer comentário aos seus elevados conceitos.

Logo após, indicou-me a medula espinhal e continuou:

– Creio ociosa qualquer alusão aos trabalhos primordiais do nosso longo drama de vida evolutiva. Desde a ameba, na tépida água do mar, até o homem, vimos lutando, aprendendo e selecionando invariavelmente. Para adquirir movimento e músculos, faculdades e raciocínios, experimentamos a vida e por ela fomos experimentados, milhares de anos. As páginas da sabedoria hinduísta são escritos de ontem, e a Boa-Nova de Jesus-Cristo é matéria de hoje, comparadas aos milênios vividos por nós, na jornada progressiva. (XAVIER, 1984, p. 45-46, grifo nosso).

Como um cristal, que rola no leito de um rio, “morre” para que a crisálida, que possivelmente esteja nele, passe para o estágio evolutivo seguinte? Quando nós usamos esses cristais, incrustando-os como decoração nas paredes de nossas casas, a crisálida ficaria ali presa indefinidamente? Devemos proteger os cristais como estamos querendo fazer em relação aos seres vivos dos outros reinos da natureza? Esses são alguns quesitos que poderíamos fazer ao nobre assistente de André Luiz.

Interrompeu-se o Assistente por alguns segundos, como a dar-me tempo para refletir.

Em seguida, continuou, atencioso:

– Na verdade, não há nisso mistério algum. Voltemos aos ascendentes em evolução, O princípio espiritual acolheu-se no seio tépido das águas, através dos organismos celulares, que se mantinham e se multiplicavam por cissiparidade. Em milhares de anos, fez longa viagem na esponja, passando a dominar células autônomas, impondo-lhes o espírito de obediência e de coletividade, na organização primordial dos músculos. Experimentou longo tempo, antes de ensaiar os alicerces do aparelho nervoso, na medusa, no verme, no batráquio, arrastando-se para emergir do fundo escuro e lodoso das águas, de modo a encetar as experiências primeiras, ao sol meridiano. Quantos séculos consumiu, revestindo formas monstruosas, aprimorando-se, aqui e ali, ajudado pela interferência indireta das Inteligências superiores? Impossível responder, por enquanto. Sugou o seio farto da Terra, evolucionando sem parar, através de milênios, até conquistar a região mais alta, onde conseguiu elaborar o próprio alimento.

Calderaro fixou em mim significativo olhar e perguntou:

– Compreendeste suficientemente?

Ante o assombro das ideias novas que me fustigavam a imaginação, impedindo-me o minucioso exame do assunto, o esclarecido companheiro sorriu e continuou:

– Por mais esforços que envidemos por simplificar a exposição deste delicado tema, o retrospecto que a respeito fazemos sempre

causa perplexidade. Quero dizer, André, que o princípio espiritual, desde o obscuro momento da criação, caminha sem detença para frente. Afastou-se do leito oceânico, atingiu a superfície das águas protetoras, moveu-se em direção à lama das margens, debateu-se no charco, chegou à terra firme, experimentou na floresta copioso material de formas representativas, ergueu-se do solo, contemplou os céus e, depois de longos milênios, durante os quais aprendeu a procriar, alimentar-se, escolher, lembrar e sentir, conquistou a inteligência. **Viajou do simples impulso para a irritabilidade, da irritabilidade para a sensação, da sensação para o instinto, do instinto para a razão.** Nessa penosa romagem, inúmeros milênios decorreram sobre nós. Estamos, em todas as épocas, abandonando esferas inferiores, a fim de escalar as superiores. O cérebro é o órgão sagrado de manifestação da mente, em trânsito da animalidade primitiva para a espiritualidade humana. (XAVIER, 1984, p. 57-59, grifo nosso).

Nesse trecho da obra, ficamos com a impressão de que o assistente de André Luiz já não mais fala nada do reino mineral; porém, que progredia através de organismos celulares, que, como se sabe, fazem parte dos seres vivos.

2) *Evolução em dois mundos*, cap. III – Evolução e corpo Espiritual, cap. IV – Automatismo e Corpo Espiritual e cap. VI – Evolução e Sexo, respectivamente:

A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos Gênios Construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da Terra recoberto de mares mornos, invadido por gigantesca massa viscosa a espalhar-se no colo da paisagem primitiva.

Dessa geleia cósmica, verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações..

Trabalhadas, no transcurso de milênios, pelos operários espirituais que lhes magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob a ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no Globo constituído.

Séculos de atividade silenciosa perpassam, sucessivos..

**NASCIMENTO DO REINO VEGETAL —**  
Aparecem os vírus e, com eles, surge o campo primacial da existência, formado por nucleoproteínas e globulinas, oferecendo clima adequado aos princípios inteligentes ou mônadas fundamentais, que se destacam da substância viva, por centros microscópicos de força positiva, estimulando a divisão cariocinética.

Evidenciam-se, desde então, as bactérias rudimentares, cujas espécies se perderam nos alicerces profundos da evolução, lavrando os minerais na construção do solo, dividindo-se por raças e grupos numerosos,

plasmando, pela reprodução assexuada, as células primevas, que se responsabilizariam pelas eclosões do reino vegetal em seu início.

Milênios e milênios chegam e passam..

FORMAÇÃO DAS ALGAS — Sustentado pelos recursos da vida que na bactéria e na célula se constituem do líquido protoplásmico, o princípio inteligente nutre-se agora na clorofila, que revela um átomo de magnésio em cada molécula, precedendo a constituição do sangue de que se alimentará no reino animal.

O tempo age sem pressa, em vagarosa movimentação no berço da Humanidade, e aparecem as algas nadadoras, quase invisíveis, com as suas caudas flexuosas, circulando no corpo das águas, vestidas em membranas celulósicas, e mantendo-se à custa de resíduos minerais, dotadas de extrema motilidade e sensibilidade, como formas monocelulares em que a mônada já evoluída se ergue a estágio superior.

Todavia, são plantas ainda e que até hoje persistem na Terra, como filtros de evolução primária dos princípios inteligentes em constante expansão, mas plantas superevolvidas nos domínios da sensação e do instinto embrionário, guardando o magnésio da clorofila como atestado da espécie.

Sucedendo-as, por ordem, emergem as algas verdes de feição pluricelular, com novo núcleo a salientar-se, inaugurando a reprodução sexuada e estabelecendo

vigorosos embates nos quais a morte comparece, na esfera de luta, provocando metamorfoses contínuas, que perdurarão, no decurso das eras, em dinamismo profundo, mantendo a edificação das formas do porvir.

DOS ARTRÓPODOS AOS DROMATÉRIOS E ANFÍTRIOS — Mais tarde, assinalamos o ingresso da mônada, a que nos referimos, nos domínios dos artrópodos, de exosqueleto quitinoso, cujo sangue diferenciado acusa um átomo de cobre em sua estrutura molecular, para, em seguida, surpreendê-la, guindada à condição de crisálida da consciência, no reino dos animais superiores, em cujo sangue — condensação das forças que alimentam o veículo da inteligência no império da alma — detém a hemoglobina por pigmento básico, demonstrando o parentesco inalienável das individuações do espírito, nas mutações da forma que atende ao progresso incessante da Criação Divina.

Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais do período pré-câmbrico aos fetos e às licopodiáceas, aos trilobites e cistídeos aos cefalópodes, foraminíferos e radiolários dos terrenos silurianos, o princípio espiritual atingiu espongiários e celenterados da era paleozoica, esboçando a estrutura esquelética.

Avançando pelos equinodermos e crustáceos, entre os quais ensaiou, durante milênios, o sistema vascular e o sistema nervoso, caminhou na direção dos ganoides e



teleósteos, arquegonossauros e labirintodontes para culminar nos grandes lacertinos e nas aves estranhas, descendentes dos pterossáurios, no jurássico superior, chegando à época supracretácea para entrar na classe dos primeiros mamíferos, procedentes dos répteis teromorfos.

Viajando sempre, adquire entre os dromatérios e anfitérios os rudimentos das reações psicológicas superiores, incorporando as conquistas do instinto e da inteligência. (XAVIER, 1987b, p. 31-34, grifo nosso).

**AUTOMATISMO E HERANÇA** — Assim como na coletividade humana o indivíduo trabalha para a comunidade a que pertence, entregando-lhe o produto das próprias aquisições, e a sociedade opera em favor do indivíduo que a compõe, protegendo-lhe a existência, no impositivo do aperfeiçoamento constante, nos reinos menores o ser inferior serve à espécie a que se ajusta, confiando-lhe, maquinalmente, o fruto das próprias conquistas, e a espécie labora em benefício dele, amparando-o com todos os valores por ela assimilados, a fim de que a ascensão da vida não sofra qualquer solução de continuidade.

Se, no círculo humano, a inteligência é seguida pela razão e a razão pela responsabilidade, nas linhas da Civilização, sob os signos da cultura, observamos que, na retaguarda do transformismo, o reflexo precede o instinto, tanto quanto o instinto

precede a atividade refletida, que é base da inteligência nos depósitos do conhecimento adquirido por recapitulação e transmissão incessantes, nos milhares de milênios em que o princípio espiritual atravessa lentamente os círculos elementares da Natureza, qual vaso vivo, de forma em forma, até configurar-se no indivíduo humano, em trânsito para a maturação sublimada no campo angélico.

Desse modo, em qualquer estudo acerca do corpo espiritual, não podemos esquecer a função preponderante do automatismo e da herança na formação da individualidade responsável, para compreendermos a inexequibilidade de qualquer separação entre a Fisiologia e a Psicologia, porquanto ao longo da atração no mineral, da sensação no vegetal e do instinto no animal, vemos a crisálida de consciência construindo as suas faculdades de organização, sensibilidade e inteligência, transformando, gradativamente, toda a atividade nervosa em vida psíquica. (XAVIER, 1987b, p. 38-39, grifo nosso).

#### GENEALOGIA DO ESPÍRITO – [...]

Em verdade, porém, para não cairmos nas recapitulações incessantes, em torno de apreciações e conclusões que a ciência do mundo tem repetido à saciedade, acrescentaremos simplesmente que as leis da reprodução animal, orientadas pelos Instrutores Divinos, desde o casulo ferruginoso do leptótrix, através da retração e expansão da energia nas ocorrências do

nascimento e morte da forma, recapitulam ainda hoje, na organização de qualquer veículo humano, na fase embriogênica, a evolução tilogenética de todo o reino animal, demonstrando que além da ciência que estuda a gênese das formas, há também uma genealogia do espírito.

Com a Supervisão Celeste, o princípio inteligente gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos, a fim de que pudesse, como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos. (XAVIER, 1987b, p. 52-53, grifo nosso).

Muito técnicas essas considerações de André Luiz, que não nos permite, por falta de conhecimento, delinear o seu pensamento com segurança, pois, em princípio, pareceu-nos que aponta o reino mineral como sendo o início da evolução da mônada; entretanto, pelo último parágrafo, tem-se a impressão de que, para ele, o ponto inicial já não é mais o reino mineral. E para complicar mais ainda, vemos duas outras falas nas quais essa visão nos parece existir:

É assim que o tato nasceu no princípio inteligente, na sua passagem pelas células nucleares em seus impulsos ameboides; que a visão principiou pela sensibilidade do

plasma nos flagelados monocelulares expostos ao clarão solar; que o olfato começou nos animais aquáticos de expressão mais simples, por excitações do ambiente em que evoluíam; que o gosto surgiu nas plantas, muitas delas armadas de pelos viscosos destilando sucos digestivos, e que as primeiras sensações do sexo apareceram com algas marinhas providas não só de células masculinas e femininas que nadam, atraídas uma para as outras, mas também de um esboço de epiderme sensível, que podemos definir como região secundária de simpatias genésicas. (XAVIER, 1987b, p. 40-41, grifo nosso).

[...] Com a Supervisão Celeste, o princípio inteligente gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos, a fim de que pudesse, como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos. (XAVIER, 1987b, p. 53, grifo nosso).

A referência às células nucleares, vírus e bactérias, nos remete à ideia de que se fala de seres vivos, se for esse o caso, então os seres inorgânicos estariam de fora, via de conseqüências, os minerais que são classificados como tais.

Com relação ao tato vejamos o que consta em *A caminho da Luz*, ditado pelo Espírito Emmanuel, pela

psicografia de Chico Xavier, que discorrendo sobre os primeiros habitantes da Terra, afirma:

Dizíamos que uma camada de matéria gelatinosa envolvera o orbe terreno em seus mais íntimos contornos. Essa matéria, amorfa e viscosa, era o celeiro sagrado das sementes da vida. O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre, e, se essa matéria, sem forma definida, cobria a crosta solidificada do planeta, em breve a condensação da massa dava origem ao surgimento do núcleo, iniciando-se as primeiras manifestações dos seres vivos.

Os primeiros habitantes da Terra, no plano material, são as células albuminoides, as amebas e todas as organizações unicelulares, isoladas e livres, que se multiplicam prodigiosamente na temperatura tépida dos oceanos.

Com o escoar incessante do tempo, esses seres primordiais se movem ao longo das águas, onde encontram o oxigênio necessário ao entretenimento da vida, elemento que a terra firme não possuía ainda em proporções de manter a existência animal, antes das grandes vegetações; esses seres rudimentares somente revelam um sentido – o do tato, que deu origem a todos os outros, em função de aperfeiçoamento dos organismos superiores. (XAVIER, 1987a, p. 26-27, grifo nosso).

**A impressão que nos fica é que para Emmanuel a**

origem do processo se inicia em seres primordiais, que, certamente, estão entre os orgânicos.

### 3) *Missionários da Luz*

– Não se esqueça, André, de que a reencarnação significa recomeço nos processos de evolução ou de retificação. Lembre-se de que os organismos mais perfeitos da nossa Casa Planetária procedem inicialmente da ameba. Ora, recomeço significa “recapitulação” ou “volta ao princípio”. Por isso mesmo, em seu desenvolvimento embrionário, o futuro corpo de um homem não pode ser distinto da formação do réptil ou do pássaro. O que opera a diferenciação da forma é o valor evolutivo, contido no molde perispiritico do ser que toma os fluidos da carne. Assim, pois, ao regressar à esfera mais densa, como acontece a Segismundo, é indispensável recapitular todas as experiências vividas no longo drama de nosso aperfeiçoamento, ainda que seja por dias e horas breves, repetindo em curso rápido as etapas vencidas ou lições adquiridas, estacionando na posição em que devemos prosseguir no aprendizado. Logo depois da forma microscópica da ameba, surgirão no processo fetal de Segismundo os sinais da era aquática de nossa evolução e, assim por diante, todos os períodos de transição ou estações de progresso que a criatura já transpôs na jornada incessante do aperfeiçoamento, dentro da qual nos encontramos, agora, na

condição de humanidade. (XAVIER, 1986, p. 234, grifo nosso).

Dessa fala do instrutor Alexandre a André Luiz de que os organismos mais perfeitos procedem inicialmente da ameba, não vimos outra coisa senão que o processo evolutivo do corpo tenha se iniciado na ameba, um ser unicelular, que, certamente, não se trata de um mineral.

### 5.8 – De Joanna de Ângelis (Espírito)?

Citaremos duas obras de Joanna de Ângelis, a mentora do médium Divaldo Pereira Franco (1927- ), mantendo o mesmo procedimento que adotamos para com André Luiz.

a) *Conflitos Existenciais*, capítulo 10 – Violência, considerações da autora datada de junho de 2005:

No processo antropossociopsicológico da evolução, o princípio espiritual adquire experiências, emoções e conhecimento através do trânsito pelos diferentes reinos da Natureza, nos quais desabrocham os recursos divinos que se lhe encontram em germe.

Dormindo no mineral, lentamente exteriorizam-se-lhe as energias de aglutinação molecular, ampliando as possibilidades no despertar do vegetal, quando cresce em recursos de sensibilidade,

a fim de liberar os instintos no trânsito animal, desabrochando as faculdades da inteligência, da razão, da consciência na fase humana, e avançando para a conquista da intuição que se dá no período angélico. (FRANCO, 2005, p. 115, grifo nosso).

**Mais à frente, nessa mesma obra, encontramos:**

É necessário que haja a morte orgânica, a fim de que ocorram alterações, aperfeiçoamentos. Tem sido por meio do processo nascer, viver, morrer, que as formas se aprimoram através dos milhões de anos, em sucessivas experiências, agasalhando o princípio espiritual que as vem modelando, na busca de melhor estrutura e mais perfeita harmonia. (FRANCO, 2005, p. 229, grifo nosso).

Exatamente, o argumento que utilizamos para “resistir” que o princípio inteligente tenha passado pelo reino mineral. Diante disso, s.m.j., achamos que ao falar que o “processo nascer, viver, morrer, que as formas se aprimoram” Joanna de Ângelis entra em conflito com o que ela mesmo disse sobre o princípio inteligente dormir no mineral.

b) *Iluminação interior*, cap. 1 – A Divina Presença, considerações iniciais da autora em janeiro de 2006:

Deus prossegue criando sem cessar.



O Seu psiquismo dá nascimento a verdadeiros fascículos de luz, que contêm em germe toda a grandeza da fatalidade do seu processo de evolução.

Manifestando-se em sono profundo nos minerais através de milhões de milênios, germina, mediante processo de modificação estrutural, transferindo-se para o reino vegetal, às vezes, passando pelas formas intermediárias, dando surgimento à sensibilidade, a uma organização nervosa primária, de que se utiliza no remoto futuro. Obedecendo a campos vibratórios sutis e inabordáveis, lentamente se transfere para o reino animal, experimentando as variações do transformismo e do evolucionismo, igualmente vivenciando as experiências encarregadas das mutações e variações, desdobrando os instintos até alcançar os primatas, e deles prosseguindo no direcionamento humano...

Não cessa, porém, no bípede pensante, o grandioso desenvolver dos conteúdos divinos nesse psiquismo, antes alma e agora Espírito, que avança para a angelitude, para a superação de qualquer expressão no campo da forma, até atingir o máximo da sua destinação gloriosa.

Todas as manifestações no mundo das formas direcionadas por uma energia peculiar modificam-se, tornando-se mais complexas, até alcançar estágios definitivos que as caracterizam no campo material. (FRANCO, 2008, p. 15, grifo nosso)

Nessa obra, a posição de Joanna de Ângelis é mais clara, não deixa dúvida, de que, em seu progresso, o princípio inteligente desenvolve-se nos três reinos.

## 6. Conclusão

Pelo que se pode ver, não há ainda, no meio Espírita, uma posição nítida em relação ao assunto. Entretanto, levando-se em conta as opiniões do Codificador, que mais ressalta o ponto inicial como sendo o reino vegetal, estaríamos, pelo menos por enquanto, mais para defender essa posição.

Há algo interessante que é necessário mencionarmos. Na *Revista Espírita 1860*, mês de março, há um ditado espontâneo intitulado “O gênio das flores”, datado de 23.12.1859. Uma semana depois, na Sociedade Espírita de Paris, são dirigidas algumas perguntas a São Luís a respeito dessa comunicação. De uma de suas respostas destacamos este trecho: “o Espírito elementar, antes de passar para a série animal, dirige a ação fluídica na criação do vegetal” (KARDEC, 2000a, p. 94). Temos, portanto, a confirmação dos Espíritos elementais, que na série evolutiva antecede ao reino animal, embora não tenha sido informado o reino anterior, supomo-lo ser o vegetal.

Quanto à questão de ter passado pelo reino animal, para nós é pacífica. Fora tudo que já apresentamos, podemos ainda trazer a opinião pessoal

do próprio Codificador, mencionada pelo seu amigo, o Capitão Bourgués, autor do livro *“Psychologie Transformiste-Evolution de l’Intelligence”*, conforme citação de Charles Trufy, *Causeries Spirities* constante da obra *Da Bíblia aos nossos dias*, de Mário Cavalcanti de Melo (?-?):

Quando Kardec fez sua viagem espírita em 1862, nos veio visitar em Provins, onde nos encontrávamos acampados; tivemos a alegria de ter o mestre alguns dias conosco. Em sua palestra ele não nos escondeu nossa origem animal, e nos falou do progresso que devia fazer o espírito para chegar à perfeição. Ele nos recomendou, sobretudo, de aprofundar todos os ramos da Ciência, assegurando-nos que nos elevaríamos por ela, e que encontraríamos no Livro dos Espíritos os elementos para tudo conhecer e tudo abraçar. (MELO, 1954, p. 95, grifo nosso).

Certamente, que se Kardec fosse da opinião que o princípio inteligente passara pelo reino mineral teria dito isso; porém, ele só afirma a nossa origem animal, a não ser que tomemos a declaração acima como inverídica. Quanto à questão do reino vegetal, o pensamento de Kardec passa a aceitar mais para o final de sua vida, conforme vimos e, por várias vezes, insistimos em lembrar esse fato.

O pesquisador Paulo Henrique de Figueiredo (1966- ), em sua obra *Revolução Espírita*, diz algo que julgamos importante:

Quem se habitua a ler as obras de Kardec não adentra um terreno árido; encontra descrições límpidas e cheias de imagens, raciocínios criativos e comparações de fácil entendimento. Algumas passagens soam como um poema. (FIGUEIREDO, 2016, p. 51, grifo nosso)

**Acreditamos que Kardec, por duas vezes, foi enfático ao dizer da clareza da Doutrina Espírita:**

[...] A Doutrina não é ambígua em nenhuma de suas partes; ela é clara, precisa, categórica em seus menores detalhes; só a ignorância e a má-fé podem se equivocar sobre o que ela aprova ou condena. [...]. (KARDEC, 2000c, p. 191, grifo nosso)

[...] A Doutrina Espírita, que nada tem de escondido, que é clara, precisa, sem alegorias nem ambiguidades, sem fórmulas abstratas, deveria acabar por ser melhor conhecida, [...]. (KARDEC, 1993i, p. 270)

**Então, porque no caso dos reinos anteriores ao animal ele não foi claro? Teria a intenção de nos enganar, ou simplesmente, não advogava a tese do**

princípio inteligente no reino mineral e vegetal?

Interessante é que pesquisando em todas as obras da Codificação em nenhuma delas encontramos Kardec utilizando-se da expressão “reinos inferiores”, mas tão somente “seres inferiores”, em que, para nós, diante do que aqui vimos, se pode enquadrar somente os animais.

Curiosa é a explicação de James Arthur Findlay (1883-1964), que foi presidente da *Psychic News*, uma revista britânica, era líder espírita, conhecido como orador, conferencista, e pesquisador, que transcrevemos de sua obra *No limiar do etéreo*:

Movimento revela mente. Dar-se-á, porém, que todo movimento que nos fere os sentidos e a que damos o nome de matéria seja dirigido pela mente? Onde começa o seu reino? Haverá mente numa pedra? Dizem os nossos físicos que uma pedra está em contínuo movimento, por estarem nela os electrons e os prótons em rápida e regular vibração. Se contém mente ou é por esta influenciada, tratar-se-á de uma mente da mais imperfeitas e mínima forma; fôramos, no entanto, imprudentes, se avançáramos essa graciosa afirmação. Certamente, o que constitui uma pedra pode tornar-se habitação de uma mente, pois, quando, por efeito das chuvas e das geadas, a pedra se muda em terra, produz relva de

que se alimenta a vaca, transformando-a em leite, que sustenta corpos governados pela mente. Não podemos, pois, ser dogmáticos em afirmar onde há mente, ou onde não há mente, embora sintamos em terreno firme, admitindo provisoriamente que onde há crescimento e desenvolvimento também há mente. Assim, quando olhamos em torno de nós, podemos ver mente em todos os graus de desenvolvimento, desde a do mais humilde fundo até a que guiou a mão de escreve a maior tragédia de quantas já o homem compôs: *Rei Lear*. (FINDLEY, 2002, p. 63-64, grifo nosso).

Pareceu-nos um caminho um tanto quanto tortuoso a ligação que Findlay faz da mente numa pedra, mas, de qualquer forma, é mais uma explicação que estamos disponibilizando a você, caro leitor.

Temos ainda mais uma opinião bem interessante que é a do companheiro Luiz Gonzaga Pinheiro (?- ), autor do livro *Perispírito e suas modelações*, do qual transcrevemos:

O princípio inteligente não pode agir diretamente sobre a matéria, a não ser se revestindo de outro tipo de matéria semicondensada que possibilite o intercâmbio de informações e sensações de um para o outro.

O início de nosso estudo sobre o perispírito começa neste ponto, onde o

**princípio inteligente aliando-se aos cristais demora-se por séculos, forçando a matéria a obedecer a uma geometria definida, tornando seu esboço perispiritual maleável, gravando no mesmo, formas e linhas precisas.**

Quanto aos corpos brutais, tais como os minerais (rochas, Ferro, Zinco, Ouro, dentre outros) abstenho-me de comentários, mesmo porque não encontro pouca lógica na união do princípio inteligente na matéria bruta, onde ele ficaria apático sem nenhuma aprendizagem. Na condição de prisioneiro em matéria bruta ele permaneceria adormecido, estático, sem registros, a não ser que esteja desenvolvendo uma afinidade de ordem química.

A dificuldade em se admitir o princípio inteligente adormecido na matéria bruta deve-se as transformações que ela sofre, às vezes, irreversíveis. Alguém poderá sustentar que o princípio inteligente encontra-se inerte na matéria. Mas em que tipos de materiais? O Ferro é trabalhado pelo fogo e serve às necessidades humanas. De outra feita sofre oxidação e é consumido pela ferrugem. A rocha é desgastada pelas intempéries e virá pó. Outro tanto vai para as construções de estradas e residências. O Ouro é transformado em joias para adornar a vaidade e fomentar a cobiça, ou fica preso em cofres fortes. O Zinco atende as necessidades da construção civil. Poder-se-ia dizer que nesses materiais o princípio inteligente estaria adormecido: E o que ocorreria com ele, caso habitasse esses



materiais, quando os mesmos sofrem transformações irreversíveis tais como a queima da madeira? Uma lei não pode ser estabelecida em cima de incertezas. Ou o princípio inteligente encontra-se adormecido nos minerais ou não. Apelando para o senso prático, perguntamos: por que estaria, para nada aprender ou em nada contribuir?

Onde a matéria bruta inicia um princípio de organização formal (não falo de átomos e moléculas) obedecendo a formas geométricas em sua divisão, é que iniciaremos o nosso estudo, colocando aí a união dos dois princípios, material e inteligente, gênese da mais admirável de todas as sagas do universo, a busca da autonomia espiritual. (PINHEIRO, p. 36-37, grifo nosso).

**Deixamos propositalmente para o final, para demonstrar que, embora aceitando que o princípio inteligente tenha estagiado no reino mineral, Pinheiro, diferentemente de muitos autores espíritas, delimita-o apenas nos cristais. Provavelmente outros estudiosos espíritas também tenham essa mesma opinião.**

**Uma coisa tem que ficar clara, para todos nós, é sobre isto que Kardec disse, que, aqui, fazemos questão de repetir:**

*O Livro dos Espíritos* não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão lhe colocar as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente

pelo estudo e pela observação. (KARDEC, 1993i, p. 223)

Portanto, o assunto poderá estar ainda em aberto para uma posterior decisão. Quem sabe se já não estamos a caminho dela?...

Físicos quânticos afirmam que o elétron que viaja, sem um caminho visível, entre as órbitas do átomo, em seus saltos quânticos, apresenta um "comportamento". A uma partícula elementar que apresenta comportamento se entende que essa partícula, mesmo de forma simples e rudimentar, se apresenta "inteligente".

Essa forma de inteligência é ainda desconhecida, tanto que explicá-la pela ciência acadêmica é tarefa ainda impossível. Porém, é possível inferir pelos postulados da Doutrina Espírita, que há inteligência na matéria, possibilitando a sua relação com o "princípio inteligente". (AUNI, 2011, p. 182-184, grifo nosso).

Certamente que a aceitação dessa hipótese levantada por Adams Auni (?- ) vai demorar, entretanto, mais dia, menos dia a verdade virá à tona, vencendo todos os obstáculos que lhe surgem pela frente. Aí vale o adágio popular: "quem sobreviver verá".

Ao finalizar queremos transcrever três respostas do texto "Dimensões da Evolução", no qual contém as

explicações do Espírito Pedro a várias perguntas que lhe fizeram os membros do IEEP – Instituto Espírita de Ensino e Pesquisa, do NEPE – Núcleo Estudos e Pesquisa de Espiritismo<sup>(8)</sup>, da cidade de Divinópolis, MG, em reunião realizada a 01.12.2013:

P. 2) O amigo Paulo Neto nos envia uma pergunta que eu resumo assim: Aonde se inicia o princípio inteligente? A inteligência se iniciou no reino mineral ou vegetal?

R. 2) A resposta é sim e não ou se preferirem, depende. Na verdade, essa pergunta não vai ser respondida hoje, agora e aqui, porque ela se refere à origem do espírito. E essa origem é enigmática, inclusive para a realidade consciencial em que eu me encontro.

Não temos a resposta definitiva para esta questão.

Porém acredito que algumas reflexões vão ajudar ao companheiro Paulo Neto e a vocês entenderem melhor a questão.

Há uma dubiedade de conceitos que sempre é prejudicial para o esclarecimento de questões. A dubiedade se refere ao uso de uma palavra para duas coisas diferentes.

Kardec criou a palavra Espiritismo para diferenciar do Espiritualismo, porque percebeu que a palavra espiritualismo não seria suficiente para descrever o

---

8 Endereço na WEB: <http://www.geec.org.br/base/index.php/ieep/nepe-nucleo-de-estudos-e-pesquisas-de-espiritismo>

“espiritualismo específico” que ele estava codificando.

Como aquela doutrina era específica, ele entendeu que ela deveria ter uma denominação diferenciada, embora o Espiritismo seja também espiritualismo, mas não o contrário.

E a dubiedade da palavra “alma”, Kardec solucionou fazendo um estudo sobre suas diferenciações: alma vital, alma efeito da matéria e alma como princípio inteligente, no início da introdução do Livro dos Espíritos. Ele resolveu o problema para o conceito de “alma”, mas essa dificuldade permaneceu a respeito a palavra “espírito”.

Tem-se Espírito com “E” maiúsculo, que é o princípio inteligente individualizado do Universo. Este tem atributos que são essenciais, senão não seria Espírito: inteligência, pensamento, percepção, individualidade e da perfectibilidade que implica numa imortalidade. Existe mais um atributo que é a imaterialidade. O Espírito em essência não é material, se fosse não seria Espírito.

O espírito com “e” minúscula é o princípio imaterial do Universo. Quando Kardec, nas suas pesquisas pergunta, no Livro dos Espíritos, sobre os princípios do Universo, os Espíritos superiores explicam que existe um princípio material e um espiritual.

Estes são os constituintes do Universo: material aquele que possui massa, logo ocupa um lugar no espaço, que gera a gravidade, aquilo que é ponderável e o

Espírito que é imponderável, incorpóreo, não têm massa e não ocupa lugar no espaço, porém existe.

Então espírito, com letra “e” minúscula, com certeza existe no reino mineral, é espírito princípio imaterial do Universo. Porque a matéria em si não existiria da forma que a pe dela não existisse o princípio imaterial que a ordena.

Os físicos, os químicos estudam este princípio imaterial e nomeiam suas manifestações de leis físicas e químicas, isto é, que é aquilo que dá ordem a matéria conhecida.

Não posso dizer que o Espírito que possui individualidade, perfectibilidade, pensamento, percepção, existe no reino mineral, porque este Espírito, com “E” maiúsculo, vamos encontrá-lo, com rudimentos destas características, talvez no reino vegetal e mais propriamente no reino animal.

Este Espírito, com todas estas características seria encontrado do reino animal adiante. Em algum momento do reino animal, por exemplo, é que ele vai adquirir individualidade e com ela a perfectibilidade e imortalidade, antes não.

Porém a característica de imaterialidade, pertence aos dois princípios: ao Espírito, princípio inteligente universal e ao espírito, princípio imaterial do Universo. São duas coisas diferentes que têm o mesmo nome.

Todo Espírito é espírito, mas não o contrário.

**P. 3: Não existe individualidade no reino**

mineral e vegetal?

R. 3: Não existe individualidade nestes reinos.

Não posso afirmar: eu fui uma pedra ou um vegetal. O sentido do ser não existia antes da individualidade. Seria como se eu dissesse: eu fui o primeiro ano do segundo grau. Ser é diferente, é individual. Estava lá em princípio, mas não era “eu”, pois o “eu” não existia ainda. Aqui há o enigma: aonde nós podemos chamar de inteligência individualizada? A individualidade nos reinos mineral e vegetal não faz sentido, somente fará sentido após a construção das condições para que a individualidade se desenvolva num futuro. O enigma da questão da origem do Espírito com “E” maiúsculo é que se perde neste processo.

P. 4: O Espírito surge com o pensamento contínuo?

R. 4: O princípio inteligente com “e” minúsculo é universal e está sempre presente. O princípio com “E” maiúsculo é no animal, porque as características de individualidade, pensamento, percepção, perfectibilidade, que são atributos do Espírito, com “E” maiúsculo só começam no reino animal que tem rudimentos de pensamento. Eu não estou dizendo que o atributo pensamento é sempre contínuo. Mesmo no ser rudimentar onde predomina o instinto existe o pensamento, pois os animais têm flashes de pensamentos.

(PEDRO, 2013, p. 4-6, grifo do original).

Agradecemos aos companheiros do NEPE e ao espírito Pedro pela boa vontade e disposição em separar um tempo na reunião para considerar o nosso questionamento.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

set/2006.

(versão 22 – revisado ago/2016)

Este texto foi publicado:

– revista *Espiritismo & Ciência* n° 46, São Paulo: Mythos Editora, s/d, p. 29-32). (A versão original, bem reduzida);

– revista *Espiritismo & Ciência Especial* n° 66, São Paulo: Mythos Editora, nov/2013, p. 56-61 (versão reduzida);

– revista digital *O Consolador* n° 233. Londrina, PR, out/2011 – parte 1 e n° 234, nov/2011-- parte 2 e final.

## 7. Referências bibliográficas

- ALEIXO, S. F. *O primado de Kardec: metodologia espírita e cisma rustenista*. Rio de Janeiro: ADE-RF, 2011.
- AZAMBUJA, R. C. *Animais e Espiritismo*. Capivari, SP: EME, 2014.
- BOZZANO, E. *Os animais têm alma?* Niterói, RJ: Lachâtre, 2004.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. Vol. 5. São Paulo: Candeia, 1995.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. Vol. 6. São Paulo: Candeia, 1985f.
- CIAMPONI, D. *A evolução do princípio inteligente*. São Paulo: FEESP, 2001.
- DELANNE, G. *A evolução anímica*. Rio de Janeiro: FEB, 1989.
- DELANNE, G. *A reencarnação*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DELANNE, G. *O Espiritismo perante a ciência*. Rio de Janeiro: FEB, 1993.
- DENIS, L. *Depois da Morte*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. Rio de Janeiro: FEB, 1989.
- ESPÍRITO SANTO NETO, F. *Estamos prontos: reflexões sobre as raízes da conduta humana*. Catanduva, SP: Boa Nova, 2012.
- FIGUEIREDO, P. H. *Revolução Espírita*. São Paulo: MAAT, 2016.
- FINDLAY, J. A. *No limiar do etéreo*. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- FLAMMARION, C. *As forças naturais desconhecidas*. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2011.
- FLAMMARION, C. *Deus na Natureza*. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- FRANCO, D. P. *Conflitos Existenciais*. Salvador. BA: LEAL, 2005.
- FRANCO, D. P. *Iluminação interior*. São Paulo: Prestígio, 2008.
- GABILAN, F. A. *Entre o Pecado e a Evolução*. São Paulo: DPL,



2002.

GELEY, G. *Resumo da Doutrina Espírita*. São Paulo: Lake, 2009.

GENTILE, S. (trad.) *O Livro dos Espíritos*. Araras, SP: IDE, 1987.

GOLDBERG, B. *Vidas passadas, vidas futuras*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1993.

HARPUR, T. *Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os evangelhos*. São Paulo: Pensamento, 2010.

KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007e.

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007c.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos – Primeira edição de 1857*. Itaim Bibi, SP: Ipece, 2004.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2007a.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras, SP: IDE, 1993e.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras, SP: IDE, 2000a.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993f.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras, SP: IDE, 2000c.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*. Araras, SP: IDE, 1993i.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras, SP: IDE, 1999.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras, SP: IDE, 1993j.

LODGE, O. *Raymond*. São Paulo: Lake, 2012.

MELO, M.C. *Da Bíblia aos nossos dias*, Curitiba: FEP, 1954.

NETO SOBRINHO, P. S. *A alma dos animais: estágio anterior da alma humana?*. Divinópolis-MG: GEEC Publicações, 2008.

NETO SOBRINHO, P. S. *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/viewdownload/7-assuntos-biblicos/405-os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores>, acesso em 30.08.2015, às 14:48hs.

PINHEIRO, L. G. *O perispírito e suas modelações*. Capivari, SP: EME, 2009.

PIRES, J. H. (trad.) *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: LAKE, 1995.

- PIRES, J. H. *A evolução espiritual do homem (na perspectiva da doutrina espírita)*. São Paulo: Paideia, 2005.
- PIRES, J. H. *Mediunidade: vida e comunicação. Conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais*. São Paulo: EDICEL, 1987.
- PORTASIO FILHO, M. O. *Deus, Espírito e Matéria*. São Paulo: FEESP, 2000.
- ROUSTAING, J. B. *Os quatro evangelhos. Revelação da Revelação. Vol. 1*. Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- RUSSO, S, O. *Insólito: mistérios do céu, da terra, do espaço e do tempo*. s/local, s/data.
- SCHUTEL, C. *A Gênese da Alma*. Matão, SP: O Clarim, 1982.
- XAVIER, F. C. *A caminho da luz*. Rio de Janeiro: FEB, 1987a.
- XAVIER, F. C. *Evolução em Dois Mundos*. Rio de Janeiro: FEB, 1987b.
- XAVIER, F. C. *Missionários da Luz*. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- XAVIER, F. C. *No Mundo Maior*. Rio de Janeiro: FEB, 1984.
- ZIMMERNANN, Z. *Perispírito*. Campinas, SP: CEAK, 2000.
- LEX, A. *Atuação do Princípio Inteligente não Começa nos Minerais. Texto disponível em <http://portalespirito.com/diversos/atuacao-do-principio-inteligente.htm>, acesso em 06.05.2011, às 11:20hs.*
- LEX, A. *Do sistema nervoso à mediunidade*. São Paulo: FEESP, 2009.
- AUNI, A. Princípio Inteligente e matéria inteligente. In *Revista Internacional de Espiritismo*. Ano LXXXVI, nº 04, Matão, SP: O Clarim, maio/2011, p. 182-184.
- Revista Internacional de Espiritismo*. Ano LXXXVI, nº 04, Matão, SP: O Clarim, maio/2011.
- BRUTES, C. A questão espiritual dos animais. In <http://www.searadomestre.com.br/aquestaepiritualaimais.pps>, acesso em 10.08.2012, às 07:49hs.
- Protoplasma: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Protoplasma>, acesso em 19.11.2012, às 14:15hs.
- Léon Denis: [http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9on\\_Denis](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9on_Denis), acesso em 19.12.2012, às 09:31hs.
- PEDRO (Espírito). *Dimensões da evolução*. Divinópolis, MG:

disponível em <http://www.geec.org.br/base/images/pdf-nepe/63.pdf>, acesso em 31.01.2015, às 11:00hs.



***Paulo da Silva Neto Sobrinho***, é natural de Guanhães, MG.

Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG).

Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais.

Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em alguns sites Espíritas na Internet, entre eles:

- O Portal do Espírito: [www.portalespirito.com/](http://www.portalespirito.com/)
- Grupo de Apologética Espírita: [www.apologiaespirita.org](http://www.apologiaespirita.org)
- Panorama Espírita: [www.panoramaespirita.com.br](http://www.panoramaespirita.com.br)

Autor dos livros: *A Bíblia à Moda da Casa*, *Alma dos animais: estágio anterior da alma humana?*, *Espiritismo, princípios, práticas e provas*, *Os Espíritos comunicam-se na Igreja Católica*, *As colônias espirituais e a codificação e Kardec & Chico: dois missionários*; e o Ebook: *Racismo em Kardec?*

Belo Horizonte, MG

[www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net)

e-mail: [paulosneto@gmail.com](mailto:paulosneto@gmail.com)

Tel: (31) 3296-8716